



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marisa Oliveira Lopes

Djunta-mon

outubro de 2016



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marisa Oliveira Lopes

Djunta-mon

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação
Educativa e Supervisão na Formação

Trabalho efetuado sob a orientação da

Doutora Ana Maria Costa e Silva

Doutora Ana Cristina Pires Ferreira

outubro de 2016

Para si minha avó, a mulher mais inspiradora e divertida deste mundo. Obrigado por tudo. Obrigado pelas histórias, pelo carinho, pelo amor, pelos conselhos, pelas partilhas, pelas risadas...

Sentirei sempre a sua falta. Fico eternamente grata por ter estado toda a minha vida ao seu lado e ser como sou, graças a si. Aprendi todos os dias consigo.

Amo-te avó, para sempre.

Agradecimentos

“Ter amigos significa que poderemos sempre fazer mais coisas e adquirir novas ideias. Enquanto partilharmos aquilo que temos, estaremos simplesmente a melhorar a nossa própria personalidade.” (Johnson, 1990, p.62)

Este Estágio é o culminar do meu percurso académico e foi conseguido com o contributo de todos aqueles que me acompanharam e apoiaram ao longo dos anos, são tantos e tão importantes, que é difícil agradecer a cada um. Um grande obrigado.

Agradeço especialmente à minha família: pais, irmãos e sobrinho, vocês são o meu pilar. Sem vocês e sem o vosso apoio, desde sempre, nunca conseguiria ir tanto tempo para um “sítio desconhecido”. Avós, cunhado, tios, tias, primos e primas obrigado pelas palavras de força, pelo apoio constante e pelos conselhos. Amo-vos.

Agradeço aos meus amigos, por serem quem são e como são, obrigado por estarem comigo em todos os momentos, as vossas palavras de alento e de força foram sem dúvida fundamentais para eu conseguir viver esta experiência. Muito obrigado por tudo.

Agradeço às minhas orientadoras por todo o apoio, contributo e paciência que tiveram comigo ao longo desta aventura. Professora Ana Maria e professora Ana Cristina, agradeço-vos muito por tudo o que aprendi, cresci e vivi. Anseio ser tão profissional quanto vocês. Obrigada pela partilha, força e atenção. Foram incansáveis.

Agradeço às profissionais, às mães e às crianças que estiveram na Casa Manuela Irgher, por me acolherem e me trataram como parte da família. Agradeço-vos por ser a “menina branca” que protegiam, orientavam e acarinhavam. Muito, mas mesmo muito obrigado, por tudo.

Alunos, professor e diretor da Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva” obrigado pela experiência e pela atenção que tiveram para comigo ao longo da intervenção, vocês enriqueceram-me muito. Obrigado pelas palavras de carinho, de afeto e de motivação que recebi ao longo de toda a minha estadia. Adorei ser a vossa “professora”.

Obrigado aos profissionais da área da mediação cabo-verdianos que colaboraram na concretização deste Estágio. Agradeço-vos a disponibilidade e atenção dada ao longo de toda a pesquisa sobre a área da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

Agradeço também aos profissionais das diversas instituições da ilha de Santiago que colaboraram connosco.

Obrigado a todos os cabo-verdianos, especialmente, aos santa-cruzenses que se cruzaram comigo e estiveram sempre comigo. O vosso olhar, as vossas palavras, os vossos gestos, os vossos sorrisos, os vossos alentos... foram inacreditáveis, aprendi tanto com todos vocês e com cada um de vocês. Vi algures “nós, cabo-verdianos, precisamos de muito pouco para sermos felizes: sol, mar, música e cachupa é quanto basta” e é tão verdade, vi um povo humilde, alegre, trabalhador, positivo, esperançoso, feliz...*sabi di mais*¹. Ainda não conheci o mundo, mas comecei por vocês e fui uma felizarda.

Agradeço aos membros da Câmara Municipal de Santa Cruz por todo o cuidado e apoio dado ao longo de toda a minha estadia e o grande contributo para a concretização deste Estágio.

Agradeço ao Dr. Júlio e Dr.^a Sandra do Centro de Recursos para a Cooperação e Desenvolvimento, por toda a envolvimento, apoio e cuidado que tiveram comigo durante todo este processo.

Agradeço aos voluntários do programa Muito Mais Mundo, por todo o apoio e experiências que partilharam comigo, foram muito importantes para a preparação desta aventura. Obrigado a cada um de vocês.

Obrigado colegas da licenciatura e do mestrado por me acompanharem nestes maravilhosos 5 anos. Que orgulho pertencer a Educação.

Obrigado aos residentes e funcionários das residências universitárias onde vivi estes 5 anos, foram incríveis comigo, em todos os momentos.

Obrigado professores, a todos os que estiveram comigo ao longo da licenciatura e do mestrado, foram essenciais para eu seguir este caminho. Lembro-me que sempre nos impulsionaram para a flexibilidade, para a importância de conhecer bem o outro e para a importância da resiliência no nosso trabalho, algo que procurei com a concretização deste projeto.

Agradeço, também, aos professores da Universidade de Cabo Verde pelo apoio e orientação na concretização deste Estágio.

Obrigado ao Instituto de Educação pelo apoio e força dada na concretização deste projeto e pelos conhecimentos transmitidos ao longo destes anos.

Obrigado Universidade do Minho, enquanto instituição, por todos os acontecimentos que proporcionaste na minha vida. Espero voltar.

¹ Bom de mais, tradução de crioulo

Djunta-mon

Marisa Oliveira Lopes

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Mediação Educacional e Supervisão na Formação

Universidade do Minho

2016

Resumo

Este trabalho de investigação-ação foi desenvolvido ao longo de nove meses, no âmbito do Estágio académico do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, realizado em Santa Cruz, na ilha de Santiago, em Cabo Verde. O trabalho centrou-se fundamentalmente numa instituição de acolhimento de jovens mães e seus filhos até aos 8 anos, a Casa Manuela Irgher (CMI). Além disso, colaboramos com a Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva” (ESACS) na formação de alunos do clube “agentes da paz”.

Tivemos como propósito trabalhar a mediação educacional, procurando desenvolver dinâmicas coletivas de prevenção de conflitos, bem como a sua resolução e transformação social dos envolvidos.

Em sociedades cada vez mais complexas, existem desafios maiores para a intervenção social. Um desses desafios é a promoção do desenvolvimento sustentável para o qual é importante articular os diferentes recursos e capacitar as pessoas a diferentes níveis, nomeadamente em competências sociais, na prevenção e resolução de conflitos. A mediação constitui uma resposta importante para responder a este desafio.

O trabalho que foi desenvolvido teve como objetivos, fortalecer as competências pessoais, sociais e comunicacionais das mães alojadas na CMI e desenvolver competências de mediação e de mobilização de recursos com as profissionais da CMI. Com vista à concretização destes objetivos gerais desenvolvemos programas de natureza preventiva e transformadora em que a mediação e as suas potencialidades foram exploradas para o fortalecimento de relações pessoais, sociais e institucionais.

Destacamos como principais resultados deste Estágio a promoção de relações e interações positivas nos diversos intervenientes, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, a tomada de decisões para o desenvolvimento pessoal e institucional e a construção de um ambiente de convivência harmonioso reforçando laços pessoais e sociais.

Palavras-chave: Mediação, colaboração, formação, intervenção, investigação, competências

Djunta-mon

Marisa Oliveira Lopes

Professional Practice Report

Master in Education – Mediation and Supervision of Professional Development

University of Minho 2016

Abstract

This work of investigation-action was developed for nine months, within the academic internship of the Master in Education, in the specialization area of Educational Mediation and Supervision in Formation, in Santa Cruz, in the island of Santiago, in Cape Verde. The work was focused essentially in one institution of accommodation for young mothers and their children until they are eight years old, the Casa Manuela Irgher (CMI). In addition to that, we also collaborated with *Professor Alfredo da Cruz Silva* High School. (ESACS).

We had, as our purpose, to work educational mediation, trying to develop collective dynamics of conflict prevention, and also its resolution and local transformation.

In societies that grow more complex each time, bigger challenges arise which create the need for social intervention. One of those challenges is the promotion of sustainable development for which it is important to articulate different resources and to capacitate people in different levels, namely social skills, in the prevention and resolution of conflicts. Mediation is an important answer to this challenge.

The work that was developed had the goals of fortifying the personal, social and communicational skills and develop mediation skills and skills of mobilization of resources within the professionals of the CMI. To achieve these general goals, we developed programs with a preemptive and changing nature in which mediation and its potentialities were explored for the strengthening of personal, social and institutional relations.

We highlight, as main results of this internship, the promotion of positive relations and interactions in the several participants, the development of personal and social skills, the decision making for personal and institutional development and the construction of a harmonious living environment, reinforcing personal and social bonds.

Keywords: mediation, collaboration, formation, intervention, investigation, skills

Djunta-mon

Marisa Oliveira Lopes

Relatoriu de Stagio

Mestrado em Educação – Mediason Educacional e Supervison na Formason

Universidade do Minho

2016

Resumu

Es invistigason-asãu nu disinvolver duranti novi mês, na kuadro di nos stagio académico di mestrado na educação especializado na Mediason Educacional e Supervison na Formason na Santa Cruz, Ilha de Santiago-Cabo Verde. Es trabadxo fika centralizado na “centro de acolhimento de jovens mães” y ses fidxo ti 8 anos di idade na Casa Manuela Irgher (CMI). Alem di keli nu colabora ku escola “secundária Alfredo da cruz silva” (ESACS), na formason di estudantes “agente da Paz”.

Ku es proposta di trabadxo “mediason educacional”, nu procura dizenvolvi um movimento kuletivo di privenson di conflito y si razuluson na transformason social di kes envolvidos.

Nun sociedade kada bez mas komplezo, tem tcheu dizafiu pa intervencion social. Um di kez dizafiu e promuson sustentável di dizenvolvimento y pa keli e preciso dxunta tudu recurso ki sta espadxado pa prepara arguen di difentes kamada social, na compitensia social e privenson di problemas.

Midiason di problema e um forma mas kapaz di risolvi problemas.

Es trabadxo li n fazel ku objectivo di fortaleci “compitensias pessoais, sociais e comunicacionais” di kes mudxeres mai morado na CMI y dxudas dizenvolvi compitensias di mediason y di mobiliza recurso.

Pa konkretiza objectivo geral, nu dizenvolvi programa di prevenson, pa transforma mediason y si potencialidade di relacom di arguen, sociedade e instituison

Nu ta distaka kes prinsipal resultado di kel stagio li: promuson di relason positivu di kes diversu guentis ki participa, dizinvovimentu di compitensia pessoal y social, toma dicizon pa dizinvovimentu pessoal y institucional pa contruson di um ambiente di convivência ku harmonia unido ki ta reforsa laso de patriarcal pessoal y social.

Palavras-chave: mediason, colaborason, formason, intervencion, invistigason, compitensias

Índice Geral

Lista das abreviaturas.....	xix
1. Introdução	1
1.1. Apresentação do tema de Estágio	1
1.2. Apresentação da organização do relatório de Estágio	3
1.3. Contextualização do Estágio	4
1.3.1. Projeto “Eco-sul”	4
1.3.2. Formação com o CRCDD	4
2. Enquadramento contextual do Estágio	7
2.1. Caraterização da instituição de acolhimento do Estágio.....	7
2.2. Caraterização do público-alvo	9
2.3. Diagnóstico de necessidades	10
2.4. Apresentação da área de investigação-ação	13
2.5. Análise da relevância e pertinência da problemática no âmbito da especialização do Mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação.....	14
2.6. Finalidade e objetivos gerais e específicos da intervenção	16
2.7. Integração da estagiária na instituição de acolhimento de Estágio	17
2.8. Identificação das motivações e expectativas da estagiária	18
3. Enquadramento teórico da problemática do Estágio	21
3.1. Contexto de Cabo Verde	21
3.1.1. A situação da mulher, da criança e da família em Cabo Verde	23
3.2. Mediação: origens e difusão do conceito	26
3.3. Meios de resolução de conflitos	28
3.4. A ação da Mediação	29
3.4.1. Uma ação preventiva e formadora.....	29
3.4.2. Um meio de regulação social	30

3.4.3.	Um dispositivo transformador	31
3.5.	Perfil do mediador	32
3.6.	Campos da mediação: a nossa intervenção	34
3.6.1.	Mediação Sociofamiliar	34
3.6.2.	Mediação Comunitária	36
3.6.3.	O papel da mediação na escola	37
4.	Enquadramento Metodológico do Estágio	39
4.1.	Apresentação e justificação da metodologia: investigação-ação.....	39
4.2.	Planificação e implementação do projeto de Estágio	40
4.3.	Técnicas e instrumentos na investigação-ação	43
4.3.1.	Análise documental	44
4.3.2.	Observação participante e conversas informais	44
4.3.3.	Narrativas Biográficas	45
4.3.4.	Inquérito por entrevista	46
4.3.5.	Inquérito por questionário	47
4.3.6.	Reflexão crítica	47
4.3.7.	Registos em post'it	47
4.4.	Instrumentos de auto-supervisão e registo de informações	48
4.5.	Recursos necessários à intervenção e garantia da sua acessibilidade	51
5.	Apresentação e Discussão do Processo de Investigação-Ação	53
5.1.	As atividades desenvolvidas ao longo do Estágio	53
5.2.	Casa Manuela Irgher	54
5.2.1.	Interações positivas	54
5.2.1.1.	Intervenção.....	54
5.2.1.2.	A avaliação	55
5.2.1.3.	Resultados Obtidos	55

5.2.2. Programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos com as profissionais da CMI.....	55
5.2.2.1. Intervenção.....	56
5.2.2.2. Avaliação.....	57
5.2.2.3. Resultados obtidos.....	58
5.2.3. Programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI.....	58
5.2.3.1. Intervenção.....	59
5.2.3.2. Avaliação.....	60
5.2.3.3. Resultados obtidos.....	61
5.2.4. Programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães alojadas na CMI.....	61
5.2.4.1. Intervenção.....	62
5.2.4.2. Avaliação.....	63
5.2.4.3. Resultados Obtidos.....	63
5.2.5. Caso de mediação.....	63
5.2.5.1. Apresentação/ breve descrição do caso.....	64
5.2.5.2. Análise do caso.....	64
5.2.5.3. Intervenção.....	65
5.2.5.4. Resultados obtidos.....	66
5.2.6. Avaliação e discussão da intervenção na CMI.....	66
5.3. Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”.....	70
5.3.1. Intervenção.....	71
5.3.2. Avaliação.....	72
5.3.3. Resultados obtidos.....	73
5.4. Pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.....	73
5.5. Discussão dos resultados e reflexão final do Estágio académico.....	76

6. Considerações Finais	79
6.1. Análise crítica dos resultados e suas implicações	79
6.2. Impacto do Estágio.....	80
6.2.1. A nível pessoal.....	80
6.2.2. A nível institucional	82
6.2.3. A nível de conhecimento na área de especialização	82
Referências bibliográficas	85
Apêndices	91
Anexos	149

Índice de Figuras

Figura 1: Taxa de gravidez na adolescência, menores de 20 anos, por concelho e nacional. Em Cabo Verde. (Imagem retirada do Relatório dos ODM, 2015, p.53).....	26
Figura 2: As ações da mediação social (Torremorell, 2003, pp. 10 - 77. apud Almeida, Albuquerque & Santos, 2013, p.10, citado por Fernandes, 2013, p.14)	35

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização das mães que estiveram na CMI durante o Estágio	9
Tabela 2: Finalidade e objetivos do Estágio	17
Tabela 3: As atividades previstas e as atividades realizadas ao longo do Estágio	42
Tabela 4: Técnicas e instrumentos do processo investigação-ação.....	43
Tabela 5: Interações positivas - Síntese	54
Tabela 6: Programa de desenvolvimento em competências de mobilização de recursos - Síntese	56
Tabela 7: Programa de desenvolvimento de competências em mediação - Síntese.....	59
Tabela 8: Programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais - Síntese	61
Tabela 9: Resultados relativos ao projeto educativo	67
Tabela 10: Resultados relativos ao projeto de autossustentabilidade	68

Tabela 11: Resultados relativos às atividades desenvolvidas com as profissionais	69
Tabela 12: Resultados relativos ao trabalho desenvolvido com as mães.....	70
Tabela 13: Programa de intervenção com os alunos do clube "agentes da paz".....	71

Índice de Apêndices

Apêndice 1: Inquérito por entrevista aos mediadores em Cabo Verde	91
Apêndice 2: Inquérito por questionário implementado nas sessões do programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos	92
Apêndice 3: Inquérito por questionário implementado nas sessões do programa de desenvolvimento de competências em mediação	93
Apêndice 4: Inquérito por questionário implementado com as profissionais da CMI para perceber o efeito do Estágio nas dinâmicas desta instituição.....	95
Apêndice 5: Guião da Lista de verificação e a reflexão para compreender a interação pessoal e social dos diferentes intervenientes da CMI	100
Apêndice 6: Guião do diário de bordo semanal.....	102
Apêndice 7: Guião da reflexão para cada atividade na CMI	103
Apêndice 8: Guião da reflexão para cada mês de intervenção no Estágio	104
Apêndice 9: Lista de verificação e reflexão crítica das interações positivas	105
Apêndice 10: Guião de avaliação das interações positivas	115
Apêndice 11: Avaliação das atividades que promovem interações positivas.....	116
Apêndice 12: Como as profissionais se apresentaram a outras instituições.....	119
Apêndice 13: Resultados relativos aos inquéritos aplicados ao longo do programa de desenvolvimento em competências em mobilização de recursos	121
Apêndice 14: Competências profissionais trabalhadas na sessão	124
Apêndice 15: Inquérito por questionário "Caraterísticas do mediador"	125
Apêndice 16: Reflexões das profissionais sobre a importância da mediação nas dinâmicas da CMI	127
Apêndice 17: Análise dos casos de mediação	129
Apêndice 18: Reflexão da sexta sessão do programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI	130
Apêndice 19: Resultados dos inquéritos por questionário implementados ao longo do programa de desenvolvimento de competências em mediação	133

Apêndice 20: Frases simples sobre o "grupo"	136
Apêndice 21: Guião das emoções	137
Apêndice 22: Exemplos de afetos	138
Apêndice 23: Reflexão das mães sobre os afetos	139
Apêndice 24: Desenhos das mães sobre o futuro	140
Apêndice 25: Avaliação das mães em todas as sessões	145
Apêndice 26: Instrumento de auto-supervisão da estagiária na dinamização de cada sessão do programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães	146
Apêndice 27: Certificado de participação distribuído por todas as profissionais da CMI	147
Apêndice 28: Guião da reflexão final para os alunos do clube "agentes da paz" da ESACS.....	148

Índice de Anexos

Anexo 1: Declaração de autorização de divulgação do seu nome no presente relatório da CMI	149
Anexo 2: Declaração de autorização de divulgação do seu nome no presente relatório da ESACS	150
Anexo 3: Declaração de autorização de divulgação do seu nome no presente relatório da CMSCZ	151
Anexo 4: Certificado da formação: "Formação Geral em Voluntariado para a Cooperação"	152
Anexo 5: Horário das profissionais da CMI	153
Anexo 6: Projeto educativo e a declaração da aceitação do uso das fotografias no projeto educativo	154
Anexo 7: Instrumento de autorregulação para as profissionais	166
Anexo 8: Projeto de autossustentabilidade.....	167
Anexo 9: Protocolo estabelecido com uma instituição da ilha de Santiago e o requerimento para as utentes da CMI	170
Anexo 10: Folheto de divulgação da CMI	175
Anexo 11: Website da CMI	176
Anexo 12: Certificado da intervenção na ESACS	177

Lista das abreviaturas

- AMSES:** Associação Missionária de Solidariedade para o Desenvolvimento
- ASDE:** Associação e Desenvolvimento Cabo-Verdiana
- CIGEF:** Centro de Investigação e Formação em Género e Família
- CFPSC:** Centro de Formação Profissional de Santa Cruz
- CMAB:** Centro Missionário da Arquidiocese de Braga
- CMI:** Casa Manuela Irgher
- CMSCZ:** Câmara Municipal de Santa Cruz
- CRCD:** Centro de Recursos para a Cooperação e Desenvolvimento
- DSSC:** Delegacia de Saúde de Santa Cruz
- Eco-Sul:** Estágios Académicos em Contextos do Sul
- ESACS:** Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”
- ICCA:** Instituto Cabo Verdiano da criança e do adolescente
- ICE:** Instituto de Comunidades Educativas
- ICIEG:** Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género **IE:** Instituto de Educação
- MMM:** Muito Mais Mundo
- UMinho:** Universidade do Minho
- Uni-CV:** Universidade de Cabo Verde
- IDH:** Índice de Desenvolvimento Humano
- ODM:** Objetivos de Desenvolvimento do Milénio
- INE:** Instituto Nacional de Estatística

1. Introdução

“- Xtória, Xtória!...

- Furtuna d'nox, ámen!”²

(Da Silva, 2004, p. 273)

1.1. Apresentação do tema de Estágio

Este relatório está integrado nas exigências do Estágio académico do 2º ano do Mestrado em Educação, na área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação da Universidade do Minho, realizado pela aluna Marisa Lopes e, orientado pela professora Ana Maria Silva da UMinho (Universidade do Minho) e pela professora Ana Cristina Ferreira da Uni-CV (Universidade de Cabo Verde).

O Estágio académico foi desenvolvido entre o mês de outubro de 2015 e junho de 2016, na CMI (Casa Manuela Irgher), um centro de acolhimento de mães solteiras e seus filhos em situação de vulnerabilidade social. Ao longo da nossa estadia, em Cabo Verde, também intervimos na ESACS (Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”). Estas instituições estão sediadas no Município de Santa Cruz, na ilha de Santiago em Cabo Verde. Ainda, para complementar este Estágio académico, realizamos uma pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

Todos os nomes divulgados neste relatório de Estágio, nomeadamente a CMI, a ESACS e a CMSCZ (Câmara Municipal de Santa Cruz) estão devidamente autorizados pelas instituições, como podemos conferir no anexo 1, 2 e 3, respetivamente.

Este projeto intitula-se de “Djunta-mon”, uma expressão em crioulo que significa “ (...) dar as mãos, apoiar-nos” e, que se associa à mediação, um “processo fundamental, com enormes potencialidades, porque valoriza a condição humana, independentemente do contexto social em que emerge, sendo capaz de impulsionar mudanças” (Alves, 2014, p.29).

Esta ideia de mudar e transformar a realidade é corroborada por Freire (2012) quando afirma que “ (...) nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptarmos a ela” (Freire, 2012, p.75). Neste seguimento, para o autor, “ (...) mudar é difícil, mas é possível (...) ” (Freire, 2012, p.76), muitas vezes com uma intervenção consistente e adequada às necessidades reais do contexto de

² História, História!

Nossa fortuna, ámen.

intervenção. Na nossa opinião, quando intervimos temos que ir ao encontro das necessidades identificadas de modo a colmatar ou reduzir as dificuldades institucionais do contexto, de modo a que a intervenção seja potenciadora de transformações e soluções.

No que diz respeito a este projeto, foi importante para a estagiária ser mediadora de forma simples para facilitar o diálogo entre as partes e conseguir intervir de forma clara e objetiva, isto porque, o mediador é a pessoa que “ (...) assume a função de ponte, ligação ou catalisador nos processos de mediação” (Torremorell, 2008, p. 22). Deste modo, no decorrer da intervenção procuramos agir de forma imparcial, promovendo a participação e reflexão de todas as partes envolvidas.

Ao longo deste Estágio procuramos desenvolver estratégias lúdico-pedagógicas promotoras de reflexão e transformação de comportamentos e atitudes de maneira a conseguirmos um trabalho enriquecedor para todos os participantes, pois “ (...) a educação deverá ser um instrumento de promoção de igualdade de oportunidades e favorecer a justiça social” (Almeida, 2009, p.28).

Com este trabalho de investigação-ação tencionamos explorar o conceito da mediação e as suas potencialidades interventivas e transformadoras nos contextos de intervenção, quer na CMI, como na ESACS, tendo em conta o diagnóstico de necessidades efetuado e o contributo do mesmo para os envolvidos, isto porque, uma intervenção na área da mediação é adequada aquando respeita os interesses das partes.

Esta experiência profissional demonstrou o contributo da mediação para a transformação local, que agindo cooperativamente pode transformar as sociedades, sem ser a “salvadora da pátria”, mas sim, como um processo de desenvolvimento de competências socialmente importantes, que agindo numa ação reflexiva e crítica promove uma união e convivência saudável entre os envolvidos.

Tendo como referência esta experiência, acreditamos que as instituições que albergam a mediação nas dinâmicas institucionais proporcionam melhores condições de trabalho e de convivência diária, permitindo que o diálogo flua de modo natural, em que predomina o respeito mútuo entre os participantes.

A nosso ver, a ação da mediação deve ser um procedimento duradouro e coordenado, envolvendo a nível macro a sociedade, isto é, quanto mais as pessoas, empresas, entidades se envolverem e participarem ativamente na reflexão das questões problemáticas que permanecem na sociedade, mais e melhor se faz com a mediação, isto porque, promove o diálogo e a interação positiva entre os envolvidos, procurando dar voz a cada um.

1.2. Apresentação da organização do relatório de Estágio

O presente relatório está estruturado de forma a dar conta de todo o percurso efetuado para a concretização do mesmo. Assim, está dividido em seis capítulos devidamente assinaladas.

A introdução é o primeiro capítulo do relatório, onde apresentamos de forma sucinta o contexto, a área de intervenção, a estrutura do mesmo, uma breve abordagem ao projeto Eco-sul (Estágios Académicos em Contexto do Sul) e a pertinência da formação do CRCDD.

De seguida, no capítulo 2, do enquadramento contextual do Estágio, exploramos a caracterização da instituição, a caracterização do público-alvo, o diagnóstico de necessidades, a apresentação da área de investigação-ação. Fazemos também análise da relevância e pertinência da problemática no âmbito da especialização do mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, apresentamos a finalidade e objetivos gerais e específicos da intervenção, integração da estagiária na instituição de acolhimento de Estágio, bem como, fazemos a identificação das motivações e expectativas da estagiária nesta intervenção.

No terceiro capítulo, de enquadramento teórico, apresentamos a realidade social e cultural de Cabo Verde e fazemos uma revisão bibliográfica do que é a mediação e as potencialidades da sua intervenção, a fim de fundamentar os pressupostos da nossa ação.

No capítulo seguinte, fazemos o enquadramento metodológico, apresentando a metodologia utilizada neste projeto, a investigação-ação, bem como os instrumentos e as técnicas utilizadas em todo este processo que sustentam a nossa ação. Fazemos também referência às limitações sentidas ao longo do Estágio e os recursos mobilizados para a concretização deste.

No quinto capítulo, designado de apresentação e discussão do processo de investigação-ação, fazemos uma análise aprofundada de todas as intervenções, tendo em conta os objetivos delineados, os procedimentos utilizados, os instrumentos mobilizados e os resultados obtidos em articulação com os referenciais teóricos abordados ao longo do relatório.

De seguida, no último capítulo, as considerações finais, refletimos sobre os principais resultados do nosso trabalho e as implicações do mesmo a nível pessoal, a nível institucional e a nível do conhecimento da área de especialização.

Redigir este relatório, significa transpor para palavras um ano de pesquisa, de intervenções, de aprendizagens, de experiências e de conhecimentos. Acreditamos que colocar em palavras sobre tudo isto fica aquém daquilo que realmente significou profissionalmente e pessoalmente para os envolvidos, especialmente para a estagiária.

1.3. Contextualização do Estágio

1.3.1. Projeto “Eco-sul”

Este Estágio académico faz parte de um novo programa Eco-sul promovido pela UMinho mais concretamente pelo CRCD.

Está integrado no programa de mobilidade Muito Mais Mundo (MMM) e insere-se neste contexto atual de mudança e de adoção de uma nova agenda do desenvolvimento internacional, assumindo, deste modo, uma dimensão de educação para a cidadania global. Visa, igualmente, o reforço do conhecimento local no espaço da Lusofonia e surge como um contributo para uma cultura de cooperações transversais à UMinho.

O Eco-sul assume-se como um mecanismo de internacionalização dos mestrados, permitindo aos estudantes a aquisição de competências de “cidadania do sul”, valorização do conhecimento não-ocidental, de inovação no contexto do desenvolvimento, assim como enfatiza a relevância pedagógica da internacionalização para a formação de futuros profissionais da educação.

A primeira fase deste projeto arrancou em Cabo Verde com este Estágio académico, através de uma parceria entre o IE/UMinho (Instituto de Educação/Universidade do Minho), a Uni-CV e a CMI, na Ilha de Santiago, Município de Santa Cruz.

1.3.2. Formação com o CRCD

Antes de partir para Cabo Verde e para uma preparação adequada, a estagiária participou numa formação de 33 horas, intitulada de “Formação em Voluntariado para a Cooperação” promovida pelo CRCD, ICE (Instituto de Comunidades Educativas) e CMAB (Centro Missionário da Arquidiocese de Braga), tal como comprova o certificado recebido (cf. anexo 4). Nesta formação, também participaram os cinco voluntários do programa de mobilidade MMM.

Ao longo da formação foram trabalhados diversos temas, nomeadamente: a solidariedade, a cidadania e o voluntariado, os conceitos de desenvolvimento, a cooperação para o desenvolvimento, o voluntariado para a cooperação, a educação para a cidadania global, a interculturalidade, a metodologia de projeto e a formação específica tendo em conta os países e área de atuação. Estes assuntos foram importantes para intervirmos de forma consciente e estarmos prontos para as especificidades do local de intervenção.

Consideramos que esta formação foi muito importante para o empoderamento pessoal, social e profissional da estagiária, mas foi também, uma forma de aproximação ao contexto de Estágio, e

de conhecer os colegas que no mês de agosto de 2015 estiveram a intervir no mesmo município e que, após o seu regresso, transmitiram as suas experiências.

2. Enquadramento contextual do Estágio

“Éra un bes un ómi ku un mudjer ki tenb un munti ténpu kasádu, sem k'es tem un fidju pa ramédi. Komu ses idádi dja stába avansádu y es tenba gána di tem pelu menu un fidjo.”³ (Da Silva, 2004, p. 136)

2.1. Caracterização da instituição de acolhimento do Estágio

A CMI é uma instituição sediada na ilha de Santiago, em Cabo Verde, no Município de Santa Cruz. Esta é uma instituição de acolhimento para mães solteiras, com filhos até aos 8 anos e em situação de vulnerabilidade social.

Foi inaugurada a 23 de Novembro de 2008 e iniciou o seu funcionamento no dia 2 de Dezembro de 2008. Durante a primeira fase, a instituição funcionava apenas durante o dia; posteriormente passou a funcionar a tempo inteiro, com acolhimento noturno, a partir de Fevereiro de 2010.

É uma organização italo-cabo-verdiana, que foi idealizada pela Associação Missionária de Solidariedade para o Desenvolvimento (AMSES), italiana, com a colaboração da Associação e Desenvolvimento Cabo-verdiana (ASDE) e a CMSCZ.

A instituição teve na sua génese uma doação de um casal italiano que, após perder a sua única filha de 17 anos num acidente de viação, resolveu homenageá-la ao cumprir um dos seus desejos. A jovem sempre manifestou interesse em fazer algo útil para a humanidade, principalmente com aqueles que mais precisavam.

A AMSES projetou a sua intervenção procurando financiamentos e a colaboração de voluntários e assume atualmente as funções de monitorização. A ASDE, cuja responsável é a diretora da CMI, gere o funcionamento da organização proporcionando pessoal responsável pela dinamização da casa. Esta Associação, desde a sua fundação, tem vindo a desenvolver projetos de cooperação e solidariedade em Cabo Verde juntamente com o Centro de Missões Estrangeiras dos Frades Capuchinos de Piamonte, Itália.

A CMI insere-se num projeto mais amplo de promoção de desenvolvimento local que inclui também uma pousada, a Casa da Amizade, que acolhe hóspedes e voluntários. Esta pousada tem dois objetivos: criar fontes de rendimento para a CMI e proporcionar oportunidades de trabalho às utentes da CMI.

³ Era uma vez um homem com a sua mulher, estavam casados há muito tempo e não tinham filhos, como a idade estava a avançar ele tinha vontade de ter pelo menos um filho....

A instituição encontra-se sediada no Município de Santa Cruz por duas razões fundamentais: pela cooperação existente entre um Frade Capuchinho e o ex-presidente da CMSCZ; e ainda devido às características do concelho de Santa Cruz. Após um inquérito realizado em meados da década de 2000, verificaram-se várias dificuldades numa larga faixa da população residente, nomeadamente alcoolismo, desocupação, pequena criminalidade e situações de violência face a mulheres e mães solteiras com filhos pequenos.

A CMI é uma instituição cujo objetivo é promover o empoderamento pessoal e social de jovens mulheres e mães solteiras. Para tal, procura desenvolver competências sociais de autonomia financeira, prestando-lhes o acolhimento e atendimento. As jovens mães solteiras acolhidas na CMI vivem, maioritariamente, em vulnerabilidade (situações como abandono, violência doméstica, problemas económicos e/ou familiares), com filhos até aos 8 anos e o objetivo é promover a sua posterior reinserção social. A casa tem capacidade para acolher até 5 núcleos de mãe-filho (s) até aos 8 anos. Estes núcleos podem ficar na CMI pelo período necessário e urgente, tendo como referência o período máximo de 8 meses.

As mães são sinalizadas pelos serviços sociais locais da Câmara e/ou são as educadoras da CMI que, através de um trabalho de instrução territorial, entram em contato com os vários casos sociais. Nestas visitas domiciliárias, as educadoras procuram identificar algumas prioridades: alta, média e baixa. A prioridade alta corresponde aos casos mais vulneráveis, isto é, a mães solteiras que têm fortes carências alimentares, de saúde, de higiene e uma má relação mãe-filho. O segundo, a prioridade média, corresponde a casos de mães solteiras que têm alguma precariedade na higiene, alimentação, e um baixo rendimento económico. A prioridade baixa, diz respeito às mães solteiras que não têm trabalho. A CMI já acolheu mais de quarenta mães e cinquenta e três crianças sendo que a idade média destas mães é dezanove anos.

A rotina na CMI está descrita no Regulamento Interno (s/d, s/p) da seguinte maneira: o acordar acontece às 6h30 (exceto aos feriados que podem ocorrer às 8h), o pequeno-almoço é às 7h15 (exceto aos feriados que pode ser às 8h15). O almoço é por volta das 12h30, o momento de repouso é entre as 14h e as 15h, o jantar é entre as 19h30 e as 22h o momento das mães se irem deitar; às 23h são apagadas as luzes.

A CMI é gerida por três educadoras cabo-verdianas. Estas educadoras foram formadas na Interfaculdade de Educação Profissional da Universidade de Turim, com um curso específico de 8 meses. Durante a sua permanência em Itália, tiveram oportunidade de frequentar estruturas

análogas à CMI, onde puderam obter uma experiência significativa para trabalharem num tipo de estrutura totalmente nova em Cabo Verde.

Juntamente com as educadoras trabalham três auxiliares que fizeram um curso durante 2 meses em Itália, cujas funções estão ligadas ao acompanhamento das mães nas questões de higiene, alimentação e saúde. As tarefas das educadoras e das auxiliares estão expostas de forma clara no projeto educativo da CMI.

2.2. Caracterização do público-alvo

A CMI promove o acolhimento e atendimento a jovens mães solteiras em vulnerabilidade social e a sua posterior reinserção social.

Frequentemente, estas mães antes de entrarem na CMI faziam venda ambulante e/ou eram serventes nas obras, viviam em casas sem instalações sanitárias e/ou sem eletricidade, partilhadas com outros familiares (pais, tios, irmãos). Algumas foram abandonadas pelo pai do filho e/ou não podem contar com ele para o sustento e o cuidado dos filhos.

Durante o Estágio frequentaram a CMI nove mães com os seus filhos. No quadro seguinte apresentamos sumariamente a sua caracterização:

Nome	Idade	Nrº de filhos	Escolaridade
Sofia ⁴	26 Anos	4	4º Ano
Isabela	19 Anos	1	8º Ano
Gabriela	20 Anos	2	7º Ano
Verónica	19 Anos	2	7º Ano
Lidiane	29 Anos	2	11º Ano
Simone	18 Anos	2	4º Ano
Jucilene	23 Anos	3	4º Ano
Catarina	19 Anos	1	6º Ano
Raquel	19 Anos	Entrou grávida do 1º filho	8º Ano

Tabela 1: Caracterização das mães que estiveram na CMI durante o Estágio

⁴ Todos os nomes são fictícios

Cada mãe alojada tem uma educadora referente que é responsável por preparar um plano educativo e promover a sua reinserção social. Um dos objetivos deste trabalho é a reinserção social destas mães, sendo incentivadas e ajudadas a retomar os estudos ou a frequentar cursos profissionais.

As três educadoras realizaram, como já foi referido, um curso intensivo em Itália. A educadora Aurora para além deste curso tem o 12º ano e foi durante cinco anos educadora de adultos. Esteve sempre muito relacionada à Igreja; segundo ela foi preponderante para as funções que exerce hoje, isto porque, na altura em que o Centro ia ser inaugurado uma das meninas que tinha feito o curso com a educadora Camila e Esmeralda desistiu e era urgente uma terceira educadora. A educadora Camila tem o 12º ano, está envolvida desde o início do projeto, realizou o curso intensivo em Itália no ano de 2007. Foi durante dois anos (2011/2012) a coordenadora do centro, mas saiu do cargo quando um elemento externo, assumiu a direção. Entretanto, este elemento foi despedido. A educadora Esmeralda, também foi a Itália no ano de 2007, juntamente com a educadora Camila, fez o 12º ano e ingressou na universidade, no entanto não concluiu o curso, algo que pretende fazer em breve. Aliás todas, no futuro, tencionam frequentar um curso superior. Todas as auxiliares frequentaram o curso de auxiliar socio-sanitário de 2 meses, em Itália no ano de 2009. Estão ligadas ao projeto desde o ano de 2010. A auxiliar Valentina tem o 12º ano, frequentou depois uma formação intitulada de Administração Educativa, sem a concluir. Esteve associada ao centro no início, quando eram realizadas intervenções no terreno, isto é, iam a casa de mães solteiras promover a melhoria na higiene e alimentação destas e dos seus filhos. Por razões financeiras esta iniciativa acabou, e por isso esta auxiliar foi despedida. No entanto, está neste momento como estagiária na CMI. A auxiliar Aline tirou a licenciatura de Assistente Social, mas ainda não defendeu a monografia, trabalha no centro desde o ano de 2010. Já a auxiliar Yasmin trabalha no centro desde 2010 e frequentou a escola até ao 12º ano.

2.3. Diagnóstico de necessidades

No início do Estágio, na CMI, procuramos conhecer o contexto em que íamos intervir e reunir informações importantes para elaborarmos o diagnóstico de necessidades. Para tal, recorreremos a consulta de documentos oficiais, do projeto educativo da CMI e do regulamento interno, da observação participante, de reuniões com entidades cabo-verdianas, das entrevistas abertas e participação em reuniões da equipa educativa, das narrativas escritas e orais das mães.

Reuniões com entidades Cabo-Verdianas: o Instituto Cabo-Verdiano da Criança e do Adolescente (ICCA)⁵, o Centro de Investigação e Formação em Género e Família (CIGEF)⁶, o Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG)⁷, o Centro de Emergência Infantil⁸, o Centro Lem Cachorro⁹, o Centro Noz Kaza¹⁰, o Laço Branco¹¹ e a Verde Fam.¹². Estas reuniões foram importantes para conhecer a realidade cabo-verdiana - mais concretamente da ilha de Santiago - e identificar recursos, nomeadamente recursos humanos, com quem podíamos articular para realizar atividades no âmbito do nosso Estágio e para o futuro da CMI.

Nestas reuniões, pudemos constatar que algumas destas entidades não tinham conhecimento da existência da CMI. Por outro lado, estas reuniões foram importantes para compreender que a situação de mães solteiras em vulnerabilidade social e emocional é um fenómeno frequente em Cabo Verde.

Estas reuniões permitiram, também, proceder ao levantamento de estudos sobre a realidade e cultura cabo-verdiana: questão de género, violência com base no género, crianças em risco, entre outros temas.

Entrevistas abertas com as profissionais, participação em reuniões de equipa e conversas informais: foram relevantes para a elaboração do diagnóstico porque pudemos notar como as profissionais percebem a dinâmica da CMI salientando, concretamente, vários aspetos comportamentais como a desunião do grupo, pouca afetividade entre mãe e filho, desrespeito pela opinião dos outros, incumprimento de regras, entre outros.

⁵ Órgão encarregado da promoção e execução da política de proteção social para a infância e a adolescência, em cumprimento da sua missão e dos seus objetivos, desenvolve um conjunto de programas e projetos, afim de melhor garantir e proteger os direitos das crianças e dos adolescentes, no combate à violência em todas as suas formas.

⁶ Promove atividades de pesquisa, informação, formação e sensibilização sobre os diversos aspetos da problemática do género e da família visando o reforço da igualdade entre os indivíduos de ambos os sexos.

⁷ Funciona como um espaço de integração e articulação horizontal das medidas sectoriais do Governo relativas às problemáticas da igualdade de género e do reforço da capacidade das mulheres, coordenando as políticas públicas e contribuindo para a definição da estratégia governamentais.

⁸ Acolhe crianças e jovens em situação de risco, para uma posterior reintegração na família, quando há condições de integração. Quando não há, ficam no Centro de Emergência Infantil até que essas condições sejam criadas.

⁹ Garante proteção e segurança à criança, em situação de risco e alto risco, em espaço de acolhimento, facilitadores da sua posterior integração escolar, sociofamiliar e/ou profissional.

¹⁰ Lema: Criança Fora da Rua, Dentro da Escola. O projeto consiste na realização de uma ação positiva na vida das crianças e dos adolescentes, colocando-os a salvo de situações de riscos tais como, exclusão social, exploração comercial, uso de substâncias psicoativas, gravidez precoce, violência física, psicológica e sexual, trabalho infantil, entre outros, nomeadamente os que vivem em situação de rua.

¹¹ Um movimento fundado por um grupo de homens que promove a igualdade de género, pelo fomento de alianças com outras instituições/organizações da sociedade civil que se posicionam a favor dos direitos humanos e contra a desigualdade de género e a todas suas manifestações, especialmente contra a Violência Baseada no Género (VBG).

¹² É uma ONG, sem fins lucrativos, que trabalha as questões da família, procurando defender e promover o direito à saúde, nomeadamente à Saúde Sexual e Reprodutiva.

Consulta dos documentos oficiais da CMI: regulamento interno da instituição, no qual são expressas as regras de funcionamento da CMI e normas de comportamento exigidas no que respeita ao empenho, à ajuda, ao uso de material específico e à vida em comunidade.

Da análise deste documento salienta-se também o que é referido relativamente à gestão da casa:

“Como em cada família, a gestão da casa, constitui empenho de todos e seus componentes. É, portanto, trabalho dos hóspedes assegurar o normal desenrolar de toda a atividade comum necessária ao bom funcionamento quotidiano da casa: limpeza, arrumação do espaço, lavagem da roupa comum, cozinha, etc...estas atividades são organizadas por turnos predispostos pelos educadores. A preparação das refeições para toda a comunidade é responsabilidade do hóspede em turno, eventualmente coordenada pela Educadora em serviço. A refeição das crianças é a cargo das respetivas mães. As aquisições dos géneros alimentares são da responsabilidade da Direção. Todos devem evitar desperdício, sobretudo quando se trata da utilização da água. Além disso é obrigatório o cuidado, o respeito e a limpeza de toda a zona da casa.” (Regulamento interno da Casa Manuela Irgher s/d, s/p).

Assim, os “Educadores e voluntários ajudam, mas não substituem os hóspedes no decorrer das tarefas dele próprio.” (Regulamento interno da Casa Manuela Irgher s/d, s/p).

O regulamento interno da Casa Manuela Irgher faz referência ao que é feito pela Direção quando as mães não respeitam as regras da casa “ (...) será formalmente chamada à direção com anotações do diário individual e poderá ter sanções como: turno de trabalho suplementar, proibição das saídas, etc. se insistir no próprio comportamento, sobretudo nos casos mais graves, poderá ser imediatamente suspensa da casa”. (Regulamento interno da Casa Manuela Irgher s/d, s/p).

A observação participante: possibilitou identificar comportamentos e atitudes das pessoas da CMI: quer entre as mães e os filhos, entre as mães, entre as mães e as profissionais, entre as profissionais, contribuindo para conhecermos as interações entre as várias pessoas e o modo como se relacionam entres si. Destacamos alguns exemplos tais como:

“Mãe levanta a voz quando chamada à atenção pela educadora”, “em alguns momentos, as mães ajudam-se nas tarefas domésticas”, “penteiam-se umas às outras”, “nas reuniões da equipa todos os elementos participam e respeitam as opiniões umas das outras”.

Narrativas biográficas orais e escritas das mães: foram fundamentais para nos aproximarmos da história de vida de cada mãe.

Nos momentos de convivência quotidiana pudemos ouvir desabaços das mães sobre o número de filhos, a sua relação com os pais dos filhos, a educação e proximidade com os filhos, como se sentem na CMI, as suas expectativas, entre outras coisas.

Alguns exemplos de mensagens transmitidas foram: “tenho quatro filhos, de três homens diferentes, mas eles não ajudam em nada para criá-los”; “o pai da minha filha foi embora e ela nem tinha um mês, não a registou”; “não tenho relação nenhuma com o pai da minha filha mais velha, ele só a registou e não quis saber de mais nada, agora com o pai dela (filha mais nova) ainda falo sempre com ele”: Relativamente à CMI “ (...) ajudaram-me a educar a minha filha, na alimentação, no vestuário, na saúde e higiene”; “Antes não tinha condições para poder educar as minhas filhas”; “Agora tudo está diferente eu estou feliz porque as minhas filhas não estão a sentir necessidades de nada nem eu (...)”.

Este diagnóstico de necessidades demonstrou que:

- As relações afetivas mãe-filho devem ser potenciadas.
- Alguns comportamentos interpessoais e sociais por parte das mães, que revelam alguma agressividade, falta de cooperação, dificuldade de trabalho em equipa, de respeito pela opinião do outro e dificuldades educativas e de interação com os próprios filhos, devem ser trabalhados.
- No que se refere às profissionais, estas revelam dificuldades em partilharem e transmitirem informações entre si relativas à dinâmica da casa, na resolução de discórdias que surgem no quotidiano da casa, fazem interpretações subjetivas dos comportamentos observados, muitas vezes associando a heranças familiares.

Face às informações recolhidas identificamos como principais necessidades:

- Desenvolver competências sociais e comunicacionais com as mães.
- Trabalhar a interação pessoal e social nos diferentes intervenientes da casa.
- Capacitar as profissionais em competências de mediação.
- Trabalhar com as profissionais a identificação de projetos e a mobilização de recursos para melhorar o funcionamento e dinâmica da CMI.

2.4. Apresentação da área de investigação-ação

Este Estágio académico insere-se no mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, área que é do interesse da estagiária desde a conclusão da licenciatura em Educação.

A licenciatura em Educação permitiu à estagiária ter uma bagagem pedagógica sobre as incidências de um profissional em Educação, pois ser-se educador significa atuar para a mudança, e assim, o nosso trabalho deve incidir:

“ (...) junto dos indivíduos e das comunidades, no sentido do desenvolvimento da sua reflexão crítica. Assim, a prática do educador social torna-se significativa quando este consegue que os indivíduos façam uma introspeção acerca da sua vida e da sua condição humana (pessoal e social) e que mudem esta mesma realidade, caso não seja do seu agrado.” (Ricardo, 2013, p.44).

A escolha recaiu sobre esta área de especialização pois acreditamos que a mediação é fundamental para a construção de relações interpessoais coesas e saudáveis e assim, juntos, construímos uma sociedade de paz e de respeito mútuo, construindo a mudança.

Sendo a CMI uma instituição de apoio e acolhimento a mães solteiras com os seus filhos em situação de vulnerabilidade social, foi importante trabalhar a mediação na sua amplitude, para colmatar necessidades identificadas nesta instituição. Assim, utilizamos metodologias de investigação qualitativa, para conseguirmos compreender as dinâmicas da CMI, no seu todo, apostando numa investigação-ação, em que as intervenientes foram uma peça fundamental na concretização deste projeto.

O trabalho desenvolvido nesta instituição procurou fomentar competências sociais e comunicacionais nas intervenientes e, como, agentes da transformação, optamos por dinâmicas lúdico-pedagógicas consistentes com o contexto. Por isso, a mediação assumiu contornos de prevenção criando momentos de aprendizagens colaborativas, participativas, reflexivas e cooperativas.

2.5. Análise da relevância e pertinência da problemática no âmbito da especialização do Mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação

Tendo em conta as necessidades identificadas na CMI e os objetivos traçados para este projeto foi importante desenhar programas de mediação, nomeadamente de mediação sociofamiliar e mediação comunitária.

Assim, a mediação assume um papel fulcral neste projeto pois permite encontrar “ (...) potencialidades de intervenção mais amplas, integradoras e complementares que várias experiências têm reconhecido como fundamentais no domínio da educação para a

responsabilidade, para a cidadania e para a paz” (Torremorell, 2008 p. 14), isto é, é um processo que promove uma cultura de paz e coesão social dos diferentes intervenientes e assim construir uma convivência saudável.

A mediação procura desenvolver competências pessoais, comunicacionais, relacionais e sociais nas pessoas, para que estas sejam capazes de ouvir e respeitar as opiniões dos outros e promover a transformação da sociedade. É uma metodologia que aposta na prevenção e regulação dos conflitos e na sua resolução, fortalecendo a responsabilidade individual e social, o respeito mútuo e a cidadania ativa.

A mediação caracteriza-se como sendo “ (...) uma atividade educativa, pois o objetivo essencial é proporcionar uma sequência de aprendizagem alternativa (nomeadamente entre pessoas em conflito, explícito ou implícito) superando o estrito comportamento reativo ou impulsivo, contribuindo para que os participantes no processo de mediação adotem uma postura reflexiva”. (Silva, 2011, p. 249).

Assim, pode e deve atuar de forma preventiva, formando e capacitando os envolvidos em competências pessoais, sociais e comunicacionais para construírem relações interpessoais saudáveis. No entanto, é frequente nas relações interpessoais surgirem opiniões, interesses, necessidade diferentes e, em consequência surgirem conflitos.

Tendo em conta as potencialidades da mediação, a nossa intervenção na CMI, nomeadamente na formação em competências de mediação da equipa educativa será importante, pois dadas as suas funções a nível profissional (trabalhar com e para o outro) a mediação em si possibilitará um leque de potencialidades para o seu enriquecimento profissional, no que concerne à aquisição de competências essenciais no contacto com o outro, como por exemplo, a escuta ativa, a empatia, o respeito pelo outro, entre outras coisas.

Por outro lado, trabalhar com as mães competências pessoais, sociais e comunicacionais promoveu a reflexão destas sobre a necessidade de se conhecerem e respeitarem-se mutuamente para uma convivência pacífica e harmoniosa, ou seja, prevenindo conflitos, “ (...) este tipo de intervenção social tem feito com que a mediação, enquanto conceptualização teórica e prática socioprofissional, venha conhecendo uma expansão crescente.” (Silva et al., 2010, p. 120).

A mediação é uma metodologia que procura primeiramente a transformação pessoal para que esta culmine na transformação de um grupo, onde haja respeito entre os diferentes intervenientes. No entanto, a convivência diária, como acontece na CMI, desencadeia conflitos ou falhas na comunicação, isto porque “ (...) é intrínseco ao ato de viver/conviver.” (Gaspar, 2009, p.115). A

mediação surge como sendo um processo alternativo na resolução dos mesmos em que promove um “ (...) clima de confiança, os mediadores são levados a construir um espaço de diálogo que seja propício ao restabelecimento da comunicação entre as partes (...) ” (Bonafé-Schmitt, 2009, p.25).

A dinamização deste Estágio procurou fundamentalmente, através da mediação refletir sobre “ (...) novas possibilidades, criar a partir de incertezas e especular a partir daquilo que ainda não existe (...) ” (Torremorell, 2008, p. 52), tendo como referência todas as informações recolhidas ao longo do diagnóstico de necessidades.

2.6. Finalidade e objetivos gerais e específicos da intervenção

Atendendo às características do contexto de Estágio e às necessidades identificadas, o nosso Estágio tem como finalidade promover o empoderamento pessoal e social das mães e das profissionais da CMI. Com vista à concretização desta finalidade identificamos na tabela que se segue os objetivos gerais da nossa investigação bem como os objetivos gerais e específicos da nossa intervenção.

Finalidade do projeto: Promover o empoderamento pessoal e social das mães e das profissionais da CMI		
Objetivos de investigação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer a cultura cabo-verdiana e as dinâmicas da CMI ▪ Identificar o contributo da mediação no empoderamento pessoal e social das mães e profissionais da CMI: ▪ Observar a transformação dos comportamentos das mães na CMI; ▪ Analisar as estratégias implementadas e o seu contributo para a transformação dos comportamentos das intervenientes. 	
Objetivos de intervenção	Gerais	Específicos
	1. Fortalecer as competências pessoais, sociais e comunicacionais das mães alojadas na CMI	<ul style="list-style-type: none"> a. Aumentar a interação mãe-filho (s); b. Aprender regras de convivência em grupo; c. Compreender e valorizar o papel de cada uma na CMI; d. (Re) Conhecer sentimentos e emoções próprias e dos outros; e. Desenvolver interações positivas entre as diversas intervenientes na CMI; f. Participar na identificação e construção do Projeto Educativo.
	2. Desenvolver competências de mediação e de mobilização de recursos com as profissionais da CMI	<ul style="list-style-type: none"> a. Adquirir conhecimentos e ferramentas para prevenção e resolução de conflitos; b. Desenvolver competências de comunicação, cooperação, autorregulação, entreajuda, corresponsabilidade; c. Construir instrumentos de autorregulação das práticas Identificar projetos e atividades relevantes para o empoderamento social das mães; d. Identificar projetos e atividades relevantes para a sustentabilidade e projeção da CMI; e. Trabalhar a mobilização de recursos importantes para a concretização dos projetos/atividades identificadas.

Tabela 2: Finalidade e objetivos do Estágio

2.7. Integração da estagiária na instituição de acolhimento de Estágio

Este Estágio académico foi realizado ao abrigo do programa de mobilidade MMM criado pelo CRCD e é pioneiro na UMinho.

A nossa presença nesta instituição resultou da solicitação da mesma ao CRCD para colmatar dificuldades que as profissionais sentiam na dinamização do centro. Esta iniciativa foi divulgada pelo CRCD aos mestrados em Educação, a estagiária juntamente com mais três colegas, demonstraram total interesse em participar e por isso entraram em contato com os profissionais do CRCD.

Após estes contatos, começamos a trabalhar para a concretização deste Estágio, participando em formações de sensibilização para saber estar no contexto, partilha de experiências e contatos com agentes da CMSCZ.

Na primeira semana de estadia em Cabo Verde, estivemos na cidade da Praia para nos aproximar da realidade social e cultural de Cabo Verde e reunir com a orientadora da Uni-CV. No decorrer dessa semana entramos em contato com inúmeras instituições e organizações, como o ICCA, ICIEG, CIGEF, Uni-CV, Verde Fam entre outros, que se dedicam ao apoio das crianças e das mulheres em situação de vulnerabilidade social.

À chegada a Santa Cruz, sentíamo-nos prontas para o desafio e otimistas com a nossa intervenção: isto porque, tínhamos reunidas as condições necessárias, um apoio muito forte na UMinho e da Uni-CV, bem como da CMSCZ e do CRCD e, por outro lado, sentimos que as profissionais e as mães da CMI estavam interessadas na nossa intervenção.

A nossa integração na CMI, em Santa Cruz, Cabo Verde foi bem conseguida porque conseguimos conhecer as intervenientes e a sua cultura, transformando a dinâmica da CMI. Para esta boa integração foi essencial a nossa participação na formação promovida pelo CRCD antes da nossa estadia em Cabo Verde.

Foi igualmente importante a possibilidade que tivemos de antes de nos deslocarmos para Cabo Verde falarmos com o grupo de voluntários que tinha estado em Santa Cruz durante o Verão, uma delas na CMI. A partilha deles sobre os aspetos positivos e as dificuldades que sentiram ao longo da sua intervenção foi algo muito importante para saber estar em Santa Cruz.

No dia-a-dia, sentimo-nos sempre acolhidas e reconhecidas pelo nosso trabalho.

A relação que conseguimos construir com os cidadãos e intervenientes da nossa ação foi fundamental para a realização deste Estágio, isto porque o apoio e a partilha de experiências permitiu-nos estar em comunhão com as dinâmicas sociais do contexto cabo-verdiano.

2.8. Identificação das motivações e expectativas da estagiária

As motivações que nos levaram a concretizar este projeto foram inúmeras, nomeadamente: a possibilidade de estar a trabalhar no terreno a mediação, a vivência de uma cultura diferente da portuguesa; a exigência de conhecer uma realidade distinta e saber adaptar-se às circunstâncias; a possibilidade de aprender outros métodos de intervenção; a possibilidade de intervir junto de um público-alvo com características muito próprias; a concretização de um sonho: viajar e conhecer pessoas diferentes.

Foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora, aliciante, trabalhosa, diferente, mas incrível. Antes da chegada e após alguns meses de expectativas, a estagiária face a todo este êxtase pela novidade, pela diferença, pela descoberta, teve consciência que se envolveu demasiado na rotina

e dinâmica da CMI, algo que teve em atenção no decorrer do estágio. Por isso, tentou distanciar-se para não condicionar a intervenção enquanto mediadora.

O nosso maior foco estava na mediação e na forma como podíamos trabalhar este processo nas estratégias da CMI de forma a melhorar as dinâmicas já existentes, tendo em conta que as “ (...) instituições educativas adquirem dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas. (Nóvoa, 1992, p. 15). Isto é, intervir respeitando as dinâmicas existentes sem deturpar a realidade institucional.

A possibilidade de trabalhar com diferentes públicos, em diferentes contextos e num país que não é o de origem da estagiária revelou-se basilar para o nosso crescimento profissional e pessoal. Esta experiência, no seu todo, foi exigente e estimulante pois levou à superação de algumas dificuldades, como as diferenças culturais e sociais existentes entre Portugal e Cabo Verde, as questões linguísticas sendo o crioulo a língua materna em Cabo Verde e, o facto de a estagiária estar sozinha em Santa Cruz fortaleceu o seu empoderamento pessoal, social, relacional e profissional.

As expectativas da estagiária foram muitas tendo em conta a intensidade deste processo e a envolvência do mesmo. No entanto, acreditamos que trabalhamos de forma cooperativa e consistente para a concretização dos nossos objetivos, mas sobretudo para envolver e desenvolver competências com todos intervenientes que estiveram connosco.

A nosso ver, criar expectativas face ao desconhecido é um comportamento normal, em que a ansiedade e a agitação reinam. Contudo, é importante termos consciência do nosso papel enquanto estudantes / estagiários na instituição de acolhimento, pois todas as nossas ideias podem ser concretizadas quando são bem articuladas com a realidade institucional, isto significa que “tudo é possível, com muito trabalho e um pouco de sorte”.

3. Enquadramento teórico da problemática do Estágio

“Cabo Verde fabrica o seu próprio chão, inventa a sua própria água, repete dia a dia a criação do mundo. Porém, se uma simples pessoa não cabe numa crónica, como caberiam um povo e um país?” (Saramago, 1989)

Considerando o título deste relatório, “*Djunta-mor*”, expressão do crioulo cabo-verdiano que significa “dar as mãos” é, para nós, a personificação da mediação, uma vez que a mediação caracteriza-se por ser um “ (...) processo de inter-relação e cooperação entre pessoas, [podendo] converter-se num meio indispensável para a existência de comunidades humanas baseadas na prática efetiva de valores de convivência.” (Torremorell, 2008, p. 19). Assim, consideramos o título oportuno à temática de intervenção, a mediação, e ao contexto em que se realizou, Cabo Verde.

Para um trabalho de investigação-ação adequado foi importante perceber o contexto de intervenção, isto é, o contexto cabo-verdiano, bem como, a situação da mulher, da família e da criança na sociedade cabo-verdiana, algo a que nos dedicamos neste capítulo do relatório.

Do nosso ponto de vista, a mediação educacional, área deste mestrado, é uma vertente ainda pouco explorada, quer em Cabo Verde, quer em Portugal.

Em Cabo Verde, através das nossas pesquisas percebemos que a mediação resolutiva, através das Casas de Direito, é a que tem maior ênfase na sociedade cabo-verdiana. Em Portugal, por outro lado, os estudos realizados são maioritariamente na escola em que exploram o papel da mediação na prevenção e resolução de conflitos nesse meio. Perspetivando estas situações, acreditamos que ainda há muito a ser feito em ambos os países para a exploração e dinamização da mediação no seu todo. Acreditamos que com este projeto de investigação-ação podemos contribuir para potenciar o papel da mediação, especialmente, a mediação educacional em outros contextos, mais concretamente em instituições sociais.

3.1. Contexto de Cabo Verde

Cabo Verde é uma ex-colónia portuguesa e foi encontrado desabitado pelos portugueses entre os anos de 1460 e 1462. Foi na altura da colonização um ponto importante para a reparação e reabastecimento de navios. Na ilha da nossa intervenção, Santiago, era formada por “três classes: brancos, descendência pura de gente europeia; pretos, de descendência pura das alianças dos escravos da Guiné e mulatos, descendência cruzada dos brancos da Europa com negros da Guiné”

(Carreira, 1983, p. 296), demonstrando a diversidade presente no país, já na altura da colonização.

Alcançou a sua independência a 5 de julho de 1975 e mantém até hoje fortes relações com Portugal, sendo que muita da diáspora cabo-verdiana se encontra em solo português, nomeadamente em Lisboa.

Segundo a Unicef (2011), Cabo Verde:

“ É um arquipélago com 10 ilhas (sendo uma desabitada) e 13 ilhotas, situado a cerca de 450 quilómetros ao largo da costa da África Ocidental. O país dispõe de 4,033 mil km quadrados de área e 700 mil km quadrados de Zona Económica Exclusiva (ZEE). As ilhas são divididas em dois grupos que não possuem funções administrativas, mas que historicamente apresentam diferenças que acabam por marcar o desenvolvimento social da sua população “ (p. 20).

Analisando a realidade do país é importante abordar o seu crescimento e desenvolvimento socioeconómico após séculos de colonização. Nas leituras efetuadas é possível observar que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) tem registado uma evolução ao longo dos anos, salientando que era de “ (...) 0.532 em 2000 (quando o índice foi publicado pela primeira vez em Cabo Verde) para 0.636 em 2013. Cabo Verde ultrapassa a média da África Subsaariana que é de 0.502.” (Relatório dos ODM, 2015, p.15). Isto reflete o crescimento e desenvolvimento conseguido nas ilhas com a concretização de alguns Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM).

Tendo em conta os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) de 2007, o Censo 2010 e Inquérito multiobjectivo contínuo realizado em 2013, Cabo Verde poderia já ter concretizado alguns ODM, nomeadamente a redução da pobreza extrema e da insegurança alimentar, sendo que em 1990, 49% da população cabo-verdiana não conseguia ter acesso a uma alimentação adequada, para 26,6% em 2007. Por outro lado, as crianças com menos de 5 anos com insuficiência ponderal, reduziu para mais de metade entre 1994 e 2009 (de 13,5% para 3,9%).

Outro dos objetivos alcançados foi o ensino básico universal, tendo a taxa líquida de escolarização no ensino básico registado aumento de 21.3 pontos percentuais, de 71,5% para 92.8% entre 1990 e 2013/2014.

Relativamente ao objetivo de promover a igualdade de género e a emancipação das mulheres, o mesmo foi alcançado em praticamente todos os níveis de ensino, bem como na alfabetização. Por

outro lado as mulheres estão cada vez mais representadas nos diferentes sectores da economia, alcançando posições de liderança no mundo empresarial (35%) e na administração pública (35%). Relativamente ao objetivo de reduzir a mortalidade entre as crianças, verificou-se uma redução da mortalidade de crianças menores de cinco anos de 56 para 23,6 por mil nados vivos, no período 1990 - 2013. Por outro lado, verificou-se uma melhoria na saúde materna com mais de dois terços das grávidas a fazer pelo menos 4 consultas pré-natais (2005) nos serviços de saúde e mais de 90% dos partos a serem realizados em estruturas hospitalares. Ao mesmo tempo, o uso de métodos contraceptivos aumentou, tendo em conta os dados do ano de 1998 e o de 2005, de 53% em 1998 para 61,3 %. A taxa específica de fecundidade entre as adolescentes (15-19) desceu de 104‰ em 1998, para 92‰ em 2005, e para 62‰ em 2010.

O combate a doenças como o VIH/Sida, malária e outras, registou-se um aumento da taxa de uso do preservativo na última relação de risco, no caso das mulheres, de 55,5% para 68,5% entre 2005 e 2012.

O objetivo de assegurar a sustentabilidade ambiental registou um aumento em 18,5 pontos percentuais, uma vez que em 1990 a proporção de áreas terrestres e marinhas protegidas era de 0,8% passando para 19,5 no ano de 2013.

Por fim, relativamente ao objetivo de desenvolver uma parceria para o desenvolvimento, Cabo Verde tem beneficiado da ajuda pública ao desenvolvimento concedida pelos parceiros bilaterais e multilaterais. Os resultados conseguidos são positivos e propiciam o desenvolvimento social e económico do país. (Dados retirados do relatório dos ODM, 2015, p.12).

A concretização destes ODM espelha o crescimento e desenvolvimento de Cabo Verde após a sua independência. Representa também as suas concretizações para um progresso social e económico sustentável, sendo que as organizações nacionais trabalham cooperativamente para conseguir este progresso, fortalecendo as relações internacionais, bem como, dotando os recursos humanos de competências empreendedoras e construindo uma nação socialmente justa.

3.1.1. A situação da mulher, da criança e da família em Cabo Verde

Para compreender as dinâmicas da CMI consideramos preponderante analisar e refletir sobre a realidade da família, da mulher/mãe e da criança em Cabo Verde.

Antes de fazermos uma reflexão sobre a realidade atual do país, propomo-nos também a abordar historicamente o papel da mulher na família e na criação dos filhos.

A mulher cabo-verdiana, na altura da colonização, procurava engravidar de um senhor branco com o intuito de ascender socialmente. Tal como nos diz Lopes Filho (2003, p.133), “ (...) as mulheres de estatutos mais baixos procuravam ter filhos com homens de classes superiores com vista a ascensão social (...) ”, porque ter um “filho branco” era expressão de alcançar a “aristocratização”, sendo este “feito” socialmente aplaudido e copiado, pois era uma forma de deixar a escravatura.

Tendo em conta esta citação podemos perceber que o povo cabo-verdiano é o resultado entre as relações dos escravos e os homens brancos, tendo por isso uma cultura e sociedade muito próprias:

“ (...) foi deste cruzar de heranças que resultou a sociedade cabo-verdiana (...) numa simbiose das culturas em presença, constituindo-se numa população com uma forte identidade sociocultural, que acabou por dominar o espaço físico e simbólico das ilhas, assim criando um “mundo” com uma cultura de características muito próprias.” (Lopes Filho, 2003, p.81).

Carreira (1977, p.44) aborda a “concubinagem”, ou seja, relações fora do casamento, presente nas dinâmicas sociais das ilhas, relatando que o que mais o admira “ (...) é não se envergonharem as mulheres pretas desta ilha (Santiago) do exercício deste vício horrendo, nem de se despontarem e tratarem como homem que não são seus legítimos maridos ” criando assim, uma cultura própria em que o branco representava 3,3% da população geral, os mistos/ mestiços 60,7% e os pretos 36,0%”. (Carreira, 1977, p. 19). Pelos números, podemos ver que nesta época de colonização, o mestiço representava mais de metade da população cabo-verdiana.

Para o funcionamento da sociedade, as mulheres tinham como “obrigação”, tal como refere mais uma vez, Lopes Filho (2003, p. 137), ser alguém que é “ (...) para além do papel de chefe de família, esposa, mãe, madrinha e filha as mulheres não são apenas transmissoras da nossa cultura, elas são o instrumento essencial das instituições, o fundamento sobre o qual repousa o edifício social”, ou seja, eram preponderantes para o desenvolvimento pessoal e social dos filhos, bem como para o desenvolvimento social do país.

Atualmente verifica-se que em Cabo Verde o agregado familiar é:

“ (...) assente num tamanho médio de 4,2 pessoas” (Censo 2010). Os números do QUIBB¹³ 2007 apontam que 37,6% das famílias em Cabo Verde são monoparentais, isto é, tem apenas um dos progenitores em casa, sendo que em 67,5% destas famílias a mulher é a principal responsável pelas condições sociais e económicas do agregado. No meio rural, 68,4% das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres; no meio urbano a proporção é de 66,8%.” (UNICEF, 2011, p.13).

Tendo em conta estes dados, podemos concluir que é a mulher a chefe da família, em mais de metade dos casos em Cabo Verde, sendo que esta situação predomina no meio rural.

A dinâmica económica e afetiva da família estão em torno da mulher, que segundo as informações da UNICEF, deve-se a alguns fatores, nomeadamente:

“ (i) pela herança histórica da escravidão que assolou o país por anos e que tinha como princípio a não-existência de laços familiares, e a consequente visão da mulher como procriadora; (ii) por factores económicos que fizeram com que grande número de homens – pais principalmente – tivessem que buscar o sustento no exterior; e (iii) pelo valor cultural atribuído a explicações que colocam a necessidade de homens e mulheres terem filhos, ligado a questões do que é ser homem e mulher o que ocorre de forma significativa, independentemente como algo maior do que a da constituição da família a partir do modelo de família nuclear, e acaba em diferentes configurações de família. Independentemente da razão, existe aceitação por parte da sociedade cabo-verdiana da família monoparental chefiada por mulheres.” (UNICEF, 2011,p.24).

Dos diferentes textos e pesquisas efetuadas demonstram o papel importantíssimo da mulher na projeção e desenvolvimento da família, na medida em que são “ (...) sem dúvida, o principal meio de subsídio às necessidades da família e, muitas vezes, a única pessoa responsável por uma maioria de crianças do país.” (Quadro de assistência das nações unidas para o desenvolvimento da Republica de Cabo Verde, 2012 – 2016, p.10) ”.

Cabo Verde é um país insular com realidades distintas de ilha para ilha. Assim, procuramos centrar-nos na ilha de Santiago que, segundo dados do Quadro de Assistência das Nações Unidas para o Desenvolvimento da República de Cabo Verde (2012- 2016, p. 20) “ (...) acolhe 58% dos pobres a nível nacional (11% na Praia e 47% no resto dos municípios) e os 7 municípios da ilha, que têm uma taxa de pobreza acima da média nacional, têm também uma percentagem de

¹³ Questionário Unificado de indicadores básicos de Bem-Estar

mulheres chefes de famílias bem acima da média nacional (48%), máximo de 62% de líderes femininas.” Estas informações espelham a realidade de Santa Cruz, na medida em que é frequente ver mães solteiras a cuidar dos seus filhos.

Para uma reflexão mais aprofundada e crítica sobre a realidade do nosso contexto de intervenção procuramos refletir sobre a gravidez em idades jovens, para isso apresentamos o seguinte gráfico.

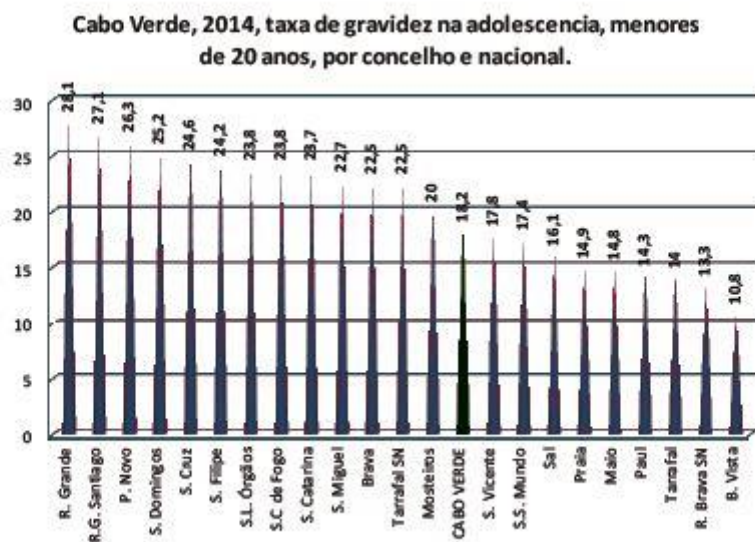


Figura 1: Taxa de gravidez na adolescência, menores de 20 anos, por concelho e nacional. Em Cabo Verde. (Imagem retirada do Relatório dos ODM, 2015, p.53)

Atendendo aos dados acima referidos, podemos observar que em 2014, em Santa Cruz, contexto da nossa intervenção, 24,6% das jovens menores de 20 anos estavam grávidas. Realidade que ultrapassa a média nacional, 18,2%. Na análise deste gráfico, também podemos perceber que Santa Cruz ocupa o 5º lugar a nível nacional relativamente à percentagem mais elevada de gravidez nestas idades.

Esta situação demonstra a relevância da CMI nas dinâmicas sociais de Cabo Verde, especialmente no Município de Santa Cruz.

3.2. Mediação: origens e difusão do conceito

Antes de analisarmos as diferentes ações da mediação e os campos da mediação dinamizados neste Estágio, é fundamental fazer neste enquadramento teórico um estudo relativamente à trajetória histórica do conceito, visto que se trata de um conceito complexo e com intervenções múltiplas.

Definir “mediação” é algo a que muitos profissionais têm-se dedicado ao longo dos anos. No entanto, ainda há uma complexidade em redor da sua definição. Segundo Torremorel (2008, p. 16) “ (...) esclarecer o que é ou não é a mediação, originou, até agora, mais controvérsias, do que pontos de acordo.” Contudo, analisando a origem da palavra podemos verificar que deriva etimologicamente do latim - *medium, medius, mediare, mediato* - que significa intervenção humana entre as duas partes, ou seja, há interferência de um terceiro elemento.

Apesar de ainda ser uma prática recente (cerca de duas décadas em Portugal e também em Cabo Verde), a mediação tem-se evidenciado em contextos diversificados e intervindo a vários níveis, quer preventivos, reguladores e transformadores.

Antes de explorarmos pormenorizadamente o conceito e os campos de intervenção, convém explorar as suas origens. Jean-François Six acredita que a mediação sempre existiu. Na sua opinião a mediação existe desde sempre, em que as pessoas em conflito deslocavam-se ao sábio do grupo e este orientava as partes para a solução, ou seja, sossegava a comunidade. Assim, acreditamos que é difícil traçar, objetivamente, a origem da mediação, mas podemos perceber que é uma prática com muitos anos, embora de forma natural e espontânea.

Nos anos de 1980, assistiu-se a um fortalecimento do processo da mediação segundo Bonafé-Schmitt (2012, p.192) já que foram feitas as “ (...) primeiras experiências de mediação nos bairros, nas áreas familiar e penal (...) ” contribuindo deste modo para a credibilização do conceito, do processo e das suas potencialidades nas intervenções sociais. O mesmo autor refere que ao longo dos anos “ (...) a mediação desenvolveu-se em todos os campos sociais com a mediação escolar, intercultural, empresarial.” (Bonafé-Schmitt, 2012, p.193).

No entanto, o fortalecimento da mediação foi conseguido aquando a sua institucionalização nos anos de 1990 “ (...) com a criação de organizações de mediadores, o desenvolvimento de formações de associações e a publicação de certo número de textos que enquadram essa nova função (...) ” (Bonafé-Schmitt, 2012, p.195) reforçando o seu papel na regulação da sociedade. Porém, a partir do momento da sua institucionalização assistiu-se ao diluimento do conceito num “ (...) certo número de atividades, que não destacam mais a gestão de conflitos, mas a comunicação, a educação e a segurança, aumentando, assim, a confusão conceitual (...) ” (Bonafé-Schmitt, 2012, p.198), algo que justifica a ambiguidade e dificuldade em definir o que é a mediação e o que é mediar, uma vez que atualmente não se restringe a um método alternativo de resolução de conflitos.

Para esclarecermos esta ambiguidade, refletiremos no ponto seguinte sobre aos diferentes meios de resolução de conflitos e as suas principais diferenças.

3.3. Meios de resolução de conflitos

O conflito é algo inerente às relações interpessoais, como nos diz Chrispino (2007, p. 15) é “ (...) toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento (...) ”, ou seja, o conflito tem origem na diferença de interesses, de desejos, de aspirações, de posições que são defendidas pelas partes e pode surgir a qualquer momento.

Millán e Gómez (2006, p.31) dizem-nos que “ (...) em qualquer conflito é normal a falta de diálogo entre as partes implicadas (...) ”, por isso, a resolução e transformação dos conflitos é importante para a sociedade e a convivência saudável entre as partes. Há vários meios para resolver conflitos, nomeadamente o processo judicial, a arbitragem, a conciliação, a negociação e a mediação.

O processo judicial é um processo formal realizado em tribunal, em que o juiz verifica as razões e os factos em discórdia, atribuindo razão a uma das partes, emitindo uma sentença com valor judicial, sem interesse na relação dos envolvidos.

No que diz respeito à conciliação, o conciliador assume a responsabilidade da solução do conflito, conduzindo as partes a chegar a acordo, assumindo-se como protagonista do processo de resolução do conflito.

Arbitragem é o método mais utilizado em problemas técnicos ou que requeiram o conhecimento das regras implícitas na prática de uma determinada área, como o futebol. As partes em conflito recorrem a um terceiro elemento, que toma a resolução, podendo esta coincidir ou não com a posição de alguma das partes em conflito.

Por outro lado, a negociação é uma estratégia que depende unicamente do acordo entre as duas partes.

A mediação caracteriza-se por ser uma “ (...) modalidade extrajudicial de resolução de litígios, de caráter privado, informal, confidencial, voluntário e de natureza não contenciosa, em que as partes, com a sua participação ativa e direta, são auxiliadas por um mediador a encontrar, por si próprias, uma solução negociada e amigável para o conflito que as opõe.” (Lei 78/ 2001 de 13 de julho, art. 35º que criou os julgados da paz em Portugal, citado por Sousa-Vasconcelos, 2009, p.124). Isto é, é um meio que procura fortalecer a relação das partes, através da ação imparcial do mediador.

Esta citação espelha a perspectiva resolutive da mediação que está associada a práticas diferenciadas, desenvolvidas em diferentes contextos, que vão desde contextos escolares até contextos de cariz social, organizacionais.

3.4. A ação da Mediação

A mediação é, como temos vindo a referir, um conceito amplo e com múltiplas intervenções, igualmente ricas e substanciais para o fortalecimento de relações interpessoais e para a construção de uma sociedade com valores sociais promotores de uma convivência saudável.

Assim, procuramos com as nossas intervenções, quer na CMI, como na ESACS, prevenir os conflitos e fomentar um espírito de partilha de opiniões, experiências e de decisões em grupo, uma vez que, a mediação contribui para “ (...) desenvolver a capacidade de tomar decisões, de comunicar de forma positiva e eficaz, de gerar empatia, de estabelecer e manter relações interpessoais, de utilizar as emoções de forma adequada, de utilizar o pensamento crítico e criativo na resolução de problemas.” (Morgado & Oliveira, 2009 p. 53).

Pudemos também explorar a vertente resolutive e transformativa da mediação, isto porque procuramos melhorar a comunicação entre uma profissional e uma das mães alojadas na CMI, transformando deste modo a relação de ambas e, conseqüentemente o ambiente vivido na instituição.

No momento que se segue, abordamos a literatura relativamente à ação preventiva e formadora da mediação, à ação resolutive e reguladora da sociedade e à ação transformadora da mediação. Acreditamos que estas três ações, trabalhadas e exploradas conjuntamente, sejam a peça – chave para a construção de uma sociedade mais igualitária e promotora de convivências saudáveis, pois a mediação promove a diversidade de opiniões e o respeito pelas mesmas, aceita os contributos de cada um, responsabiliza os participantes pelas suas ações, promove a construção do grupo e da comunidade com valores sociais importantes, fortalece as relações, potencia a autonomia e a tomada de decisões, desenvolve as potencialidades das pessoas, estimula a reconciliação através da reconstrução de vínculos, como também procura estabelecer novos laços.

3.4.1. Uma ação preventiva e formadora

Quando nos referimos à mediação como uma ação preventiva falamos sobre as ações pedagógicas da mesma para a construção de uma sociedade de paz e de uma cultura de valores e de respeito recíproco.

A mediação, ao longo da nossa intervenção foi essencialmente uma ação preventiva e formadora de competências pessoais, sociais, profissionais, comunicacionais e relacionais, onde os intervenientes foram os principais envolvidos, isto porque a mediação é um meio “ (...) desenvolvimento de competências sociais/relacionais; capacidades e atitudes comunicacionais; capacidades e atitudes emocionais; atitudes de cooperação e negociação e ainda capacidade de autodeterminação e autonomia.” (Costa, p. 160, citado por Aguiar, 2013, p. 200). O desenvolvimento destas competências fomenta a construção de sociedade cívica ativa e desenvolvimento de relações coesas e possibilita uma convivência mais harmoniosa.

A ação preventiva e formadora da mediação é, a nosso ver, fundamental para o fortalecimento das relações existentes e para a regulação social, uma vez que “ (...) atua ao nível das relações interpessoais, privilegiando os canais de abertura da comunicação para que esta possa surgir em toda a sua plenitude.” (Aguiar, 2013, p.203). Isto significa que o diálogo é o processo fulcral da construção de uma cultura de paz e de respeito mutuo entre as pessoas. Assim, saber comunicar é um forte contributo para o desenvolvimento de uma sociedade com valores mais cooperativos. Nas intervenções conseguidas ao longo deste Estágio potenciamos a mediação como ação formadora e preventiva de conflitos na medida em que fortalecemos as relações existentes e construímos cooperativamente materiais e dinâmicas pedagógicas para uma vivência saudável e promotora de partilhas, tendo em conta que trabalhamos uma “ (...) intervenção educativa na formação para os valores e para as atitudes, com ênfase na aprendizagem cooperativa, em que se valoriza o aprender a ser e a viver em comum de forma responsável (...) ” (Silva, 2011, p. 257). Trabalhar enquanto mediador/ formador implica criar condições de aprendizagem cooperativa e reflexiva em que todos os agentes atuam de forma crítica na partilha de experiências e de saberes, promovendo a justiça social, a vivência saudável, o respeito mutuo, o diálogo horizontal e uma sociedade harmoniosa.

3.4.2. Um meio de regulação social

A mediação é um meio de resolução de conflitos que tem vindo a crescer e a desenvolver competências para a promoção de uma cultura de paz e uma sociedade cívica, promotora de relações interpessoais amigáveis.

Este meio alternativo de resolução de conflitos promove “ (...) a compreensão mútua entre pessoas diferentes, de criação de ligações mais fortes entre indivíduos dentro de uma comunidade, de

procura de melhores formas de relacionamento (...)” (Sousa-Vasconcelos, 2002, p.29), ou seja, é um meio de restaurar relações debilitadas pelo conflito.

A resolução de conflitos, através da mediação, é uma mais-valia para as partes envolvidas, na medida em que fortalece as relações existentes e promove a reparação do vínculo perdido, através de ações cooperativas em que as partes são os principais protagonistas para encontrar a forma correta de dialogar, ou seja, é “ (...) um método de resolução de conflitos em que duas partes em confronto recorrem, voluntariamente, a uma terceira pessoa imparcial, o mediador, a fim de chegarem a um acordo satisfatório.” (Torrego, 2003, p. 5).

A mediação apresenta “ (...) como vantagens principais o fato de ser rápida, confidencial, econômica, justa e produtiva. O tempo normalmente gasto em um procedimento de mediação é muito reduzido, sobretudo se comparado ao tempo do processo judicial.” (Calmon, 2007, p.122), algo que foi corroborado pelos mediadores que conversamos ao longo da nossa pesquisa sobre a área da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

A mediação é, então, um “ (...) meio de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia ao conflito e imparcial, aceite pelas partes em disputa e sem poder de decisão sobre elas, com o objetivo de fazer com que cheguem por si mesmas a um acordo por meio do diálogo e da negociação.” (Jares, 2001, p.159) de modo a que restaurem laços afetivos e sociais, fortalecendo a relação entre as partes e transformem o meio.

3.4.3. Um dispositivo transformador

A mediação como ação transformadora ocorre a partir do momento em que as partes envolvidas no conflito trabalham ativamente para encontrarem meios de resolver o conflito, ou seja, “ (...) os conflitos são vistos como oportunidades ricas para o crescimento e a mediação representa uma alternativa de tirar o máximo partido destas oportunidades.” (Bush & Folger 1994, p.84).

A mediação é vista como um dispositivo transformador quando potencia a prevenção e resolução do conflito através do diálogo e de ações pedagógicas e reflexivas que levam às partes envolvidas no conflito a dialogarem e a encontrarem soluções mutuamente justas. Para tal é importante que o mediador fomente, no momento da resolução de conflitos,

“ (...) a avaliação das responsabilidades de cada um naquele momento (evitando atribuição de culpas); a conscientização de adequação das atitudes, dos direitos e deveres e da participação de cada indivíduo para a concretização desses direitos e para as mudanças desses comportamentos; a transformação da visão negativa para a

visão positiva dos conflitos (percepção do momento do conflito como oportunidade para o crescimento pessoal e aprimoramento da relação); e, finalmente, o incentivo ao diálogo, possibilitando a comunicação pacífica entre as partes, criando uma cultura do “encontro por meio da fala”, facilitando a obtenção e o cumprimento de possíveis acordo.” (Sales, 2007, p.36).

Seguindo esta linha de reflexão, podemos perceber que a mediação promove a reflexão sobre o conflito transformando-o, se possível, num acordo mutuamente benéfico para as partes e, assim, fortalece as relações existentes e conseqüentemente a comunidade envolvida. A transformação da sociedade acontece numa abrangência macro, isto é, através de múltiplas intervenção e a vários níveis.

É importante referir que a mediação é uma atividade educativa e reflexiva, isto porque “ (...) o objetivo essencial é que as partes em conflito se dotem de uma seqüência de aprendizagem alternativa, superando o estrito comportamento reativo ou impulsivo ao adotarem uma resposta reflexiva (...) ” (Silva, 2008, p. 9), ou seja, serem atores conscientes das suas tomadas de decisão e refletirem criticamente sobre o comportamento a adotar em situação de conflitos.

3.5. Perfil do mediador

No que à figura do mediador diz respeito, é importante destacar neste ponto o que significa ser mediador, bem como o que deve ser a postura do mesmo na ação mediativa, isto porque a sua ação influencia as ações das partes envolvidas.

A intervenção do mediador passa por proporcionar aos intervenientes, no processo de mediação, estratégias de comunicação, de interação e de intercompreensão de modo a que se potencie a socialização e o desenvolvimento a nível pessoal e social. Portanto, o mediador é o agente fulcral no processo de mediação. Todavia é essencial reter que a “ (...) figura do mediador jamais assegura, por si só, a atividade de mediação, ou ação mediativa, pois esta só se efetua com a participação ativa e voluntária dos diversos protagonistas intervenientes na (s) situação (ões). ” (Silva, 2011, p.263).

Isto significa que o mediador é a terceira pessoa no processo de mediação; um profissional imparcial, que procura “ (...) empregar técnicas que promovam o desenvolvimento ou manifestação de criatividade, por parte dos mediados (...) ” (Neto & Sampaio, 2007, p.81), algo que procuramos fazer em todas as intervenções quer com as profissionais quer com as mães

alojadas na CMI para que estas fossem criativas e encontrassem soluções criativas e objetivas para as situações.

Segundo Neto e Sampaio (2007, p. 80), as funções do mediador no processo de mediação são inúmeras, nomeadamente:

- “Presta os esclarecimentos necessários de forma clara, objetiva e correta a respeito dos procedimentos e dos objetivos da mediação;
- Formula perguntas de modo empático, construtivo e agregador;
- Busca a clareza de todas as ideias;
- Facilita a comunicação;
- Orienta oportunamente para o futuro com base no presente tendo respeito pelo passado;
- Cria contextos alternativos;
- Focaliza interesses comuns;
- Atribui a decisão aos protagonistas”

Outra das competências exigidas ao mediador é a escuta ativa, isto porque é “ (...) a competência mais poderosa, interessante e útil para mediar qualquer conflito (...) ” (Torrego, 2003, p. 70), ou seja, significa ouvir a mensagem e compreender os sentimentos envolvidos na mesma, procurando fluir o diálogo de forma reflexiva e aprofundada.

Estas funções permitem que o mediador seja alguém flexível que proporciona um bom diálogo e a partilha de opiniões e experiências, tendo como objetivo um ambiente de boa convivência entre as partes.

Como nos diz Silva, Carvalho e Oliveira (2016, p.18) “O mediador é um criador de oportunidades de interação: entre indivíduos, entre indivíduos e organizações, entre organizações e entre os indivíduos, as organizações e a comunidade”.

Saber comunicar é fundamental no processo de mediação, visto que a comunicação é uma estratégia essencial para a organização, partilha e avanço das ideias dos intervenientes. A comunicação é fundamental dentro de uma organização e/ou instituição, visto que “ (...) é o processo vital através do qual indivíduos e organizações se relacionam uns com os outros, influenciando-se mutuamente” (Thayer, 1979, p. 35). Enquanto mediador, é importante saber comunicar “ (...) de modo eficaz sobre as questões essenciais da disputa, a fim de minimizar os danos psicológicos de uma comunicação inadequada” (Breitman, 2001, p.120). Para tal, precisa

de “ (...) estar atento ao tipo de comunicação utilizado nas diferentes culturas, procurando adaptar-se” (Breitman, 2001, p.121).

Na nossa intervenção em Cabo Verde, foi importante conhecermos o contexto e a sua cultura de modo a intervirmos de forma adequada com os intervenientes, com uma cultura própria e diferente da estagiária.

3.6. Campos da mediação: a nossa intervenção

No decorrer deste estágio académico, a mediação ocupou um papel fulcral na dinamização e era do nosso interesse trabalhá-la das diferentes formas de intervenção, algo que temos vindo a referir ao longo da redação deste relatório de Estágio.

Neste sentido, analisaremos de seguida, os campos da mediação trabalhados ao longo do nosso Estágio. Os campos dinamizados vão ao encontro das necessidades recolhidas na fase do diagnóstico, como também, procuram explorar pontos frágeis dos públicos com quem trabalhamos, nomeadamente a mediação sociofamiliar com as dinâmicas sociais da CMI, a mediação comunitária com as profissionais da CMI e outras instituições da ilha de Santiago e o papel da mediação na escola, em concreto a nossa intervenção no clube “agentes da paz” da ESACS.

3.6.1. Mediação Sociofamiliar

Aquando da nossa intervenção na CMI, privilegamos a mediação sociofamiliar isto porque, a CMI é uma instituição que acolhe mães solteiras com os seus filhos, que estão em contacto constante com a sociedade.

Assim, procuramos conduzir o processo de forma cooperativa e confidencial, no qual a comunicação ocupou um papel fundamental nas dinâmicas pedagógicas, na medida em que é um “ (...) veículo das interações que serve especialmente para que as pessoas possam medir o nível das suas discórdias e para poder modificar as próprias discórdias e as que têm com os outros (tradução nossa) ” (Suares, 2002, p.214). Por exemplo, as partes envolvidas na dinamização e credibilização da CMI foram as protagonistas para encontrar as soluções das suas discórdias transformando-as em pontos de partida para a projeção da instituição.

A título de exemplo, quando nas interação com as profissionais dinamizamos atividades para refletirem sobre as atividades/formações relevantes para o seu empoderamento pessoal e profissional, agimos de modo a que as envolvidas trabalhassem no encontro destas atividades/

formações, pois mediar é ajudar os “ (...) participantes a encontrar seu itinerário, sua própria solução (...) ” (Schinitman & Littejonh 1999, p.106), sem interferir ou pressionar as envolvidas. Na mediação sociofamiliar é importante que todas as partes envolvidas trabalhem conjuntamente para a solução da questão, uma vez que “ (...) quando todas as pessoas envolvidas concordam com a definição do problema, o mediador as auxilia a produzir opções para resolvê-lo. Estas opções tendem a ser mútuas, pois o problema agora é mútuo (...) ” (Haynes & Marodini, 1996, p. 14). Ou seja, aquando da nossa intervenção, junto das envolvidas na CMI, definimos conjunta e cooperativamente os interesses das participantes, todos os intervenientes trabalharam mutuamente para atingir esses interesses, sendo que a nossa ação foi guiá-las na concretização dos mesmos.

No quadro que se segue (Torremorell, 2003, pp. 70- 7, *apud* Almeida, Albuquerque & Santos, 2013, p.10, citado por Fernandes, 2013, p.14) é explorado as diferentes ações da mediação social e a influência da mesma na transformação social dos envolvidos.

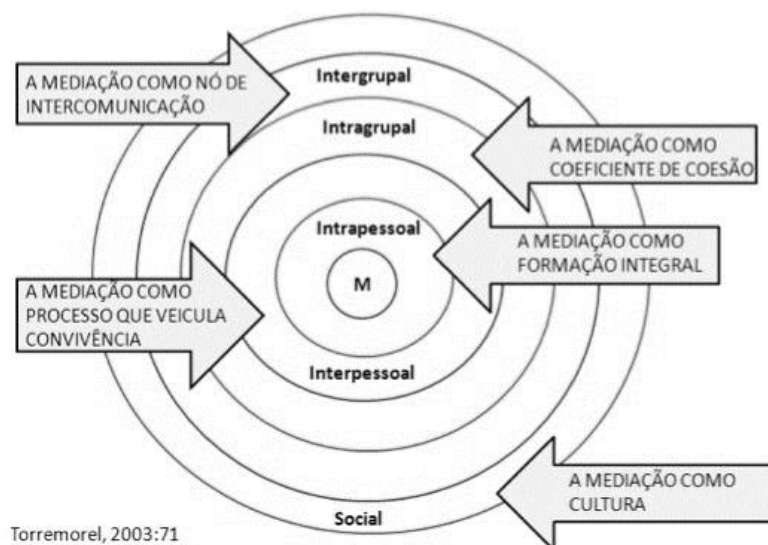


Figura 2: As ações da mediação social (Torremorell, 2003, pp. 10 - 77. *apud* Almeida, Albuquerque & Santos, 2013, p.10, citado por Fernandes, 2013, p.14)

Ao analisarmos pormenorizadamente este quadro, observamos que a mediação quando intervém somente na pessoa, *intrapessoal*, promove a sua formação integral, isto é, desenvolve no indivíduo competências pessoais e sociais benéficas para a construção de um ser socialmente coerente e bem formado. Por conseguinte, quando a mediação atua numa vertente *interpessoal* veicula a convivência os envolvidos; relativamente à ação *intragrupal* na mediação social, promove a coesão

do grupo; no que diz respeito à ação *intergrupala* promove a intercomunicação entre as diferentes entidades; por fim, quando atua socialmente observamos uma mediação como cultura.

Estes parâmetros concretizados, gradualmente, permitem a transformação social, englobando as diferentes facetas dos indivíduos.

3.6.2. Mediação Comunitária

A mediação comunitária também esteve presente ao longo da nossa intervenção, uma vez que procuramos articular a CMI com outras instituições. A mediação comunitária procura “ (...) oferecer a transformação permanente da comunidade e da forma de sociabilidade dos indivíduos pertencentes a uma população de uma cidade, região ou comunidade.” (Sampaio & Neto, 2007, p. 107).

Por outro lado, o convívio contínuo de diferentes intervenientes - como é o caso da CMI - pode gerar conflitos constantes e é importante saber dar respostas coerentes para que haja respeito e reconhecimento das diferenças entre as diferentes pessoas, ou seja, conforme salienta Bonafé-Schmitt (2009, p. 197) “ (...) a mediação não é simplesmente uma técnica de gestão de conflitos, constitui também um processo de aprendizagem de novas formas de sociabilidade”. Assim, a mediação “ (...) contribui para a criação de espaços de diálogo em que as pessoas transmitem diferenças e constroem de maneira participativa, dinâmica e pacífica seus respectivos lugares na sociedade.” (Sampaio & Neto, 2007, p. 107).

Estes procedimentos e estratégias foram tidos em consideração no trabalho desenvolvido ao longo do nosso Estágio, nomeadamente na promoção do diálogo entre diversas entidades da ilha de Santiago facilitando os encontros, promovendo a interação e a comunicação entre os intervenientes, de modo a serem os protagonistas na descoberta de respostas criativas, especificamente na construção de um projeto de autossustentabilidade na CMI.

A mediação é uma “ (...) estratégia promotora da participação, do reforço dos laços sociais e da democracia, no sentido em que contribui para a construção de uma identidade comum, sem pôr em causa a legítima diversidade.” (Oliveira & Freire, 2009, p.14), isto é, não procura só resolver conflitos, é também um processo preventivo dos mesmos, sendo que o mediador promove o desenvolvimento de competências pessoais e sociais fortalecendo as relações interpessoais saudáveis, através de dinâmicas cooperativas, melhorando o “ (...) acesso aos recursos humanos e materiais, o apoio e articulação com outros profissionais e a criação de redes comunitárias.

Trata-se, assim, de um entendimento do papel social e político da mediação, pelo que extravasa largamente a dimensão técnica em que alguns a circunscrevem” (Silva et al., 2010, p.121).

3.6.3. O papel da mediação na escola

Mediar em contexto escolar, como aconteceu na ESACS foi uma experiência enriquecedora e preponderante para o nosso crescimento pessoal e profissional enquanto profissionais da área.

A escola é uma pequena sociedade onde diferentes pessoas convivem diariamente e, por isso, podem surgir momentos de desacordo, designadamente, os conflitos que Torrego (2003, p. 29) considera que “ (...) assumem diferentes aspetos, surgem por motivos diferentes e variam de intensidade, fazem parte da vida das pessoas e, de acordo com o modo como são assumidos, tanto podem gerar conflitos, como, pelo contrário, podem abrir vias de destruição e desconhecimento dos direitos e necessidades que, como seres humanos, todos temos.”

A mediação assume uma atuação preventiva quando é vista como:

“ (...) Um meio de criação, recriação ou renovação de laços interpessoais, que se exerce através da prática formal ou informal de gestão, resolução e, especialmente, transformação dos conflitos pelos indivíduos envolvidos, consistindo num processo de comunicação, cooperação, sustentando-se na premissa do desenvolvimento de competências individuais e interpessoais na resolução dos conflitos. Desta forma, a mediação produz um efeito verdadeiramente capacitador nos indivíduos. E ao apostar na valorização do conflito e na sua (re) apropriação pelos indivíduos, a mediação proporciona o aproveitamento deste como oportunidade de aprendizagem, crescimento e transformação.” (Costa, s.d., p.3).

Por outro lado, o programa de intervenção concebido para a ESACS teve componentes essencialmente preventivas, isto porque procuramos desenvolver competências nos intervenientes de respeito pelo outro, de valorização dos outros, de fortalecimento do grupo.

O nosso papel foi promover um espaço de diálogo, de reflexão crítica, de desenvolvimento de competências de comunicação, de educação para os valores e de trabalho colaborativo, algo que é fundamental na prevenção de conflito, isto porque “ (...) a mediação formadora constitui um dispositivo importante para a aprendizagem experiencial, no qual é essencial a autonomia, a comunicação e a construção de saberes (...) ” (Silva, 2008, p. 11).

4. Enquadramento Metodológico do Estágio

“ (...) Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem trabalho (...) ” (Freire, 2001, p.91)

4.1. Apresentação e justificação da metodologia: investigação-ação

Para a conceção deste Estágio procuramos compreender toda a realidade subjacente à CMI: efetuamos leituras relevantes para compreender a realidade cabo-verdiana, fizemos uma análise das necessidades reais na CMI para assim realizarmos uma intervenção ajustada ao contexto.

Quando nos referimos ao conceito “necessidades” falamos numa discordância entre o estado “atual” (o que é) do contexto e o estado “desejável” (o que deveria ser), como nos elucida o New York Office of Migrant Education (2001, p.5).

A fase do diagnóstico das necessidades foi fundamental para a concretização deste Estágio, pois permitiu-nos dar sentido às decisões tomadas. Isto porque, qualquer dispositivo de educação e/ou formação pode contribuir para alcançar o estado “ideal” no contexto, como refere McCawley (2009, p.3). Para tal, contribui também a avaliação de necessidades, pois, conforme refere McCawley (2009, p.3), “ (...) é um método para aprender o que já foi feito e as lacunas da aprendizagem da instituição. Isso permite que o educador possa tomar decisões informadas sobre os investimentos necessários, alargando assim o alcance e o impacto da intervenção” (tradução nossa).

A metodologia implementada neste Estágio académico foi a investigação-ação, considerando-a a mais adequada. Segundo Ainscow (2000, citado por Sanches, 2005, p.128) a investigação-ação supõe que os próprios grupos-alvo “ (...) assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias e as suas interpretações e análises críticas são usadas como uma base para monitorizar, avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação”.

Por outro lado, Coutinho (2005, p.6) define-a como sendo a “ (...) modalidade de investigação aplicada, inspirada no paradigma crítico, em que o objetivo principal do investigador é intervir diretamente numa situação ou contexto e solucionar problemas reais”. Portanto, é necessário fazer um diagnóstico de necessidades adequado para intervir corretamente, na medida em que esta “ (...) baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da ação pedagógica e lidando com problemas concretos localizados na situação imediata” (Sousa, 2009, p 96).

A investigação-ação insere-se no panorama dos métodos qualitativos, no qual o intuito dos investigadores é conhecer e trabalhar com os vários intervenientes, em que é dada maior importância ao processo pelo qual a investigação se desenvolve do que aos resultados obtidos pela mesma. Isto significa que a investigação-ação é “ (...) mais do que uma metodologia de investigação é uma ciência educativa que potencia a análise crítica e reflexiva sobre a realidade educativa tendo em vista a sua melhoria, bem como do contexto social que a envolve” (Fonseca, 2013, p. 5). Assim, todos os intervenientes são responsáveis pela transformação do contexto. Neste processo de investigação-ação deste Estágio académico foi importante a colaboração, a participação e reflexão de todos os intervenientes nas diversas dinâmicas implementadas, nomeadamente na CMI. Tal como nos diz Isabel Sanches (2005, p.130), o processo de investigação-ação é:

“ (...) questionar os contextos/ambientes de aprendizagem e as suas práticas, numa dialética de reflexão-ação-reflexão contínua e sistemática, está a processar a recolha e produção de informação válida para fundamentar as estratégias/atividades de aprendizagem que irá desenvolver, o que permite cientificar o seu ato educativo, ou seja, torná-lo mais informado, mais sistemático e mais rigoroso”.

Estas práticas permitiram-nos estar atentas às nossas intervenções e melhorá-las sempre que possível. Este processo de investigação-ação foi importante para colmatar as necessidades sentidas na fase de diagnóstico, adaptarmo-nos aos imprevistos de modo a transformar, em conjunto, a dinâmica da CMI.

4.2. Planificação e implementação do projeto de Estágio

A concretização deste Estágio académico exigiu uma planificação concisa, objetiva e clara. Esta planificação foi essencial para a nossa intervenção pois permitiu orientar a prática profissional, promovendo a “ (...) transformação do próprio real” (Barbier, 1993 p.37).

Planificar é um “ (...) processo que consiste em preparar um conjunto de decisões tendo em vista agir ulteriormente para atingir certos objetivos” (Barbier, 1993, p.52). Conforme é sustentado por Barbier (1993, p.52), muitas vezes, um projeto pode nem ser posto em prática, uma vez que dizer não equivale a fazer, o “ (...) projeto veicula a noção de mobilização dos seres e das coisas (...) ”. Ou seja, é “ (...) uma imagem antecipadora e finalizante de sequência ordenada de operações suscetíveis de conduzir a um novo estado da realidade- objeto de ação” (Barbier, 1993, p.66).

Assim, a planificação deste Estágio académico foi feita em outubro mas foram feitas alterações consoante os imprevistos e as solicitações que surgiram ao longo dos meses, isto porque a planificação é a “ (...) totalização do real e ação que visa mudar o mundo: ele desperta significações, nega as negações anteriores. Contudo, ao mesmo tempo em que é portador de ambição, o projeto toma consciência dos seus limites” (Boutinet, 2002, p.57).

No quadro que se segue, exploramos de forma sucinta as atividades previstas em outubro de 2015 e as que foram realizadas ao longo do Estágio.

Fases	Atividades previstas	Atividades realizadas	
Diagnóstico de necessidades	Reunião com entidades cabo-verdianas	Reunião com entidades cabo-verdianas	
	Revisão da bibliografia	Revisão da bibliografia	
	Reunião com as orientadoras e acompanhante de Estágio	Reunião com as orientadoras e acompanhante de Estágio	
	Observação e participação nas dinâmicas da CMI	Observação e participação nas dinâmicas da CMI	
	Realização de visitas domiciliárias de mães a acolher na CMI	Realização de visitas domiciliárias de mães a acolher na CMI	
Conceção e implementação	Conceção de instrumentos de auto-supervisão	Conceção de instrumentos de auto-supervisão	
	Conceção e implementação do programa de promoção de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães solteiras e instrumentos de avaliação	Conceção e implementação do programa de promoção de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães solteiras e instrumentos de avaliação	
	Conceção e implementação de atividades que promovam interação pessoal e social dos diferentes intervenientes da CMI	Conceção e implementação de atividades que promovam interação pessoal e social dos diferentes intervenientes da CMI	
	Conceção e implementação do programa de competências em mediação e mobilização de recursos com as profissionais e instrumentos de avaliação	Conceção e implementação do programa de mobilização de recursos com as profissionais e instrumentos de avaliação	Conceção e implementação do programa de mobilização de recursos com as profissionais e instrumentos de avaliação
		Conceção e implementação do programa de competências em mediação e instrumentos de avaliação	Conceção e implementação do programa de competências em mediação e instrumentos de avaliação
		Conceção e implementação do programa de competências em liderança, relações interpessoais saudáveis, prevenção do conflito, de mediação e da importância do voluntariado com os alunos do clube “agentes da paz”.	Conceção e implementação do programa de competências em liderança, relações interpessoais saudáveis, prevenção do conflito, de mediação e da importância do voluntariado com os alunos do clube “agentes da paz”.
		Pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde	Pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde
Conceção e implementação de instrumentos de avaliação do impacto do Estágio	Conceção e implementação de instrumentos de avaliação do impacto do Estágio		
Reflexão, avaliação e redação do relatório de Estágio	Análise e reflexão sistemáticas ao longo do Estágio	Análise e reflexão sistemáticas ao longo do Estágio	
	Análise e reflexão sobre a avaliação do efeito do Estágio	Análise e reflexão sobre a avaliação do efeito do Estágio	
	Redação do relatório do Estágio	Redação do relatório do Estágio	

Tabela 3: As atividades previstas e as atividades realizadas ao longo do Estágio

Na análise do quadro anterior é possível observar que a concretização da planificação de outubro de 2015 foi conseguida, à qual foi integrada mais duas intervenções que surgiram a partir das interações e conhecimento mútuo com intervenientes locais. As duas atividades que acrescem à planificação inicial são: a intervenção na ESACS com a conceção e implementação do programa de competências em liderança, relações interpessoais saudáveis, prevenção do conflito, de mediação e da importância do voluntariado com os alunos do clube “agentes da paz” e a pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

4.3. Técnicas e instrumentos na investigação-ação

Contextos de obtenção, registo e avaliação	Diagnóstico de necessidades	Registo de informações e monitorização	Avaliação continua	Avaliação final	Auto supervisão da estagiária
Contextos de Intervenção					
Casa Manuela Irgher	<ul style="list-style-type: none"> • Conversas informais • Entrevista abertas • Análise documental • Observação participante • Narrativas biográficas 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotos • Diários de bordo • Planificação das atividades • Notas de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Mini – reflexão • Inquérito por questionário • Registos em Pos’it 	<ul style="list-style-type: none"> • Inquérito por questionário 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação + reflexão • Reflexão crítica ao fim de cada atividade • Diário de bordo • Reflexão crítica mensal
Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”	<ul style="list-style-type: none"> • Conversas informais 	<ul style="list-style-type: none"> • Fotos • Diários de bordo • Planificação das atividades • Notas de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão oral 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão crítica final 	<ul style="list-style-type: none"> • Diário de bordo • Reflexão crítica mensal • Reflexão crítica no final da intervenção
A mediação em Cabo Verde	<ul style="list-style-type: none"> • Inquérito por entrevista e análise documental 				

Tabela 4: Técnicas e instrumentos do processo investigação-ação

No seguimento do quadro acima exposto, podemos referir que para a concretização deste Estágio académico e, atendendo a todos os eixos de intervenção, procuramos diversificar os métodos e/ou técnicas de recolha de informação e processamento das mesmas, para assim recolhermos e analisarmos de diferentes formas o contexto e a intervenção feita.

Entre todos os métodos e técnicas de recolha de dados, de processamento de informação e de avaliação, utilizamos os seguintes: análise documental, observação participante e conversas informais, narrativas biográficas, inquérito por entrevista, inquérito por questionário, reflexão crítica individual e registos da opinião das mães em post'it.

4.3.1. Análise documental

Para conseguir um diagnóstico de necessidades mais real e objetivo foi importante proceder à análise dos documentos oficiais da CMI, uma vez que o “ (...) processo de investigação é iniciado a partir das ideias e conceitos selecionados (...) ” (Tuckman, 2000, p.61).

A análise documental é uma técnica de recolha de dados fundamental porque “ (...) a atenção incidirá principalmente sobre a sua autenticidade, sobre a exatidão das informações que contém, bem como sobre a correspondência entre o campo coberto pelos documentos disponíveis e o campo de análise da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.203). Sendo esta fonte estável e rica, procuramos informações relativamente ao regulamento interno, informações referentes à equipa educativa entre outros aspetos.

Também para estarmos cientes dos objetivos do clube “agentes da paz” da ESACS foi importante analisar o projeto do mesmo, para que as intervenções e a nossa postura fossem ajustadas ao programa.

4.3.2. Observação participante e conversas informais

A observação permite observar “ (...) comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou testemunho.” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.197).

Segundo Morgado (2012, p.89), observar significa que o investigador “ (...) estuda os modos de vida no interior da própria comunidade tentando não os perturbar e interferindo o menos possível (...) ”, algo que foi fundamental na nossa estadia para compreender a realidade dos intervenientes. Durante a permanência na CMI, procuramos observar e fazer registos dos comportamentos e atitudes, pois a memória é seletiva e podíamos esquecer algo relevante para a investigação-ação.

Os registos dessa observação foram feitos nos diários de bordo, na lista de verificação das atividades e na reflexão das mesmas.

Inicialmente a observação foi realizada de forma mais sistemática de modo a que os intervenientes nos aceitassem, para posteriormente participarmos ativamente nas dinâmicas da CMI, sabendo que deveríamos ser menos participativas quando se justificasse. Tal como nos refere Bogdan e Biklen (1994, p.125) “ (...) nos primeiros dias de observação participante (...) o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. À medida que as relações se desenvolvem, vai participando mais.” De realçar que quando o investigador participa e se envolve de mais, corre o risco, segundo os autores de passar a ser um “indígena” Bogdan e Biklen (1994, p.125), ou seja, alguém que se esquece dos objetivos iniciais da sua investigação, depois de se envolver demasiado nas dinâmicas sociais que estava a investigar.

Paralelamente à observação feita, existiram conversas informais. Estas conversas informais são um meio de aproximação ao real mais espontâneo e descontraído permitindo a desconstrução da realidade do contexto. Ou seja, estas conversas permitem ao investigador captar elementos verbais e não-verbais dos intervenientes, trazendo informações enriquecedoras para o diagnóstico de necessidades.

A observação e as conversas informais foram aproveitadas ao longo de todo o Estágio e nas diferentes intervenções, visto que foi uma forma de receber o *feedback* das nossas práticas e posterior reflexão, com o intuito de as melhorar.

4.3.3. Narrativas Biográficas

Atendendo às histórias de vida das mães solteiras consideramos que as narrativas biográficas foram uma fonte de recolha de dados importante para o diagnóstico de necessidades.

As narrativas biográficas foram utilizadas com as mães residentes na CMI na fase do diagnóstico de necessidades e foram solicitadas ao fim de dois meses, já quando existia confiança suficiente entre a investigadora e as participantes, com o objetivo de exporem a sua experiência pessoal antes e durante a permanência na CMI. Estas narrativas biográficas foram conseguidas de forma oral e escrita.

Procuramos este meio de recolha de dados, pois, como afirma (Silva, 2005, p.90), “ (...) implica uma grande disponibilidade dos participantes, manifesta na sua disposição para aceder ao diálogo, para abrirem as suas vidas e as suas intimidades, mas também do tempo necessário para que o mesmo decorra com tranquilidade, sem ser controlado, um tempo concorrente com o tempo do

trabalho ou do lazer (...)”, algo que aconteceu neste Estágio. Ou seja, a realização de pequenas tarefas domésticas revelaram-se fundamentais para as mães solteiras se sentirem à vontade para exporem a sua vida pessoal, o porquê de estarem na casa e como imaginam a sua vida quando saírem da CMI.

4.3.4. Inquérito por entrevista

Com o intuito de solidificar a informação recolhida, recorremos ao inquérito por entrevista aberta, uma vez que com esta técnica temos a possibilidade de inquirir as várias profissionais proporcionando uma maior liberdade de resposta e recolha de informações relevantes para o diagnóstico de necessidades.

Também para conseguir aceder às informações pretendidas sobre o papel da mediação em Cabo Verde, realizamos duas entrevistas a mediadores das Casas de Direito.

A técnica do inquérito por entrevista apresenta inúmeras potencialidades, nomeadamente a recolha de informação muito rica, porque se as perguntas não forem fechadas, estas não limitam o campo de respostas dos entrevistados. Tal como refere Quivy e Campenhoudt (1992, p.193), a entrevista é uma fonte de “ (...) informação e elementos de reflexão muito ricos e matizados (...)” e tem como principal vantagem “o grau de profundidade dos elementos da análise recolhidos” (*Ibidem*, 1992).

De acordo com De Ketele e Roegiers (1999, p.22) “ (...) a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupo, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações”.

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994, p.136), “ (...) as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista (...)”. No entanto, Ghiglione e Matalon (1992, p.64) consideram a entrevista como sendo “ (...) uma conversa com um objetivo”.

Assim sendo, como é uma técnica que permite uma maior proximidade entre o entrevistado e o investigador, sendo a conversa orientada pelo investigador, esta técnica permitiu-nos que as profissionais exprimissem as suas perceções, relatassem acontecimentos e não se distanciassem dos objetivos pretendidos, algo que procuramos, através dos inquéritos por entrevista (cf. apêndice 1) na pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

4.3.5. Inquérito por questionário

No decorrer da nossa intervenção na CMI foi importante administrar inquéritos por questionário no final de cada atividade, para assim termos consciência do que estava a correr bem, menos bem e aquilo que poderia ser melhorado ao longo da intervenção (cf. apêndice 2). Como nos apercebemos das dificuldades das profissionais em preencher o primeiro inquérito por questionário, concebemos outro com questões mais simples, claras e objetivas (cf. apêndice 3). Também, no final de toda a intervenção na CMI, administramos um inquérito por questionário às profissionais com o intuito de recolher o efeito do Estágio (cf. apêndice 4). O inquérito por questionário, segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p.188), “ (...) consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas”. Por outro lado, Tuckman (2000, p. 308) refere que “ (...) os questionários e as entrevistas são processos para adquirir dados acerca das pessoas, sobretudo interrogando-as e não observando-as, ou recolhendo amostras do seu comportamento”.

4.3.6. Reflexão crítica

Na CMI, solicitamos às profissionais e às mães uma reflexão oral sobre o que acharam de cada atividade, para assim, termos a noção clara e real da nossa intervenção. Estas reflexões procuravam que as intervenientes encontrassem “ (...) significados em questão, de modo a reconhecer características mais salientes, extrair e estudar causas e consequências, contextualizando-os e, promovendo uma mudança (tradução nossa) ” (Jay & Jonhson, 2002, p.78).

Também incitamos aos alunos, para que, de forma sucinta, refletissem sobre a nossa intervenção no clube, para assim termos o parecer dos mesmos relativamente à nossa postura e aos conteúdos trabalhados.

4.3.7. Registos em post’it

Dada a baixa escolaridade das mães presentes na CMI, optamos por no final de cada sessão, recolher a opinião delas sobre o que mais gostaram e o que menos gostaram através de post’its que colavam numa cartolina, para assim, no final da intervenção, refletirmos em conjunto sobre a evolução das opiniões.

Uma das mães, devido à sua dificuldade na escrita, esteve sempre acompanhada por uma profissional para escrever o que sentia, e assim não teria a sua opinião influenciada pela presença da estagiária.

4.4. Instrumentos de auto-supervisão e registo de informações

No decorrer do Estágio foi importante para a estagiária ter momentos de autorreflexão, isto significa procurar uma “ (...) visão de qualidade, inteligente, responsável, experiencial, acolhedora, empática; serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois, ou seja, de quem entra no processo para o compreender por fora e por dentro” (Alarcão, 1996, p. 47).

Assim, estivemos sucessivamente a analisar as nossas práticas e melhorá-las sempre que possível, para uma intervenção participada, consciente e promotora de transformações sociais e relacionais nos diversos contextos de intervenção.

Ao longo de todo o Estágio, redigimos semanalmente diários de bordo, como também fizemos uma análise reflexiva geral no final de cada mês.

No final de cada atividade implementada redigimos uma reflexão crítica da mesma. Por outro lado, quando implementamos as atividades para o desenvolvimento de interações positivas entre os diferentes intervenientes na CMI analisamos os comportamentos observados e refletimos sobre os mesmos, tendo em conta os pontos fortes e fracos de modo a ter, sempre, sugestões de melhoria para as intervenções seguintes.

Ao longo do Estágio tirar fotos foi importante para termos o registo claro das atividades, como também, a planificação antecipada das intervenções. Isto, permitiu-nos refletir atempadamente sobre os objetivos das mesmas e, assim, alterar o que fosse necessário em benefício dos envolvidos, dando-nos segurança sobre o que fazer no momento da intervenção.

Todos estes instrumentos e técnicas de auto-supervisão são explorados de seguida, de forma mais pormenorizada:

Notas de campo - estas notas foram importantes para apontar sentimentos, opiniões, desabafos, comentários, ideias das intervenientes da CMI que enriqueceram a nossa intervenção.

No final de cada atividade, no clube “agentes da paz”, anotamos as informações mais relevantes para elaborarmos uma reflexão final rica, real e objetiva.

No decorrer da pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde, estas notas de campo tiveram um papel relevante para apontar os pontos mais interessantes e significativos para a pesquisa.

Ou seja, em qualquer momento da nossa investigação-ação, as notas de campo foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, na medida em que “ (...) podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150)

Fotos/ Vídeos - fotografar os momentos de intervenção foi fundamental para dar conta do desenvolvimento das atividades às orientadoras, como para ter o registo real da postura dos diferentes intervenientes ao longo das atividades, quer na CMI, como na ESACS, isto porque as fotografias “ (...) dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (Bogdan & Biklen, 1994, p.183).

Gravar as entrevistas com os mediadores das casas de direito, foi uma mais-valia para conseguirmos processar as informações recolhidas. As fotografias e gravações áudio e vídeo tiveram o consentimento prévio dos intervenientes.

Planificação das sessões - antes de qualquer sessão ou atividade dinamizada, em qualquer dos contextos, tivemos em consideração a planificação objetiva das mesmas, para assim ter um “guião” daquilo que iria ser trabalhado. Saber planear é muito importante para a investigação, uma vez que determina cuidadosamente os passos a seguir e como os fazer. Tal como nos elucida Sousa (2009, p.77) “ (...) depois de se planear toda a investigação é aconselhável escrever esse planeamento, descrevendo detalhadamente cada etapa e definindo as etapas para a sua realização”. Isto permite ao investigador saber o que fazer em cada momento da investigação-ação.

Grelha de observação e reflexão - este instrumento foi utilizado nas atividades de desenvolvimento de interações positivas entre as diferentes intervenientes, prestando especial atenção a alguns comportamentos para uma reflexão mais ampla da atividade, tal como se pode conferir no apêndice 5.

Diários de bordo - o diário de bordo foi um instrumento fundamental neste processo de investigação-ação pois permitiu, ao longo de todas as semanas, refletir sobre as práticas da

estagiária e melhorá-las sempre para conseguirmos uma intervenção mais célebre (cf. apêndice 6). Segundo Liberali (1999, p.20),

“ (...) o diário seria a escrita sobre a prática desenvolvida pelos praticantes (...) e poder-se-á estudar os diários como ferramentas para a construção interna da reflexão crítica, para a transformação do indivíduo uma vez que através dele, o sujeito tem a oportunidade de escrever sobre sua ação concreta e também sobre teorias formais estudadas”. Assim, a monitorização deste estágio foi importante pois permitiu (...) acompanhar e controlar o processo de intervenção e identificar eventuais desvios face ao que foi previsto num momento inicial (...)”;

Reflexão crítica - no final de cada atividade realizada ao longo dos programas de intervenção com as profissionais e com as mães alojadas na CMI, redigimos uma reflexão crítica, destacando como foi colocada em prática a atividade (cf. apêndice 7), o que correu bem, o que correu menos bem, os contratempos e aquilo que poderia melhorar na sessão seguinte.

No final de cada mês também foi importante refletir sobre os mesmos pontos, a fim de perceber a evolução da nossa intervenção ao longo dos meses na CMI, como para “acompanhar” a intervenção no clube “agentes da paz” da ESACS tendo em conta as reflexões e comentários dos alunos e dos professores (cf. apêndice 8).

Refletir sobre estes parâmetros foi, a nosso ver, importante para o nosso crescimento e desenvolvimento enquanto profissionais da área da Educação, uma vez que “ (...) as reflexões do investigador sobre as ações e observações no terreno, suas impressões, irritações, sentimentos, constituem dados de pleno direito, fazendo parte da interpretação e ficando documentadas no diário de investigação (...) ” (Flick, 2005, p.6).

As reflexões num processo de investigação-ação, como aconteceu neste Estágio, são preponderantes para um bom trabalho, pois, citando Bogdan & Biklen () 1994, p.165) um bom investigador “ (...) deve ser auto-reflexivo e manter um registo preciso dos métodos, procedimentos e das análises que se desenvolvem (...). É importante lembrar que as reflexões são um meio para a realização de um estudo melhor, e não um fim em si mesmas.”

Todos estes momentos de auto-supervisão e de análise crítica sobre a intervenção realizada foram uma mais-valia para a nossa evolução profissional e para desenvolver a nossa capacidade reflexiva sobre as práticas profissionais. Algo fundamental no processo investigação-ação, aprender fazendo, pois a supervisão “ (...) é entendida, atualmente, por muitos, como um processo em que um profissional, em princípio mais experiente e mais informado e conhecedor dos segredos da

profissão, orienta outro profissional ou aspirante a isso, no seu desenvolvimento profissional e humano.” (Alarcão & Tavares, 2002, p.33).

Complementando a auto-supervisão da estagiária, foi importante recolher a avaliação das intervenientes ao fim de cada atividade, uma vez que “ (...) a avaliação acompanha qualquer prática. Ela não se apresenta, simplesmente, na fase terminal, mas através de diferentes avaliações pontuais, que constituem outras tantas avaliações intermédias, a prática toma melhor consciência daquilo que faz” (Boutinet, 2002, p. 267). Tendo em conta as valências da avaliação contínua, podemos analisar o que foi feito, como foi feito e melhorar continuamente as intervenções, tendo em conta as opiniões dos diferentes intervenientes. Isto significa, que “todos os projetos contem necessariamente um plano de avaliação que se estrutura em função do desenho do projeto e é acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e efeitos da intervenção e corrigir as trajetórias caso estas sejam indesejáveis” (Guerra, 2002, p.175).

4.5. Recursos necessários à intervenção e garantia da sua acessibilidade

A concretização deste Estágio foi muito proveitosa, pois conseguimos ao longo dele reunir determinados recursos, nomeadamente, bibliográficos, humanos, materiais e espaciais que articulados possibilitaram a nossa intervenção com as intervenientes da CMI e com os alunos da ESACS.

Esta articulação de recursos foi fundamental para a garantir a nossa intervenção.

Assim sendo, expomos os recursos que foram necessários para dar sustentabilidade durante a intervenção:

- I. Recursos Humanos: recurso às orientadoras, à acompanhante de estágio, às educadoras, às auxiliares, às mães solteiras, às mães que já saíram da CMI, às entidades cabo-verdianas, à CMSCZ, aos delegados de saúde, aos alunos e professores da ESACS, aos mediadoras das Casas de Direito, entre outros.
- II. Recursos Bibliográficos: documentos da instituição; literatura sobre mediação, literatura sobre o contexto cabo-verdiano, bem como outros que contribuíram para a construção dos programas de intervenção.
- III. Recursos Materiais: apoio informático de entidades e serviços locais, folhas de papel, canetas, material didático para desenvolver as atividades.
- IV. Recursos Físicos: espaço para dinamizar as atividades.

Atendendo às fragilidades de recursos materiais existentes na CMI, optamos por intervenções mais flexíveis e ajustadas a esta realidade. Por exemplo, na instituição não há blocos de folhas, canetas, projetor, lápis, sala de formações, entre outras coisas, portanto as atividades dinamizadas exigiram que recorrêssemos à criatividade e à mobilização destes materiais, ou outros meios alternativos.

5. Apresentação e Discussão do Processo de Investigação-Ação

“ (...) quer ao *mediador* como ao *investigador*, cumpre conduzir um processo cuja gestão implica o desempenho de diferentes papéis e o recurso a conhecimentos de diversas origens disciplinares.” (Sousa-Vasconcelos, 2009, p.187)

5.1. As atividades desenvolvidas ao longo do Estágio

Este Estágio académico foi desenvolvido em três âmbitos e contextos de investigação-ação:

- Na CMI com as profissionais, as mães e os seus filhos;
- Na ESACS, nomeadamente no clube “agentes da paz”;
- Uma pesquisa aprofundada sobre papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

Para a concretização plena destas ações foi importante perceber que se:

“ (...) constrói um projeto pedagógico, indo ao encontro de um determinado público, constituindo-se, deste modo, a relação e a razão fundamentais para a manutenção e desenvolvimento do seu projeto educativo – um processo que envolve dimensões humanas, culturais e profissionais de diversas naturezas: dimensões pedagógicas, sociológicas, administrativas, relações de poder e de comunicação, relações de transmissão e apropriação do saber.” (Magalhães, 1999, p. 69).

Assim, antes de intervir e chegar ao contexto foi importante analisarmos a realidade de Santa Cruz. Para isso, recorremos aos testemunhos dos voluntários do programa de mobilidade MMM que estiveram em Santa Cruz no mês de agosto de 2015, bem como a troca de e-mails com entidades locais, como a CMSCZ. Estas iniciativas permitiram refletir quais seriam as valências que poderíamos intervir no contexto. Mas só após os meses de diagnóstico é que conseguimos reunir as informações necessárias para planificar a nossa intervenção.

Tendo em conta a estrutura deste relatório, procuramos nesta secção apresentar as intervenções, tendo em conta os objetivos das mesmas, o que foi feito, como foi avaliado e os resultados conseguidos.

5.2. Casa Manuela Irgher

Na CMI a nossa ação centrou-se na implementação de várias estratégias e interações positivas com as diferentes intervenientes da CMI; o programa de desenvolvimento e mobilização de recursos e o programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI; bem como o programa de desenvolvimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães alojadas na CMI.

Para cada estratégia implementada apresentamos resumidamente os objetivos, procedimentos, a avaliação efetuada e os resultados obtidos, seguido de uma análise e discussão dos dados.

5.2.1. Interações positivas

Com a dinamização de atividades que promovessem interações positivas entre todos os intervenientes da CMI, procuramos que estes tivessem momentos de diversão, de aproximação e de autoconhecimento e conhecimento de todos os envolvidos nas dinâmicas diárias da CMI.

Foram realizadas ao longo do mês de dezembro, mais concretamente nos dias 14, 16 e 18. A escolha destas datas foi estratégica para assim, cada dupla de profissionais (educadora e auxiliar) poder participar numa dinâmica e aproximar-se das mães que estavam presentes na CMI (cf. Anexo 5).

Na tabela que se segue, expomos sucintamente os objetivos da intervenção, como foi feita e o instrumento de avaliação implementado na dinamização destas atividades.

Interações positivas com os diferentes intervenientes da CMI	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolver interações positivas entre as diversas intervenientes na CMI• Aumentar a interação mãe-filho (s)• Compreender e valorizar o papel de cada uma na CMI
Intervenção	<ul style="list-style-type: none">• 3 atividades: “Joga lá um carinho” Dês (APEGO) Um abraço
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Pequenas reflexões elaboradas pelas mães e as profissionais no final de cada atividade

Tabela 5: Interações positivas - Síntese

5.2.1.1. Intervenção

A dinamização das atividades (*dês*) *apego*, o *abraço* e *joga um carinho*, foi feita após a realização do diagnóstico de necessidades, em que percebemos que era necessário aumentar a interação

mãe-filho (s), como também promover interações em que as intervenientes possam (re) conhecer sentimentos e emoções próprias e dos outros. Na dinamização destas atividades, sentimos algumas dificuldades; por exemplo, o discurso reduzido das mães no decorrer das atividades e o número reduzido de intervenientes. No apêndice 9 pode conferir-se as reflexões de cada atividade. Por outro lado, consideramos que os pontos fortes foram a diversão que todas as participantes demonstraram e o seu envolvimento nas atividades; por exemplo, uma das profissionais referiu que “foi bom ouvir um defeito e depois ter um abraço, isto é, podemos ouvir as coisas mais negativas, mas sermos amigas na mesma”.

5.2.1.2. A avaliação

No final da atividade foi pedido às intervenientes para descreverem através de um texto, palavra ou desenho como se sentiram durante a atividade (cf. apêndice 10). Foram várias as respostas; a título de exemplo, referimos algumas das respostas: “eu senti muito emocionada e curiosa para saber o que estava dentro daquela caixa de presente”, até “foi divertido. Quando recebi o presente fiquei emocionada, gostei imenso da atividade realizada pela Marisa. Espero a realização de mais atividades como esta”. (conferir todas as respostas das intervenientes no apêndice 11).

5.2.1.3. Resultados Obtidos

Estas atividades foram reconhecidas pelas diferentes intervenientes como sendo muito positivas. Permitiram interagirem e conhecerem-se melhor, bem como, houve uma reflexão das intervenientes sobre a importância de desenvolverem atividades como estas na dinamização da rotina na CMI, para desenvolverem as interações, o autoconhecimento e o conhecimento das outras intervenientes e o aumento da relação entre as mães e os filhos.

5.2.2. Programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos com as profissionais da CMI

Para desenvolver e consolidar competências importantes nas profissionais foi importante desenhar, implementar e avaliar um programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos com as mesmas, a fim de diminuir as necessidades identificadas, bem como para desenvolver competências profissionais fundamentais para a dinamização e projeção da CMI. Na tabela seguinte apresentamos uma síntese do programa desenvolvido.

Programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos com as profissionais da CMI	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Construir instrumentos de autorregulação das práticas • Identificar projetos e atividades relevantes para o empoderamento social das mães • Identificar projetos e atividades relevantes para a sustentabilidade e projeção do Centro • Trabalhar a mobilização de recursos importantes para a concretização dos projetos/atividades identificadas
Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • 7 Sessões de 1.30h
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Inquérito por questionário

Tabela 6: Programa de desenvolvimento em competências de mobilização de recursos - Síntese

5.2.2.1. Intervenção

O programa de mobilização de recursos é resultado do diagnóstico de necessidades que recolhemos ao longo do mês de outubro e novembro de 2015. Durante este período pudemos observar que na CMI não havia parceiros oficiais para a dinamização da mesma.

Estes parceiros, na ótica das profissionais, são importantes para o desenvolvimento de competências profissionais e sociais, tanto com as mães como com as profissionais.

Em conversas com as profissionais, estas referiam que “os parceiros são mobilizados pelos voluntários que recebemos, mas quando os voluntários vão embora, estes parceiros, não vêm cá”, “já tivemos parceiros oficiais, mas com os antigos responsáveis, agora não têm efeito, pelo menos eles não vêm cá”, “as atividades que aqui ocorrem por entidades externas somos nós que chamamos e eles às vezes vêm, outras vezes não”.

A partir destas reflexões, consideramos importante desenvolver um programa de competências em mobilização de recursos com o objetivo de juntas identificarmos projetos e atividades relevantes para o empoderamento social das mães, para a mobilização de recursos importantes para a concretização daquilo que foi identificado, identificarmos projetos e atividades relevantes para a sustentabilidade e projeção do centro e construir instrumentos de autorregulação das suas práticas.

Ao longo das várias sessões, procuramos desenvolver competências de empoderamento nas profissionais para que estas fossem capazes de assumir responsabilidades face às necessidades diagnosticadas e assumissem um papel preponderante para colmatar as mesmas.

Neste sentido, privilegiamos uma metodologia ativa, reflexiva e participativa. Referimos, a título de exemplo, algumas das atividades realizadas ao longo das sessões. Numa das sessões analisamos, através da discussão livre, quais as formações e atividades que as profissionais consideravam

relevantes para o empoderamento pessoal e social das profissionais. Noutra sessão identificaram, através do *brainstorming*, quais as entidades e instituições que poderiam ser importantes para dinamizarem as atividades e formações identificadas pelas profissionais. Para exercitar o papel das profissionais na procura e mobilização destes recursos, cada uma escreveu como se apresentaria à instituição e apresentava a instituição e o porquê da mobilização (cf. Apêndice 12). Quando dividimos, em grupos de pares, tarefas relativamente à conceção do projeto educativo, cada profissional teve um papel importante na concretização do mesmo: cada uma foi responsável por ele, mesmo quando colocamos o projeto educativo no computador e solicitamos que cada uma lesse e alterasse aquilo que achassem necessário.

A última sessão deste programa foi dedicada a analisar a importância da autorregulação para a melhorar as práticas profissionais. A partir da leitura e análise de um texto de Isabel Alarcão (2003, p.119) apresentamos exemplos de instrumentos de auto-supervisão que realizamos ao longo de todo o Estágio, nomeadamente o diário de bordo e a reflexão mensal. Após uma reflexão, ajustamos um instrumento de autorregulação para as profissionais refletirem mensalmente sobre as suas práticas profissionais (cf. apêndice 13). No que diz respeito à construção do instrumento de autorregulação foi uma mais-valia para todas as intervenientes, pois o processo de mediação caracteriza-se pela constante aprendizagem e reflexão das práticas. Assim, com a realização da reflexão crítica, as profissionais refletiram sobre as incidências que ocorrem no seu contexto profissional e transmitiram os seus anseios e desejos para o futuro.

Consideramos que, quando promovemos ao longo de todas as sessões a corresponsabilidade e o poder de decisão, a necessidade de cooperação e de respeito mútuo, o valor da escuta ativa, contribuimos para o empoderamento das profissionais em responsabilizarem-se pelas decisões da CMI.

5.2.2.2. Avaliação

Para uma análise real e objetiva deste programa de intervenção, realizamos no final de cada sessão um inquérito por questionário. Da análise das respostas das profissionais a este questionário (cf. apêndice 14) salientamos vários aspetos.

Observamos que as respostas são, essencialmente positivas, excetuando na primeira sessão, em que há uma profissional que refere que a estagiária foi muito pouco (B) clara e muito pouco (B) acessível. Tendo em conta que foi a primeira sessão deste programa, julgamos que são análises realistas pois, a nosso ver, é frequente nos primeiros momentos de intervenção estarmos mais

inseguros. Outra conclusão, que podemos retirar deste quadro é que os resultados mais positivos (Bom (D) e Muito Bom (E)) surgem maioritariamente nas últimas duas sessões.

Também, podemos observar, que em todas as sessões, há pelo menos uma profissional que não responde a uma das questões. Por outro lado, na análise aos inquéritos recolhidos podemos observar as dificuldades das profissionais em responder aos pontos fortes, fracos, fragilidades e oportunidades que tínhamos detetado ao longo de cada sessão. Assim, sentimos necessidade de conceber um novo inquérito de questionário para implementar no programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais.

5.2.2.3. Resultados obtidos

Com esta intervenção, conseguimos, em colaboração com as profissionais da CMI, de entidades da CMSCZ, de voluntários do programa de mobilidade do MMM e entidades sociais da ilha de Santiago, alguns avanços fundamentais para a dinamização, divulgação e credibilidade da CMI:

- Redigir um projeto educativo claro e conciso para a projeção e credibilidade da CMI (cf. anexo 6);
- Criar um instrumento de autorregulação que promovesse as reflexões sobre as práticas profissionais das profissionais; (cf. anexo 7)
- Conceber um projeto de autossustentabilidade para a dinamização do centro (cf. anexo 8) que até à conclusão deste estágio não foi concluído, isto porque houve mudanças no governo em Cabo Verde e as pessoas responsáveis não estavam disponíveis para colmatar este ponto;
- Estabelecer um protocolo de parceria entre a CMI e uma instituição da ilha de Santiago (cf. anexo 9) e estabelecemos contatos com vista a futuros protocolos com outras instituições relevantes para o empoderamento pessoal e profissional das mães e das profissionais;
- Criar um panfleto para a divulgação da CMI (cf. anexo 10) e um website para a CMI (cf. anexo 11).

5.2.3. Programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI

A fim de desenvolver competências relevantes para o empoderamento profissional das profissionais, julgamos necessário desenhar e implementar um programa que promovesse nelas o desenvolvimento de competências em mediação. Este programa está sucintamente apresentado na tabela que se segue.

Programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Adquirir conhecimentos e ferramentas para prevenção e resolução de conflitos • Desenvolver competências de comunicação, cooperação, autorregulação, entreajuda, corresponsabilidade
Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • 6 Sessões de 1h30
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Inquérito por questionário

Tabela 7: Programa de desenvolvimento de competências em mediação - Síntese

5.2.3.1. Intervenção

O programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI ocorreu ao longo de seis sessões, entre o dia 28 de março e o dia 20 de abril de 2016.

Após a observação de falhas na comunicação, de poucos momentos de interajuda e de cooperação, em conversa com as orientadoras e da análise e avaliação das necessidades efetuadas nos primeiros dois meses de Estágio, decidimos realizar um programa específico com as profissionais. Com este programa, procuramos desenvolver nas profissionais competências de mediação que serão úteis no contato com o outro, na prevenção de conflitos e resolução dos mesmos, para assim construírem relações saudáveis dentro da CMI, mas também, em outras interações ocorridas fora do centro.

Tendo em conta o diagnóstico de necessidades realizado, julgamos necessário trabalhar com as profissionais, através de uma reflexão livre, algumas competências, nomeadamente: cooperação, interajuda, corresponsabilidades, autorregulação e comunicação, através de dinâmicas participativas e reflexivas (cf. apêndice 15).

Ao longo da nossa intervenção trabalhamos a comunicação, exercitamos com as profissionais atividades para refletirem sobre a importância de uma boa comunicação, a importância da assertividade no diálogo com o outro e no processo de mediação e o perfil do mediador, preenchendo, individualmente, um inquérito por questionário sobre as principais características do mesmo (cf. apêndice 16), para uma posterior reflexão em grupo sobre as características mais importantes num mediador. Foi, também, numa das sessões, trabalhado, através do *brainstorming*, o papel da mediação para a CMI (cf. apêndice 17), tendo em conta as potencialidades da mesma para a instituição, abordamos casos de mediação, fazendo *rol-play* dos mesmos, atendendo à análise que deve ser feita a cada caso (cf. apêndice 18).

Por outro lado, procuramos desenvolver nelas, ferramentas para prevenir e resolver conflitos inerentes à convivência diária de um grupo, desenvolvendo atividades de *rol-play* nesse sentido. Também consideramos necessário para a prática profissional da equipa educativa da CMI exercitar, através do *brainstorming*, atividades que promovessem a integração das mães, formações/ atividades a dinamizar ao longo da sua estadia na CMI e dinâmicas relevantes para promover a reintegração das mães na sociedade, ou seja, um modelo de intervenção a levar a cabo pelas profissionais junto das mães alojadas na CMI (cf. apêndice 19, reflexão desta sessão). Sendo a CMI, um centro que acolhe mães solteiras e os seus filhos a tempo integral é importante fomentar nas profissionais competências de mediação quer para a resolução de conflitos que possam surgir nas interações interpessoais das diferentes intervenientes, mas também na prevenção dos mesmos, desenvolvendo competências pessoais, sociais e comunicacionais essenciais para quando se vive em comunidade, fortalecendo as competências de escuta ativa. A CMI, como espaço sociofamiliar, está suscetível a falhas na comunicação que podem resultar em conflito e desestabilizar o ambiente e as relações interpessoais. Assim, este programa promoveu uma reflexão nas profissionais de como lidarem com questões de conflito e como os prevenir.

5.2.3.2. Avaliação

Para uma análise contínua da nossa intervenção ao longo deste programa, no final de cada sessão implementamos um inquérito por questionário tal como no programa de mobilização de recursos (cf. apêndice 20).

Nesta tabela é visível que relativamente à importância de cada sessão desenvolvida – e de acordo com as respostas obtidas – todas se verificaram bastante importantes na dinamização e crescimento da CMI, sendo de igual forma atribuída a importância em refletir sobre as práticas profissionais.

Quanto ao conteúdo abordado nas sessões, os resultados aferidos revelam um elevado grau de satisfação uma vez que a maioria das inquiridas classifica como “Bom” e “Muito bom” as questões relacionadas com a sua adequação às necessidades da CMI e da sua importância para o trabalho, bem como a sua utilidade para a prática profissional.

A abordagem metodológica verificou-se adequada à prática e os materiais utilizados também, já que eram compatíveis com o conteúdo abordado e facilitou a sua compreensão (inexistência de respostas A e B).

De acordo com as respostas, os intervenientes mostram-se satisfeitos com a sua própria postura ao longo das sessões, considerando-se atentos e participativos, ao mesmo tempo que tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas.

Finalmente, os dados relativos à postura da estagiária são bastante satisfatórios, sendo considerada clara e respeitosa das opiniões dos outros, esclareceu dúvidas sempre que necessário e aceitou sugestões.

Em suma, é possível fazer um balanço extremamente positivo das seis sessões realizadas.

5.2.3.3. Resultados obtidos

A implementação deste programa de intervenção permitiu que as profissionais da CMI adquirissem conhecimentos e ferramentas para prevenir e resolver conflitos, bem como o desenvolvimento de competências de comunicação, cooperação, autorregulação, entreajuda e corresponsabilidade e reflexão sobre um modelo de intervenção para com as mães alojadas na CMI.

5.2.4. Programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães alojadas na CMI

Paralelamente à nossa intervenção com as profissionais da CMI, procuramos junto das mães alojadas na CMI desenvolver um programa de mediação, promovendo o fortalecimento de competências pessoais, sociais, relacionais e comunicacionais, promotoras de autorreflexão e de mudanças de comportamento, relevante para o empoderamento pessoal e social das mesmas. Na tabela que se segue exploramos genericamente este programa.

Programa fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães alojadas na CMI	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Aprender regras de convivência em grupo• Compreender e valorizar o papel de cada uma na CMI• (Re) Conhecer sentimentos e emoções próprias e dos outros• Participar na identificação e construção do Projeto Educativo
Intervenção	<ul style="list-style-type: none">• 5 Sessões de 1 hora
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Opinião no post'it

Tabela 8: Programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais – Síntese

5.2.4.1. Intervenção

O programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais, direcionado às mães alojadas na CMI, esteve em risco de não ser dinamizado por inúmeros fatores, entre eles:

- A ausência de mães até ao início do mês de março. Até esta data só estavam duas mães na CMI que ocupavam a maior parte do dia a vender alguma coisa para o seu sustento e dos filhos após a estadia na CMI;
- A intervenção com os alunos do clube “agentes da paz” da ESACS que exigiu um esforço da nossa parte e o reajustamento do nosso tempo para este programa.

No entanto, dada a necessidade de dinamizar a rotina na CMI, de desenvolver competências pessoais, comunicacionais e sociais com estas mães, procuramos juntamente com a equipa educativa da CMI desenvolver um programa sucinto mas que proporcionasse reflexões críticas e permitisse o desenvolvimento de aprendizagens múltiplas para todas as intervenientes.

Assim, este programa foi concebido no mês de março, em que pudemos conhecer as novas mães da CMI e organizá-las para a nossa intervenção no mês de abril, respeitando o horário de trabalho que as mães têm para o funcionamento da CMI.

Numa das sessões procuramos que as intervenientes refletissem sobre o que é um grupo, para isso, distribuímos palavras simples sobre o que é estar em grupo (cf. apêndice 21). Posteriormente fizemos uma reflexão e discussão livre sobre o assunto para a redação conjunta de regras que as mães consideram importantes para se viver em comunidade e colocar em prática na CMI.

Trabalhamos, também, as características positivas e negativas de cada uma através do *brainstorming*. Numa das sessões, trabalhamos os sentimentos e emoções e, para isso expomos alguns sentimentos para que elas identificassem e explorassem quando se sentiam assim. Posto isto, dinamizamos a atividade do guião das emoções (cf. apêndice 22) fomentando nas mães competências de respeito sobre as emoções das colegas e refletir sobre as suas emoções.

Numa outra sessão, trabalhamos a importância dos afetos. Assim, mostramos algumas imagens que evidenciavam afetos para as explorarmos através da discussão livre (cf. apêndice 23), depois através do cochicho, as mães, divididas em dois grupos, exprimiram o que são os afetos para elas e quando davam afetos (cf. apêndice 24). No final, colocaram numa cartolina e expuseram nos espaços abertos da CMI.

Posteriormente, também, abordamos futuro delas após a sua estadia na CMI. Assim, fomentamos que cada uma desenhasse o que queria para o futuro (cf. apêndice 25) e refletissem sobre o que deveriam fazer para concretizar as suas ideias.

Neste programa, procuramos que as mães desenvolvessem competências de respeito pelos outros e que expressassem de forma livre e espontânea todas as suas dúvidas, experiências, opiniões, onde o diálogo e a aprendizagem estavam em comunhão.

Com esta intervenção, buscamos prevenir conflitos, reforçando as regras de convivência em grupo, promovendo atividades em que as mães refletiam, compreendiam e valorizavam o papel de cada uma na CMI, conheciam e reconheciam sentimentos próprios e dos outros refletindo também sobre a importância do afeto nas suas relações e sobre o seu futuro após a estadia na CMI.

5.2.4.2. Avaliação

No final de cada sessão foi importante recolher, através de um post'it a opinião de cada mãe sobre o que gostou mais (cor verde) e o que gostou menos (cor rosa ou castanho), (cf. apêndice 26).

Numa análise geral, podemos ver que as mães respondem maioritariamente “não tenho nada a dizer” sobre algo que não gostaram na sessão, por outro lado são bastante reflexivas e críticas sobre o que gostaram, por exemplo na última sessão em que abordamos o futuro da CMI referiram “assim saberei como será o meu futuro”.

Por outro lado, no final de cada atividade realizamos uma análise sobre os pontos fortes, fracos, as fragilidades e as oportunidades detetadas na sessão (cf. apêndice 27), para assim termos uma noção real e clara de como estava a decorrer a nossa intervenção.

5.2.4.3. Resultados Obtidos

A dinamização deste programa permitiu, por uma lado, que as profissionais identificassem aspetos a serem trabalhados com as mães no futuro, por exemplo a alfabetização com uma das mães. Por outro lado, fomentou a reflexão das mães sobre regras de boa convivência na CMI, sobre o papel de cada uma e a importância disso nas dinâmicas da CMI, bem como uma análise crítica sobre a importância das emoções e sentimentos de cada uma e a dos outros, sobre a relevância em manifestar afetos e sobre o seu projeto de vida, após a estadia na CMI.

5.2.5. Caso de mediação

Um dos momentos mais enriquecedores da nossa estadia na CMI foi quando pudemos colocar em práticas competências de mediação para facilitar o diálogo entre uma profissional e uma das mães alojadas na CMI.

5.2.5.1. Apresentação/ breve descrição do caso

Este caso de mediação aborda a situação de uma mãe, Verónica e uma das profissionais, Camila. Esta mãe já tinha estado hospedada na CMI, mas não tinha condições financeiras para viver sozinha com os seus filhos e, como a sua relação com a mãe não era saudável, pediu ajuda às profissionais da CMI para entrar de novo.

A sua estadia na CMI e estava a decorrer de forma tranquila até ao dia em que os elementos da equipa educativa viram as costas do seu filho mais novo e solicitaram uma reunião com ela. Todos os elementos da equipa educativa estavam presentes e chamaram-lhe à atenção para as marcas que a criança tinha nas costas e para a sua “situação especial” na CMI.

No decorrer da conversa, em crioulo, houve momentos que não entendemos na íntegra. No entanto, a certo momento esta mãe dirige-se para a profissional, Camila, com um tom de voz elevado, referindo “tu não querias que eu estivesse aqui”. Perante esta situação acusou-a de “tu falas de mim, coisas que não são verdade, não gostas de mim desde que eu saí daqui, por tua causa é que eu saí.”

Após esta situação, pediu para sair, estava a chorar e fechou-se no quarto.

Esta situação revelou que ambas as intervenientes tinham uma situação mal resolvida desde a saída da Verónica, o que dificultava o diálogo e a relação entre ambas.

5.2.5.2. Análise do caso

Intervenientes: Após a análise da situação, percebemos que os intervenientes diretos são uma mãe e uma profissional.

Origem da situação: A situação originou-se após acusações da mãe à profissional sobre uma situação passada.

Conflito: Neste caso está presente uma dificuldade de dialogar e de conviver em harmonia entre ambas as intervenientes.

5.2.5.3. Intervenção

Após ver a situação, direcionamo-nos à educadora a fim de entender melhor a situação, esta referiu “ela saiu do centro, na altura, porque nos mentia para ir ter com o namorado e foi mal-educada comigo. Por outro lado, ela não trata bem os filhos, hoje foi visível.” Perante estas declarações questionamos “porque acha que ela reagiu assim?” Questão que ela respondeu desta forma “ela não agradece o que fazemos por ela, não pede desculpa, não fala, é complicado, muito complicado”, referindo ainda que outra mãe “contou as coisas que x fez às profissionais, como profissionais temos que chamar-lhe à atenção ela nega que as fez, mas uma das mães que já saiu, disse-nos tudo o que ela faz. Verónica mente-nos”

Após uma longa conversa, explicamos em que consistia a mediação e as suas potencialidades, ao que a educadora referiu “amanhã vamos resolver a situação.”

Posto isto, conversamos com a Verónica para entender o lado dela. Inicialmente, esta mãe referiu “não quero falar, não tenho nada para dizer”, depois de se acalmar, questionamos “queres falar sobre o que aconteceu?” ao que esta referiu “ não vale a pena, o que aconteceu é do passado, ela disse coisas de mim que não são verdades”.

Tendo em conta a situação, explicamos qual era o nosso papel na CMI e o que era a mediação, a mãe comentou “agora não quero pensar nisso, mas quando sentir algum problema falo contigo.”

Estas conversas aconteceram após as 18horas, perto do jantar.

No dia seguinte, a educadora Camila quis conversar com as mães em questão no mesmo espaço. Estivemos presentes, inicialmente num papel de observar.

Neste momento foi visível que a Verónica não falava e ficou transtornada quando descobriu que a mãe que já saiu da CMI estava a contar os seus segredos às profissionais. Ai pediu para falar sozinha com a mediadora, ao longo da conversa, referiu “estou mesmo desiludida, ela era minha amiga, tenho que falar com a educadora, mas tu também tens que estar”.

A conversa entre as duas foi muito positiva, falaram sobre como se sentiam relativamente ao mal-entendido. A educadora foi mais participativa referindo sempre souberam dos segredos da Verónica pelas conversas que tinham com esta mãe, por exemplo “contou-nos que ela saiu para ver o namorado, eu como responsável não posso permitir que nos minta, ela confiou na pessoa errada.”

Perante isto, a Verónica disse-nos “ culpei sempre a Camila por tudo e estava errada” e pediu desculpa “fui injusta consigo”, nesse momento a educadora arregalou os olhos e disse “ também te peço desculpa porque fui demasiado ríspida contigo e arrastei este mal-entendido.”

Depois a educadora referiu “quando tiveres alguma situação por resolver ou que eu te acuse de algo, fala comigo” e Verónica referiu “você também.”. No final abraçaram-se.

No final desta conversa, a educadora referiu “eu estive atenta e já tirei notas sobre o que é a Mediação”.

5.2.5.4. Resultados obtidos

A fim de ver como estava a situação entre ambas, conversamos de novo com ambas, em separado. A educadora referiu “está tudo bem, falamos melhor do que nunca e a outra mãe andou a fazer confusões entre nós”. Por outro lado a mãe Verónica mencionou “está tudo bem, não é preciso falarmos de novo.”

Através da observação vimos que elas comunicam bem, brincam uma com a outra e a educadora ajuda a mãe Verónica a confeccionar o bolo para vender, bem como esta solicita a sua ajuda.

Num momento de conversa com a auxiliar Yasmin, profissional que acompanha a educadora Camila, esta referiu “elas estão a dar-se muito bem”.

Tendo em conta esta situação trabalhada pela mediação, podemos reforçar a excelência deste processo na construção de uma cultura de paz, isto porque a” (...) mediação surge, por um lado, como consequência da desagregação do laço social e, por outro, como uma resposta adaptada para a reconstrução de uma nova forma de coesão social (...) as práticas de mediação social e de mediação comunitária revestem-se de bastante interesse, na medida em que constituem tentativas de resposta aos novos problemas sociais, sobretudo, aqueles em que as soluções tradicionais se têm revelado inadequadas” (tradução nossa) (Lemaire & Poitras, 2004, p.18).

5.2.6. Avaliação e discussão da intervenção na CMI

No final do Estágio e para termos a noção real do efeito para a CMI, nomeadamente da criação do projeto educativo, do projeto de autossustentabilidade, das atividades desenvolvidas com as profissionais e sobre o trabalho desenvolvido com as mães alojadas foi importante administrar um inquérito por questionário às profissionais desta instituição (cf. apêndice 4) bem como oferecer a cada uma um certificado de participação nas formações dinamizadas (cf. apêndice 28).

A recolha destes dados são, a nosso ver, fundamentais para refletirmos sobre todo o trabalho desenvolvido na CMI, mas também para perceber o efeito do mesmo para as dinâmicas futuras da instituição.

Para uma análise mais objetiva é importante apresentar os resultados parceladamente para refletirmos criticamente sobre os mesmos de modo a percebermos o efeito real de todo o Estágio académico nas dinâmicas da CMI.

Na tabela que se segue apresentamos os resultados que dizem respeito ao efeito do projeto educativo na CMI e uma breve reflexão e análise crítica sobre os mesmos.

PROJETO EDUCATIVO	Sim	Não
O Projeto Educativo da CMI já foi apresentado a outras instituições?	6	0
O Projeto Educativo foi útil para dar a conhecer a CMI a outras instituições?	6	0
O Projeto Educativo é tido em conta quando procuram estabelecer parcerias com instituições importantes para o desenvolvimento da CMI?	6	0
O Projeto Educativo foi apresentado às mães que estão hospedadas na CMI?	6	0
O Projeto Educativo foi apresentado a hóspedes da Casa da Amizade?	5	0
O Projeto Educativo é útil para se compreender o trabalho da CMI?	5	1
A divulgação do Projeto Educativo permitiu recolher donativos/ financiamentos para a CMI?	0	2

Tabela 9: Resultados relativos ao projeto educativo

Na análise destes resultados percebemos que, na maioria, as respostas são positivas, reforçando o papel do projeto educativo para a projeção desta instituição. Apenas a última questão, em que 4 das profissionais não responderam e duas responderam negativamente, podemos reportar que o projeto educativo ainda não foi um meio essencial para a recolha de donativos/financiamentos para a CMI.

Quando questionadas a que instituições o projeto já foi apresentado, as respostas são inúmeras: Centro de Formação Profissional de Pedra Badejo (CFPPB), Delegação de Saúde de Santa Cruz (DSSC), CMSCZ, AISEC, Verde-Fam o Centro Juvenil Katchás, por outro lado, quatro profissionais responderam que já foram estabelecidas parcerias com a CMSCZ, DSSC e o CFPPB.

Neste inquérito por questionário também procuramos explorar o efeito do projeto de autossustentabilidade para as dinâmicas de CMI, algo analisado na tabela seguinte.

PROJETO DE AUTOSSUSTENTABILIDADE	Sim	Não
O Projeto de Autossustentabilidade está concluído?	0	6
O Projeto de Autossustentabilidade foi útil para mobilizar parceiros para a CMI?	5	1
O Projeto de Autossustentabilidade vai ser implementado nos próximos seis meses?	3	2

Tabela 10: Resultados relativos ao projeto de autossustentabilidade

No seguimento destes resultados podemos concluir que o projeto de autossustentabilidade ainda não está concluído, faltando o orçamento do mesmo para a sua conclusão e, assim, avançar com a sua concretização. Algo que não foi concluído durante a realização deste Estágio.

No entanto, este ponto ultrapassa as nossas competências e das profissionais da CMI, é um trabalho feito em parceria com a CMSCZ e delegação do Ministério do Desenvolvimento Rural (MDR), algo que foi referido pelas profissionais nos instrumentos de autorregulação.

Relativamente à utilidade deste projeto para mobilizar parceiros, 5 das profissionais considera que sim, enquanto 1 nos diz que não. Por outro lado, se este projeto vai ser implementado nos próximos 6 meses, podemos ver que 3 profissionais acreditam que sim, 2 pensam que não e 1 das profissionais não respondeu.

Este projeto já foi apresentado, segundo as profissionais, à CMSCZ e à delegação do MDR, sendo que já há parceria com a CMSCZ.

Na tabela que se segue exploramos os resultados obtidos em relação às atividades desenvolvidas com as profissionais da CMI.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM AS PROFISSIONAIS	Sim	Não
Identificou no projeto educativo atividades e formações relevantes para desenvolver competências sociais nas mães?	6	0
Estabeleceu parcerias com outras instituições para a realização de Formações na CMI?	6	0
Foram mobilizados recursos importantes para a concretização de atividades e projetos?	6	0
Utiliza fichas de autorregulação no seu trabalho profissional?	6	0
Os conhecimentos adquiridos sobre a prevenção e resolução de conflitos têm sido úteis no seu trabalho na CMI?	6	0
As formações recebidas responderam às necessidades sentidas?	6	0
Realiza todas as semanas atividades de cooperação, interajuda e de corresponsabilidade com as mães?	6	0
Realiza todas as semanas atividades lúdicas com as mães e os seus filhos?	6	0

Tabela 11: Resultados relativos às atividades desenvolvidas com as profissionais

Considerando estes resultados podemos constatar que todas as profissionais responderam positivamente às questões, evidenciando a satisfação das profissionais com as atividades e formações desenvolvidas com elas ao longo do Estágio.

Quando questionadas sobre as atividades que têm realizado com as mães, responderam o quebrar o gelo, abraço, jogo um carinho e o novelo.

Na tabela 12 apresentamos os resultados do inquérito por questionário sobre o trabalho desenvolvido com as mães alojadas na CMI.

TRABALHO DESENVOLVIDO COM AS MÃES ALOJADAS NA CMI	Sim	Não
As mães participam nas atividades da CMI?	6	0
As mães participam nas atividades de formação dentro e fora da CMI?	6	0
As mães expressam mais os seus sentimentos?	5	1
As mães respeitam os sentimentos das suas colegas?	6	0
As mães são cumpridoras das regras da CMI?	6	0
As mães colaboram umas com as outras e ajudam-se mutuamente?	6	0
As mães falam do que desejam ser e fazer no futuro?	6	0
As mães estão mais atentas aos seus filhos e manifestam-lhes carinho?	6	0
As mães manifestam empenho na construção do seu projeto de vida?	4	0

Tabela 12: Resultados relativos ao trabalho desenvolvido com as mães

Numa abordagem ampla é notório que a maioria das profissionais responderam positivamente às questões, excetuando na questão três em que uma das profissionais acredita que as mães não expressão mais os seus sentimentos.

Por outro lado, na última questão relativamente ao empenho das mães na construção do seu projeto de vida, duas das profissionais não responderam à questão, e as outras quatro responderam positivamente à questão.

Na questão aberta, sobre as atividades que as mães têm realizado, as profissionais responderam: Aula de português, trabalho na horta, reciclagem, jogos e dinâmicas de grupo e culinária.

Posto isto, e tendo em conta estes resultados e todas as opiniões recolhidas, consideramos que o Estágio académico na CMI foi uma mais-valia para a sua projeção social e para o empoderamento das mães e das profissionais.

5.3. Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”

Outra das intervenções efetuadas ao longo deste Estágio académico foi na ESACS, mais concretamente no clube “agentes da paz”.

Na tabela que se segue expomos de forma sucinta os objetivos dessa intervenção, os procedimentos efetuados, a avaliação feita e os resultados obtidos.

Programa de intervenção com os alunos do clube “agentes da paz”	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o espírito de cooperação e de boa liderança dentro de um grupo • Desenvolver nos alunos competências sociais promotoras de relações interpessoais saudáveis • Sensibilizar os alunos para a prevenção do bullying; • Dar a conhecer a Mediação e as suas potencialidades para construir relações saudáveis • Promover nos alunos interesse pelo Voluntariado
Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • 7 Sessões de 1 hora
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão crítica final por parte dos alunos

Tabela 13: Programa de intervenção com os alunos do clube "agentes da paz"

5.3.1. Intervenção

A intervenção na ESACS foi resultado de conversas informais sobre a licenciatura em Educação e a área de especialização do mestrado: Mediação Educacional e Supervisão na Formação, com o coordenador deste grupo. Após esta abordagem, solicitou a nossa presença para a dinamização do clube (cf. anexo 12).

Nas conversas, sugeriu alguns temas que considerava relevantes para o empoderamento dos alunos, nomeadamente a liderança, as relações interpessoais saudáveis, o bullying e o voluntariado. Aproveitando esta solicitação, sugerimos dar a conhecer a mediação e as suas vantagens no fortalecimento de relações saudáveis.

Atendendo à importância desta intervenção para o nosso crescimento pessoal e profissional e o quanto foi enriquecedor para este Estágio, uma vez que, a exigência de estar a intervir em dois espaços totalmente diferentes com temáticas completamente distintas, transformou-nos em profissionais mais claros, objetivos, dinâmicos e flexíveis.

Esta intervenção na ESACS ocorreu ao longo de sete sessões, cujo objetivo geral foi promover junto dos alunos a tolerância e a cultura de paz.

Numa primeira sessão procuramos, juntamente com uma entidade da CMSCZ, explicar de forma geral em que consiste a mediação e o seu papel nas dinâmicas sociais de Cabo Verde. Esta sessão foi importante para uma primeira apresentação do trabalho a desenvolver, constituindo o lançamento para a nossa intervenção no clube “agentes da paz”.

Primeiramente foi importante conhecermo-nos e “quebrar o gelo”, para tal implementamos a “dinâmica do nome”, depois solicitamos a opinião de cada aluno, através do *brainstorming*, sobre o conceito de “liderança” e refletimos sobre as mesmas. No final analisamos um pequeno texto sobre a liderança, intitulada “Nascemos líderes ou aprendemos a ser líderes”. Nesta sessão, estávamos ansiosas, uma vez que não conhecíamos os alunos e era a nossa primeira intervenção com este clube. Para reforçar a importância de uma boa liderança exploramos algumas definições, diferença entre o líder e um chefe, as tarefas de um líder dentro do grupo.

Numa outra sessão, procuramos desenvolver, através de metodologias reflexivas, participativas e cooperativas, nos alunos competências sociais promotoras de relações interpessoais saudáveis, fundamentais para um grupo coeso e um ambiente saudável e harmonioso entre todos os participantes.

Trabalhamos também a prevenção do conflito e do bullying, através da exposição de testemunhos de pessoas que sofreram bullying e da partilha de experiências/ histórias que conheciam sobre esta temática.

Numa das sessões demos a conhecer a mediação e as suas potencialidades para a construção de relações saudáveis, através do *rol-play* de casos de mediação. Por fim, procuramos que os alunos refletissem sobre a importância do voluntariado, através do *brainstorming* do conceito, bem como da reflexão de vídeos sobre o voluntariado e a partilha de experiências.

5.3.2. Avaliação

A fim de termos a noção real da nossa intervenção solicitamos aos alunos que redigissem uma pequena reflexão, de forma anónima, sobre o que gostaram mais e o que gostaram menos ao longo da nossa intervenção e a justificação das suas opiniões (cf. apêndice 29).

Nestas reflexões alguns alunos referiram que com a estagiária “ (...) as aulas tornaram-se mais vivas com mais participações, eu particularmente senti-me com mais vontade de falar, familiarizei-me com ela (...) ”. Tentamos promover em todos os alunos a sua participação e para isso, a estagiária tentou aproximar-se deles o quanto é desejável para os fazer sentir-se bem e familiarizados com ela e participarem nas intervenções, algo que foi corroborado por uma aluna “Na minha opinião a estagiária teve uma boa postura porque ela explica bem e também pede a opinião dos outros e sempre ela nos encoraja em qualquer circunstância”.

Relativamente à nossa intervenção no clube “agentes da paz”, sentimos que foi curta e havia muito mais trabalho a ser feito, principalmente em toda a ESACS como referiram os alunos ao

longo das sessões “é importante um mediador na escola, para prevenir conflitos e resolve-los para que a relação entre eles fique bem”.

Outro ponto, que nos deixou satisfeitas, foi no final da nossa intervenção observar que quando o coordenador questionou os alunos sobre o que pensam fazer agora pela escola, uma das alunas referiu “o que aprendemos com a Marisa devia ser transmitido aos outros para eles ficarem sensibilizados para estes temas como nós ficamos”.

Sentimo-nos sempre muito bem a trabalhar com estes alunos e com o coordenador, fomos sempre acarinhadas e valorizadas por todos.

5.3.3. Resultados obtidos

Com a implementação deste programa, e pelas leituras das reflexões críticas escritas e orais ao longo das sessões, desenvolvemos o espírito de cooperação e de boa liderança dentro do grupo, diligenciamos o desenvolvimento de competências promotoras de relações saudáveis, a sensibilização dos alunos para a prevenção do bullying/conflito, demos a conhecer a mediação e das suas potencialidades para o fortalecimento das relações interpessoais, bem como sensibilizamos os alunos para a importância do voluntariado.

5.4. Pesquisa sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde

Outro ponto trabalhado no nosso Estágio foi a pesquisa realizada sobre o papel da mediação nas dinâmicas sociais em Cabo Verde.

A ideia de fazer esta pesquisa surgiu no seguimento de conversas informais com entidades locais de Santa Cruz e, consideramos relevante e enriquecedor para este Estágio elaborar uma pesquisa sobre o papel da mediação nos contextos sociais de Cabo Verde.

Para isso, elaboramos um inquérito por entrevista que administramos junto de mediadores das Casas de Direito, para “ (...) compreender os significados que os entrevistados atribuem a determinadas questões e/ou situações” (Morgado, 2012, p.72).

Primeiramente, entramos em contato com o mediador de uma Casa de Direito da ilha de Santiago explicando quem eramos, a razão da nossa presença em Cabo Verde e o nosso interesse em realizar-lhe uma entrevista para entender qual o papel da mediação nas dinâmicas sociais dos cabo-verdianos.

Após este encontro, de partilha de opiniões e experiências, agendamos a realização da entrevista e quando questionado se podia gravar ele referiu “pode gravar, sem problema, percebo que seja importante para a recolha de informações”.

A entrevista foi realizada no gabinete do mediador, sem interrupções, nem ruídos.

Ao longo da conversa, explicou-nos que as pessoas recorrem à mediação porque “(...) é mais rápido e barato, normalmente essas pessoas precisam de manter a relação porque são vizinhos, amigos ou família e a mediação ajuda-os a resolver os conflitos e a manterem a relação que é o que eles querem.” Na sua opinião “a mediação é cada vez mais usada em Cabo Verde porque as pessoas vêm vantagens nela, é mais rápida e barata”. Referiu também que em “X os casos que surgem com maior incidência é de divisão de terrenos, mas surge de tudo um pouco”. Esta conversa aproximou-nos mais da situação da mediação nos contextos sociais de Cabo Verde.

As informações reveladas nesta entrevista surpreenderam-nos porque em Cabo Verde é valorizado o papel da mediação em diversas situações: desde conflitos de interesse económico e territorial até problemas relacionais entre família, vizinhos e amigos. Se compararmos estes dados com os portugueses, reparamos que existe uma discrepância na importância que se dá a este processo, uma vez que no nosso país há ainda um longo caminho a percorrer para que a mediação assuma um papel semelhante ao que assume em Cabo Verde no quotidiano social. Embora os contextos de cada país sejam diferentes, onde existem grupos é recorrente que existam conflitos e por isso devem existir procedimentos como a mediação para que seja possível a convivência entre todos. Após este encontro, procuramos entrar em contacto com outros mediadores, de outros Municípios. Ao entrarmos em contacto com uma outra Casa de Direito da ilha, mostraram-se interessados em conversar connosco. No entanto, a mediadora que nos recebeu só estava de serviço nesta instituição desde outubro de 2015 e considerou não saber responder a algumas das nossas questões, reencaminhando-nos para o Ministério da Justiça, nomeadamente para a responsável pela secção das Casas de Direito em Cabo Verde. Entramos em contacto com o Ministério da Justiça para explicarmos o objetivo da nossa pesquisa e a importância de conversar com a responsável das Casas de Direito para conhecermos melhor o papel da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde. Após esta explicação agendaram um encontro connosco.

Neste encontro, a responsável afirmou o seguinte “Estamos a tentar implementar a mediação no quotidiano em Cabo Verde desde 2006, no entanto não foi conseguido. Em outubro de 2015 houve uma formação intensiva teórica e prática para profissionais em mediação para estes

trabalharemos nas Casas de Direito. Por isso é recente. Mas até agora temos tido boa aceitação e as pessoas procuram a mediação por ser mais rápida e barata.”

Relativamente à procura da mediação em Cabo Verde, referiu que “as pessoas conhecem cada vez mais e procuram-na, passam a mensagem de pessoa em pessoa, cada vez é mais conhecido o que facilita o nosso trabalho”. No decorrer da conversa referiu também que “cada vez mais, a mediação assume um papel importante na sociedade em Cabo Verde pois resolve os conflitos através do diálogo”.

Para a responsável ficar também a conhecer a realidade portuguesa em relação à mediação demos a conhecer a licenciatura em Educação e o Mestrado, o nosso Estágio e a razão da nossa presença em Cabo Verde. Percebemos que o nosso trabalho foi valorizado por ela, uma vez que achou interessante a aplicação da mediação preventiva.

No final do encontro deu-nos acesso à legislação de Cabo Verde relativamente à mediação. Neste documento, Boletim Oficial de Cabo Verde, vemos a importância que é dada às modalidades de resolução de conflitos. Conforme é referido apesar dessas modalidades serem “pouco conhecidas entre nós, mas suficientemente experimentadas noutros lugares, (...)” (Boletim Oficial, 2005, p.639) “referem que “ (...) qualquer entidade privada pode instalar, organizar e desenvolver centros de mediação, sem fins lucrativos, com o objetivo de mediante a composição dos interesses das partes, conseguida pelas próprias partes com o auxílio de um terceiro neutro e imparcial, devidamente habilitado obter a resolução de um conflito existente ou emergente”. (Boletim Oficial, 2005, p.639).

Relativamente ao mediador, é referido neste mesmo documento que “ (...) é escolhido livremente pelas partes, podendo a escolha recair sobre o mediador que tenha realizado a Pré-mediação” e que “ as partes podem escolher mais do que um mediador”. (Boletim Oficial, 2005, p.644).

No que diz respeito às competências do mediador no processo da Mediação há destaque para a imparcialidade e independência do mediador: “ (...) mediador deve ser imparcial e independente, assim permanecendo durante todo o processo de Mediação. Este dever se estende ao co - mediador nas hipóteses de Co- Mediação.” (Boletim Oficial, 2005, p.644). Outro aspeto salientado no documento é o dever da confidencialidade: “O mediador, qualquer das partes ou outra pessoa que atue na Mediação, não deve revelar a terceiros ou ser chamado ou compelido, inclusive em posterior arbitragem ou processo judicial, a revelar fatos, propostas ou quaisquer outras informações obtidas durante a Mediação.” Boletim Oficial, 2005, p.645).

Após estas entrevistas e a análise da legislação cabo-verdiana, acreditamos que em Cabo Verde a mediação assume um papel preponderante na construção de uma cidadania participativa e de uma cultura de respeito e harmonia entre as pessoas.

Estes resultados surpreenderam-nos isto porque a mediação é conhecida e bastante dinamizada nas dinâmicas sociais cabo-verdianas, algo que, em Portugal ainda não é visível, mas que acreditamos que com o passar dos anos e com o trabalho de todos os mediadores passe a ser reconhecida. Consideramos que o trabalho que desempenhamos, bem como o dos nossos colegas em estágio, é um passo importantíssimo neste sentido.

5.5. Discussão dos resultados e reflexão final do Estágio académico

A intervenção e reflexão conseguida ao longo dos meses de Estágio foram essenciais para o nosso crescimento pessoal e profissional, pois permitiu-nos analisar e repensar em todas as intervenções, sobre o que correu bem e o que correu menos bem e o que pode ser melhorado na nossa postura enquanto profissionais da área da Educação e da Mediação.

Para procedermos à discussão dos resultados e à reflexão final do Estágio, tomamos como referência os objetivos gerais da nossa intervenção na CMI delineados no início deste Estágio:

- Fortalecer as competências pessoais, sociais e comunicacionais das mães alojadas na CMI;
- Desenvolver competências de mediação e de mobilização de recursos com as profissionais da CMI;

No que diz respeito ao primeiro objetivo, isto é, *fortalecer competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães alojadas na CMI*, foi concebido um dispositivo de mediação que fortalecesse as relações entre as mães e as profissionais do centro.

Este programa fomentou as relações existentes e proporcionou o autoconhecimento e conhecimento das diferentes intervenientes, evidenciando o papel da mediação preventiva na construção de relações sólidas. Para isso, este dispositivo procurou atuar na promoção das relações entre mãe e filho, sensibilizou para a aprendizagem e reflexão de regras de grupo para a boa convivência de todas as intervenientes. Outro dos pontos dinamizados ao longo do programa foi valorização do papel de cada uma para o bom funcionamento da CMI, bem como conhecer sentimentos e explorá-los, exprimindo os seus próprios sentimentos e respeitando os dos outros. Outro aspeto trabalhado foi a participação destas mães na definição do seu projeto de vida.

O momento de avaliação foi feito de forma adequada às qualificações acadêmicas das mães e com a supervisão das profissionais. Estes momentos foram fundamentais para a construção deste programa e reformulação das ideias inicialmente previstas. Por exemplo, quando nos apercebemos que uma das mães não conseguia escrever, reformulamos o programa, isto é, não solicitamos tantas vezes a opinião escrita das intervenientes mas sim oral de modo a que todas as mães, sem exceção, pudessem expressar-se ao longo das sessões. Por outro lado, para conseguirmos uma opinião escrita e avaliativa sobre a sessão esta mãe conversava com uma das profissionais que redigia a sua opinião no post'it.

Este programa, também permitiu que as profissionais dessem conta da real dificuldade de uma das mães em escrever, refletindo sobre a importância da alfabetização desta para o seu empoderamento pessoal e social.

No que concerne ao outro objetivo geral, *desenvolver competências de mediação e de mobilização de recursos com as profissionais da CMI* concebemos dois programas de formação/mediação distintos. Ou seja, trabalhamos inicialmente o desenvolvimento de competências em mobilização de recursos e posteriormente o desenvolvimento de competências em mediação.

A dinamização do dispositivo referente à mobilização de recursos permitiu, em conjunto com as profissionais da CMI e a CMSCZ, dar a conhecer a instituição a futuros parceiros, conceber projetos relevantes para a sustentabilidade e projeção do centro, refletir sobre atividades e formações relevantes para o empoderamento social e pessoal das profissionais e das mães, mobilizar parceiros importantes para a concretização destes projetos e atividades, construir um instrumento de autorregulação das práticas e conceber materiais relevantes para a credibilização social e institucional da CMI.

Relativamente à avaliação deste programa, como já referimos anteriormente foi feita através de um inquérito por questionário, possibilitando deste modo uma abordagem real e continua das nossas práticas profissionais. No entanto, foi notório, as dificuldades sentidas pelas profissionais em preencher este instrumento, a por exemplo, as perguntas abertas eram raramente preenchidas; portanto, foi importante conceber um novo inquérito por questionário com perguntas fechadas, utilizado no programa de desenvolvimento de competências em mediação.

Este dispositivo de desenvolvimento de competências em mediação promoveu a reflexão crítica sobre competências como: a cooperação, a entreaajuda, a corresponsabilidade, a autorregulação e a comunicação essenciais para a sua vida profissional e pessoal. Possibilitou também a reflexão sobre ferramentas de prevenção e resolução de conflitos, relativas ao papel da mediação.

Após a conclusão das nossas intervenções, consideramos que as profissionais da CMI estão capacitadas para darem continuidade a protocolos de parcerias com outras instituições, a implementar o projeto de autossustentabilidade, a serem pró-ativas na construção do que acham necessário para a CMI, isto porque, ao longo das intervenções privilegiamos as tomadas de decisão em equipa, a pró-atividade que é exigida em todos os contextos.

A intervenção na ESACS foi mais reduzida em tempo e também circunscrita a um determinado grupo de alunos. Contudo, segundo o que foi referido em momentos de reflexão oral e escrita, foi importante para o empoderamento pessoal e social dos alunos. Esta intervenção, embora solicitada, foi fundamental para o nosso desenvolvimento. Uma vez que trabalhar em dois contextos, com participantes e temas diferentes revelou-se preponderante para o nosso enriquecimento pessoal e profissional.

A realização da pesquisa sobre a área da mediação em Cabo Verde foi um contributo, do ponto de vista científico, importante para o enquadramento da temática nos contextos de intervenção, mas também para a perceção e análise sobre a importância da mediação nas dinâmicas sociais de Cabo Verde.

6. Considerações Finais

“Não sei para onde vou, mas vou comigo”

(Freitas, 2014, p.242)

6.1. Análise crítica dos resultados e suas implicações

A preparação para esta experiência foi longa e enriquecedora, permitindo a reflexão e análise crítica do contexto, das suas potencialidades bem como das suas fragilidades.

Relativamente a este ponto específico do relatório e, após meses de trabalho e dedicação, acreditamos que os resultados observados e as implicações do Estágio nas dinâmicas sociais são positivos no seu todo.

Enquanto profissionais da área da Educação, e mais especificamente enquanto mediadoras, julgamos que é fulcral saber estar, saber fazer e saber ser no contexto de intervenção. Consideramos que foram estas competências, em articulação, que nos permitiram intervir de forma reflexiva, crítica e transformadora.

No decorrer da nossa intervenção, especialmente na CMI, procuramos abranger as três valências da mediação - preventiva, resolutive e transformativa - de maneira a que as relações estabelecidas fossem cultivadas e a transformação local fosse sustentada.

A dimensão deste projeto, a princípio imprevisível, acabou por resultar na envolvência das instituições cabo-verdianas, o que nos proveu de condições para trabalhar e compreender a realidade intrínseca ao contexto de intervenção, tornando ainda mais rica a nossa experiência.

Julgamos que o resultado deste Estágio académico, só foi conseguido com o trabalho de todos: das profissionais, das mães da CMI, da estagiária, dos alunos do clube “agentes da paz” e dos professores da Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”, dos mediadores da Casa de Direito e também das orientadoras, que assumiram um papel fundamental na concretização e orientação do mesmo. Assim, a interligação, dedicação e trabalho de todas estas identidades foram a chave dos resultados obtidos.

Este Estágio académico foi extremamente rico em experiências e em partilha de opiniões e de conhecimentos, que nos permitiram desenvolver competências pessoais, sociais, comunicacionais e relacionais muito importantes para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Ao longo de todo este Estágio, sentimos algumas dificuldades que exigiram de nós um maior esforço. Foi necessário para ultrapassar a barreira linguística (não conhecíamos o crioulo), a

ausência de materiais pedagógicos na CMI, e ainda, o fato da estagiária estar sozinha num contexto diferente e distante da família e dos amigos-

No entanto, estamos certas de que estes contratemplos foram ultrapassados e de que conseguimos intervir de forma positiva, colaborativa, coparticipada, dinâmica e integradora para todas as intervenientes. Para o conseguirmos, foi essencial mantermos uma postura pró-ativa, flexível nos horários, acessível nas intervenções, paciente com os atrasos, entre outras coisas.

A realização deste projeto só foi possível após a envolvimento de inúmeras entidades como a CMI, a CMSCZ, o CRCD, a ESACS, a Uni-CV e a UMinho, que nos deram a segurança para uma abordagem mais próxima e atenta, importante para a intervenção. Sem os múltiplos intervenientes destas entidades, a realização deste projeto não teria sido possível.

6.2. Impacto do Estágio

6.2.1. A nível pessoal

A meu ver, enquanto estagiária, sinto que evolui muito em termos de competências profissionais de mediadora, pois adquiri saberes, experiências e competências essenciais para o meu futuro pessoal e profissional.

Concluir este relatório representa o fim de um ciclo, a conclusão da melhor e maior experiência da minha vida. Lembro-me da ansiedade, mas também da determinação, em concretizar plenamente este projeto. Sinto que foi a concretização de um sonho, intervir, viajar, conhecer, viver, sentir, estar e respeitar uma cultura e um país diferente. Permitiu-me crescer e pensar que “tudo é possível, com trabalho e um pouco de sorte”.

Esta experiência possibilitou que crescesse profissionalmente e pessoalmente devido a inúmeras situações. Por exemplo, hoje sinto que:

- Sou mais flexível devido à readaptação constante, aos imprevistos que surgiram e à necessidade de conhecer os costumes, as necessidades e os interesses das profissionais, das mães alojadas da CMI e dos alunos da ESACS;
- Sou mais objetiva pois a dificuldade linguística/ comunicativa que senti ao longo da minha intervenção exigiu um esforço da minha parte para ser clara nas interações com as profissionais, com as mães alojadas na CMI e com os alunos da ESACS para que os intervenientes me compreendessem de forma correta;

- Sou mais criativa, isto porque, a ausência ou escassez de alguns recursos, nomeadamente materiais pedagógicos exigiu que eu trabalhasse de forma mais simples e criativa de maneira a conseguir sensibilizar os intervenientes para o que era pretendido;
- Sou mais realista/consciente, ou seja, não tenho intenções de “mudar o mundo” mas sim querer trabalhar pouco a pouco, passo a passo e ter objetivos realistas e concretizáveis para não cair no risco de ficar “frustrada” quando as coisas correm menos bem;
- Sou mais “forte” uma vez que viver sozinha num país diferente com uma cultura própria exigiu que fosse resiliente, independentemente, das barreiras culturais, das saudades do meu país, da minha família e dos meus amigos;
- Sou uma pessoa mais feliz, viver e sentir a realidade de Santa Cruz diariamente, fez-me dar valor ao que realmente vale a pena;
- Sou uma pessoa muito mais positiva, algo que absorvi em Cabo Verde, uma vez que vi um povo com dificuldades, mas sempre com um sorriso no rosto, com a morabeza¹⁴ no coração e com uma crença que tudo vai ficar bem.
- Sou mais responsável civicamente, acredito que todos nós somos responsáveis pelas diferenças sociais e económicas que existem entre os diferentes países. Todos nós podemos e devemos participar ativamente na construção de sociedades mais igualitárias e cooperativas;
- Enfim, toda esta experiência pessoal e profissional foi exigente e enriquecedora e transformou-me numa pessoa mais atenta, consciente e clara.

Este Estágio exigiu que me integrasse de forma total no meio, isto significou aprender a língua, respeitar e sentir as diferenças culturais. Como já foi referido, vivia próximo do espaço em que intervinha, isto exigiu que eu criasse um distanciamento entre a minha vida pessoal e a vida profissional, algo que me foi difícil, inicialmente, uma vez que estava sozinha e não tinha muito contato com pessoas externas à CMI, mas foi algo ultrapassado com o decorrer do tempo, em que consegui integrar-me no meio e conhecer outras pessoas.

Ser mediador e formador nesta área é, na minha opinião e, atendendo a esta experiência um processo rigoroso, trabalhoso e exigente, isto porque, exige clareza, acessibilidade, assertividade, objetividade, disponibilidade, atenção e flexibilidade. A conjugação destas competências, permitiram-me aproximar-me da cultura e aprender a língua de forma a trabalhar com as profissionais e as mães alojadas na CMI, isto porque a “língua e cultura são indissociáveis, uma

¹⁴ Arte de bem- receber, carinho

vez que a língua, além de veicular a cultura de um país, serve para expressar toda a sua realidade” (Fernández, 2001, p. 12).

A meu ver refletir sobre o que é diferente enriquece-nos. Viver, sentir e respeitar a diferença transforma-nos.

6.2.2. A nível institucional

Na nossa perspetiva o papel da mediação educacional deve continuar a ser dinamizado em instituições sociais e empresariais para fortalecer a sua credibilidade e para a evolução pessoal e profissional dos diferentes intervenientes.

Nas instituições que intervimos percebemos que quando há diferenças culturais e sociais, devemos saber articulá-las e integrá-las nas relações interpessoais, isto porque, são uma mais-valia para o desenvolvimento pessoal, social e relacional de todos os participantes.

Nesta intervenção, quer na CMI como na ESACS pudemos trabalhar a mediação nas suas diversas dimensões: preventiva, resolutive e transformadora. A nível preventivo, procuramos promover o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e relacionais, para assim cultivar as relações existentes e promover uma cultura de paz entre a comunidade/sociedade. Por outro lado, resolutive e renovador, nomeadamente na CMI com a promoção de um diálogo colaborativo entre duas participantes. Neste caso, através de uma ação imparcial e reflexiva que procurou através do diálogo regular relações em conflito e transformá-las em relações de respeito mútuo.

Assim, conseguimos, através da mediação e de ações colaborativas, promover a transformação institucional e a potenciação das capacidades pessoais, sociais e comunicacionais.

Este Estágio, também teve efeitos a nível institucional, para a UMinho, isto porque:

- Representa um “salto” internacional dos Estágios académicos da UMinho em contextos do continente africano. Esta responsabilidade é enriquecedora e aliciante, pois exigiu que fôssemos pró-ativas e conscientes de toda a exigência para a concretização do mesmo.
- Solidifica as parcerias existentes entre a UMinho e a Uni-CV, o CRCO e a CMSCZ, possibilitando outros alunos realizar Estágios académicos neste contexto.

6.2.3. A nível de conhecimento na área de especialização

O nosso contato com a mediação educacional foi, até à realização deste Estágio, muito diminuto, tendo em conta a complexidade e diversidade de intervenção com a mediação. Os nossos contatos tinham sido maioritariamente teóricos, com a realização de trabalhos de grupo, que permitiam

nos aproximar do conceito e potencialidades de mediação. De salientar, que no 3º ano da licenciatura, a estagiária, dinamizou um projeto de mediação sociocultural, juntamente com duas colegas, numa instituição da cidade de Braga e isso permitiu-lhe aproximar profissionalmente de contextos de mediação e de formação.

A literatura e os estudos realizados dizem-nos que a mediação é cada vez mais preponderante para o fortalecimento de relações e crescimento de uma sociedade de paz e, projetos como este, na nossa opinião, reforçam o papel da mediação na construção de uma cultura de paz, visto que a mediação foi amplamente utilizada e difundida, quer nas intervenções, quer na cooperação entre as diferentes entidades que permitiram a concretização deste Estágio.

Acreditamos que a mediação permite a consciencialização das diferenças e promove o respeito das mesmas, tal como o título do relatório “djunta-mon”, dar as mãos para a construção de sociedade mais reflexiva, participativa e igualitária, uma vez que a mediação procura “ (...) servir de ponto de encontro daqueles que são diferentes sem cair na tentação de os homogeneizar” (Torremorell, 2008, p. 81).

No final deste Estágio, fazemos um balanço positivo e muito crítico sobre as incidências do mesmo para o nosso futuro, uma vez que foi a nosso ver, o “salto” de anos de formação para a prática profissional.

A concretização deste Estágio exigiu uma reformulação constante atendendo às questões que nos surgiam, fortalecendo as nossas competências profissionais.

O facto de ainda não termos muita experiência profissional exigiu-nos uma preparação e aprofundamento teórico sobre a temática e sobre o contexto, para que assim realizássemos um trabalho rico e ajustado. Este Estágio permitiu-nos conceber, implementar, falhar, reformular, refletir e construir uma investigação-ação importante para o nosso conhecimento sobre a área de especialização.

Neste ponto final da conceção e reflexão deste Estágio, acreditamos que “tudo é possível, com muito trabalho e um pouco de sorte”.

Referências bibliográficas

Aguiar, M. (2013). *Figuras da Mediação na Formação de Adultos: Um estudo multicasos, a partir da experiência em Portugal e em França*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Braga: Universidade do Minho.

Alarcão, I. (Org.). (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina (2ª ed.).

Almeida, H. N. (2009). *Um Panorama das Mediações nas Sociedades. Na senda da Construção de sentido da Mediação em Contexto Educativo*. In Simão, A. M.; Caetano, A. P. & Freire, I. (orgs). *Tutoria e Mediação em Educação*. Edições Educa: Coimbra.

Alves, R. (2014). *Prevenção da Homonegatividade: um processo de mediação sociocultural na educação em sexualidade na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Barbier, Jean-Marie. (1993). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.

Bogdan R. & Biklen S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boletim Oficial. (2005). República de Cabo Verde.

Bonafé- Schmitt, J. P. (2012). *Os modelos de mediação: modelos latinos e anglo-saxões de mediação*. Belo Horizonte: Meritum. v. 7. n. 2, p. 181-227.

Bonafé-Schmitt, J. P. (2009). *Mediação, conciliação, arbitragem: técnicas ou um novo modelo de regulação social?* In A. M. Siva & M. A. Moreira. *Formação e Mediação sócio-educativa - perspectivas teóricas e práticas*. (pp. 15-40). Porto: Areal.

Boutinet, J.P. (2002). *Antropologia do Projeto*. Lisboa: Piaget.

Breitman, S. (2001). *Mediação familiar: uma intervenção em busca da paz*. Porto Alegre: Criação Humana.

Bush, R & Folger, J. (1994). *The promise of Mediation. United States of America*. Paramount Publishing International Office.

- Calmon, P. (2007). *Fundamentos da mediação e da conciliação*. Rio de Janeiro: Forense.
- Carreira, A. (1983). *Cabo Verde formação e extinção de uma sociedade escravocrata*. Edição Portuguesa: Porto
- Carreira, A. (1977). *Cabo Verde Classes Sociais Estrutura familiar*. Migrações: Lisboa
- Chripino, Á. (2007). *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. Ensaio: Avaliação Política Pública de Educação, 15 (54), pp. 11-28.
- Costa, E. (S.d). *Intervenção em Mediação de Conflitos em Contexto Escolar*. E-revista ISSN 1645-9180. IMULP. Matosinhos. Disponível em http://www.cfaematosinhos.eu/Ozar_22_PMC.pdf Acedido a 20 de abril de 2016.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: IEP-Universidade do Minho.
- DeKetele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Da Silva, T.V. (2004). *Na bóka noti*. (2ª Edição). (Volume I). Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. S. Vicente.
- Fernandes, A. (2013). *Centro de mediação comunitário: Uma resposta social inovadora e participativa*. Projeto de Intervenção Social. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Fernández, S. (2001). *Programa de Espanhol, Nível de Iniciação 10º ano*. Formação Específica Cursos Científico-Humanísticos de Línguas e Literaturas de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Ministério da Justiça.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Edições Monitor: Lisboa.
- Fonseca, J. (2013). *Contributos da Investigação-ação no desenvolvimento profissional: um percurso de inovação*. In Estrela, Teresa et al., *Formação Profissional: Investigação Educacional sobre teorias, políticas e práticas*. Lisboa: EDUCA/Secção Portuguesa da AFIRSE.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freire, P. (2012). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Mangualde: Edições Pedagogo.

- Freitas, P. C. (2014). *Prometo falhar*. Marcador
- Gaspar, J. (2009). *Mediação de conflitos numa Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos*. In A. M. Silva e M. A. Moreira (Orgs.), *Formação e Mediação Sócio-Educativa: Perspetivas Teóricas e Práticas*. (pp.115-121). Porto: Areal Editores.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia em ação - o planeamento em ciências sociais*. Cascais: PRINICIPIA- Publicações Universitárias e Científicas.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Haynes, J. M. & Marodin, M. (1996). *Fundamentos da Mediação Familiar*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Johnson, K. & Jay, J. (2002). *Capturing complexity: a typology of reflective practice for teacher education*. College of Education. USA. Seattle: University of Washington. Disponível em: <https://teachsource.files.wordpress.com/2013/05/jay-and-johnson-on-reflection.pdf> acessado a 28 de setembro de 2016
- Jares. X. R. (2001). *Educação e Conflito – Guia de Educação para a Convivência*. Porto: Edições ASA.
- Johnson, A. (1990). *O valor da amizade*. A história de Jane Addams. Contos de Valor: Resomnia Editores.
- Lemaire, É. & Poitras, J. (2004). *La construction des rapports sociaux comme l'un des objectifs des dispositifs de médiation*. Vol.6, n°3, Esprit Critique. Pp.17-29.
- Liberali, F. (1999). *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. Tese de doutoramento. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Lopes Filho, J. (2003). *Introdução à cultura Cabo-Verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação- Republica de Cabo Verde.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Magalhães, J. P. (1999). *Breve apontamento para a história das instituições educativas*. In: *História da educação: perspectiva para um intercâmbio internacional*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: HISTEDRB, p.68-72, 4 c.

McCawley, P. (2009). *Methods for conducting educational needs assessment*. Moscow: Idaho University.

Millán, J. & Gómez, M. (2006). *Los conflictos. Como desarrollar habilidades como mediador*. Madrid: Ediciones Pirámide.

Morgado, J. C. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. Santo Tirso: DE FACTO Editores.

Morgado, C. & Oliveira, I., (2009). *Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade*. Exedra, n°1, pp. 43-56. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/01/43-56.pdf> acedido a 30 de agosto de 2016

Nóvoa, A. (coord). (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa. Publicações D. Quixote.

Nações Unidas de Cabo Verde. *Quadro de assistência das nações unidas para o desenvolvimento em cabo verde 2012 - 2016*. Disponível em: http://www.un.cv/files/UNDAF%20Cabo%20Verde%202012_2016.pdf acedido a 2 de setembro de 2016.

Ricardo, R. (2013). *A (s) Realidade (s) do Educador Social no Algarve*. Dissertação de Mestrado em Educação Social. Faro: Universidade do Algarve.

Relatório ODM Cabo verde 2015: (dados referentes ao ano de 2014). Praia

Sanches, I. (2005). *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva*. Revista Lusófona de Educação, 5, pp. 127-142.

Sampaio, L. R. C. & Neto, A. B. (2007). *O que é mediação de conflitos* (Coleção primeiros passos). São Paulo: Brasiliense.

New York Office of Migrant Education (2001). *Comprehensive Needs Assessment*. New York: Office of Migrant Education.

Regulamento interno da Casa Manuela Irgher. (S/d).

Sales, L. M. M. (2007). *Mediação de conflitos: família, escola e comunidade*. Florianópolis: Conceito Editorial.

Saramago, J. (1989). *Caboverdiando*. In *Jornal de Letras*: Lisboa.

Schnitman, D & Littlejohn, S. (1999). *Novos paradigmas em mediação*. Porto Alegre: ArtMed.

Silva, A. M. C. (2005). *Formação e construção de identidade (s): um estudo de caso centrado numa equipa multidisciplinar*. Dissertação de Doutoramento em Educação. Braga: Universidade do Minho.

Silva, A. M. C. (2008). *Mediação Formadora e Sujeito Aprendente ao longo da vida*. In ANAIS. (Actas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos. 2, 3 e 4 de Setembro de 2008. Brasil: Universidade de Santa Catarina – Florianópolis. Textos convidados. ISBN: 978-85-87103-39-0

Silva, A. M. C., Caetano, A. P. & Freire, I., Moreira, M. A. & Freire, T., Ferreira, A.S. (2010). *Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos*. *Revista Portuguesa de Educação* 23 (2), 119-151. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v23n2/v23n2a06.pdf> acedido a 31 de agosto de 2016.

Silva, A. M. C. (2011). *Mediação e (m) educação: discursos e práticas*. *Revista Intersaberes*, Curitiba, ano 6, n.º12, jul/dez 2011, pp. 249-265. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15409> acedido a 15 de julho de 2016.

Silva, A. M. C.; Carvalho, M. L. & Oliveira, L. R. (2016). *Sustentabilidade da Mediação Social*. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Braga: Universidade do Minho.

Sousa, A. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Suares. M. (2002). *Mediando em Sistemas familiares*. Buenos Aires: Paidós.

UNICEF. (2011). *Análise da situação da Criança e Adolescente em Cabo Verde*. Praia.

Thayer, L. (1979). *Comunicação, Fundamentos e Sistemas*. S. Paulo. Atlas.

Torremorell, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Torrego, J.C. (2003). *Mediação de conflitos em instituições educativas*. Porto: A.

Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos-Sousa, J. (2002). *Mediação: o que é?*. Lisboa: Quimera.

Vasconcelos-Sousa, J. (2009). *A Mediação em Acção*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.

Apêndices

Apêndice 1: Inquérito por entrevista aos mediadores em Cabo Verde

Esta entrevista tem como objetivo compreender qual o papel da Mediação [REDACTED] e em Cabo Verde e qual é o principal enfoque da Mediação [REDACTED] e em Cabo Verde?

As suas respostas são confidenciais.

Agradecemos a sua colaboração.

Questões

1. Se possível, explique-me o que é a Casa De Direito?
2. Há quanto tempo funciona aqui em [REDACTED]? Quantas existem cá?
3. Que sítios, abrange esta Casa de Direito?
4. Para que fins as pessoas recorrem à Casa de Direito?
5. A mediação é um processo utilizado na Casa de Direito? Porquê?
6. Que intervenções são feitas através da Mediação? Porquê?
7. Na sua opinião, como as pessoas vêm a Mediação?
8. Na sua opinião, qual a importância da Mediação aqui na [REDACTED]? E em Cabo Verde? Porquê?

Apêndice 2: Inquérito por questionário implementado nas sessões do programa de desenvolvimento de competências em mobilização de recursos

Avaliação da sessão pelas profissionais

Data:

Assinale com o X a opção que vai ao encontro da sua opinião.

Descrição: **1-** Muito pouco; **2-** Pouco; **3-** Suficiente; **4-** Bom; **5-** Muito bom

Relativamente à sessão	1	2	3	4	5
Foi importante para a dinamização da CMI					
Foi importante para potenciar o crescimento da CMI					
Foi importante para a minha experiência profissional					
Promoveu a reflexão sobre as minhas práticas profissionais					
Relativamente à estagiária	1	2	3	4	5
Foi clara					
Foi acessível					
Respeitou as opiniões dos outros					
Esclareceu dúvidas					
Aceitou sugestões					

Analise a sessão referindo-se aos pontos seguintes:

Pontos fortes	Pontos Fracos
Oportunidades	Fragilidades

Apêndice 3: Inquérito por questionário implementado nas sessões do programa de desenvolvimento de competências em mediação

Avaliação da sessão pelas profissionais

Data:

Assinale com o **X** a opção que vai ao encontro da sua opinião.

Descrição: **1-** Muito pouco; **2-** Pouco; **3-** Suficiente; **4-** Bom; **5-** Muito bom

Relativamente à importância da sessão	1	2	3	4	5
Foi importante para a dinamização da CMI					
Foi importante para ajudar no crescimento da CMI					
Foi importante para refletir sobre as minhas práticas profissionais					
Relativamente ao conteúdo	1	2	3	4	5
Respondeu às necessidades da CMI					
É útil para a minha prática profissional					
É de interesse para a dinâmica da CMI					
Respondeu às minhas expectativas					
É importante para a minha formação pessoal					
É importante para o trabalho com as mães					
Relativamente à metodologia e material utilizado	1	2	3	4	5
Adequou-se ao conteúdo					
Facilitou a compreensão dos conteúdos					
Os materiais usados foram adequados ao conteúdo					
Relativamente à minha postura	1	2	3	4	5
Estive atenta à sessão					
Participei durante a sessão					
Esclareci as minhas dúvidas					
Respeitei as outras colegas					

Relativamente à postura da estagiária	1	2	3	4	5
Foi clara					
Respeitou as opiniões das várias pessoas					
Esclareceu dúvidas					
Aceitou sugestões					

Apêndice 4: Inquérito por questionário implementado com as profissionais da CMI para perceber o efeito do Estágio nas dinâmicas desta instituição

Dimensões	Objetivos	Questões
O papel do projeto educativo para a projeção da CMI	Perceber se o projeto educativo foi divulgado por outras instituições e se é útil para novas parcerias com a CMI	1, 2 e 3
	Perceber se o projeto educativo foi apresentado às mães alojadas na CMI e aos hóspedes da Casa	4 e 5
	Compreender se o projeto educativo é útil para compreender o trabalho desenvolvido na CMI	6
	Perceber se o projeto educativo permitiu recolher donativos / financiamentos para a CMI	7
	Saber a que instituições o projeto educativo foi apresentado e que parcerias foram estabelecidas	Questão aberta
O papel do projeto de autossustentabilidade para o desenvolvimento da CMI	Perceber se o projeto de autossustentabilidade está concluído e se vai ser implementado nos próximos 6 meses;	1 e 3
	Compreender se o projeto de autossustentabilidade foi útil para mobilizar parceiros	2
	Saber a que instituições o projeto de autossustentabilidade foi apresentado e que parcerias foram estabelecidas	Questão aberta
A relevância das atividades/formações com as profissionais para o empoderamento destas e da CMI	Compreender se as atividades desenvolvidas foram importantes para desenvolver competências sociais nas mães, para estabelecer parcerias com outras instituições para a realização de formações na CMI e se foram mobilizados recursos importantes para a concretização de atividades e projetos	1,2 e 3
	Saber se as profissionais utilizam as fichas de autorregulação no seu trabalho profissional	4
	Compreender se os conhecimentos de mediação têm sido uteis na CMI	5
	Perceber se as formações realizadas pela estagiária foram corresponderam às necessidades sentidas	6

	Compreender se as profissionais realizam atividades com as mães e os filhos alojados na CMI	7 e 8
	Saber quais as atividades dinamizadas com as mães e os seus filhos na CMI	Questão aberta
A pertinência do trabalho com as mães alojadas para o seu empoderamento	Compreender se as mães participam em atividades formativas	1 e 2
	Perceber se as mães expressam e respeitam os sentimentos delas e das colegas	3 e 4
	Saber se as mães respeitam as regras da CMI	5
	Perceber se as mães ajudam-se umas às outras	6
	Perceber como as mães veem o seu futuro	7 e 9
	Compreender se as mães estão mais atentas aos seus filhos	8
	Saber quais as atividades que as mães têm realizado	Questão aberta

Este inquérito por questionário tem o objetivo de conhecer o efeito das atividades desenvolvidas por nós na Casa Manuela Irgher. A sua resposta é muito importante para sabermos quais resultados alcançados e quais os aspetos a melhorar.

Assim, apresentamos as seguintes questões e pedimos que assinale com o X a sua resposta a cada uma das perguntas.

	Sim	Não
Relativamente ao Projeto Educativo		
1. O Projeto Educativo da CMI já foi apresentado a outras instituições?		
2. O Projeto Educativo foi útil para dar a conhecer a CMI a outras instituições?		
3. O Projeto Educativo é tido em conta quando procuram estabelecer parcerias com instituições importantes para o desenvolvimento da CMI?		
4. O Projeto Educativo foi apresentado às mães que estão hospedadas na CMI?		
5. O Projeto Educativo foi apresentado a hóspedes da Casa da Amizade?		
6. O Projeto Educativo é útil para se compreender o trabalho da CMI?		
7. A divulgação do Projeto Educativo permitiu recolher donativos/ financiamentos para a CMI?		
Por favor, indique a quem foi apresentado o Projeto Educativo da CMI?		
Quais as parcerias que foram estabelecidas?		

Relativamente ao Projeto de Autossustentabilidade		
1. O Projeto de Autossustentabilidade está concluído?		
2. O Projeto de Autossustentabilidade foi útil para mobilizar parceiros para a CMI?		
3. O Projeto de Autossustentabilidade vai ser implementado nos próximos 6 meses?		
Por favor indique aqui a quem foi apresentado o projeto de Autossustentabilidade da CMI?		
Quais as parcerias que foram estabelecidas?		
Relativamente às atividades desenvolvidas com as Profissionais		
1. Identificou no projeto educativo atividades e formações relevantes para desenvolver competências sociais nas mães?		
2. Estabeleceu parcerias com outras instituições para a realização de Formações na CMI?		
3. Foram mobilizados recursos importantes para a concretização de atividades e projetos?		
4. Utiliza fichas de autorregulação no seu trabalho profissional?		
5. Os conhecimentos adquiridos sobre a prevenção e resolução de conflitos têm sido úteis no seu trabalho na CMI?		
6. As formações recebidas responderam às necessidades sentidas?		

7. Realiza todas as semanas atividades de cooperação, interajuda e de corresponsabilidade com as mães?		
8. Realiza todas as semanas atividades lúdicas com as mães e os seus filhos?		
Por favor, indique algumas das atividades que tem realizado com as mães durante as últimas duas semanas.		
Relativamente ao trabalho desenvolvido com as mães alojadas na CMI		
1. As mães participam nas atividades da CMI?		
2. As mães participam nas atividades de formação dentro e fora da CMI?		
3. As mães expressam mais os seus sentimentos?		
4. As mães respeitam os sentimentos das suas colegas?		
5. As mães são cumpridoras das regras da CMI?		
6. As mães colaboram umas com as outras e ajudam-se mutuamente?		
7. As mães falam do que desejam ser e fazer no futuro?		
8. As mães estão mais atentas aos seus filhos e manifestam-lhes carinho?		
9. As mães manifestam empenho na construção do seu projeto de vida?		
Por favor, refira atividades que as mães têm realizado nas últimas duas semanas.		

Apêndice 5: Guião da Lista de verificação e a reflexão para compreender a interação pessoal e social dos diferentes intervenientes da CMI

Estratégia de Observação

Contexto	Dinâmicas na Casa Manuela Irgher
Objetivos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar necessidades/dúvidas/interesses/incertezas/imprevistos nas atividades; 2. Acompanhar a evolução dos comportamentos e atitudes dos intervenientes ao longo das sessões – compreender a intervenção.
Foco da Observação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Comportamentos; 1. Empenho e participação nas sessões.
Modalidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como? (grelhas de observação); 2. Quando? (ao longo das atividades); 3. Quem? (estagiária).

LISTA DE VERIFICAÇÃO E REFLEXÃO DA ATIVIDADE

“Observar a ação e refletir a intervenção”

Situação/Atividade:

Data: _____ Observadora: _____

Escala de registo:

✓ - Sim X - Não ? – Às vezes (aspeto a precisar de melhoria)

Interveniente 1 (I1)	Interveniente 2 (I2)	Interveniente 3 (I3)	Interveniente 4 (I4)

Comportamento das intervenientes	I1	I2	I3	I4
1. Participa em todas as tarefas que lhe são solicitadas.				
2. Dá sugestões: de novas ideias, opiniões, materiais				
3. Respeita os filhos, as colegas e seus filhos				
4. Expõe/ partilha as suas dúvidas, dilemas, incertezas.				
5. Mobiliza conhecimentos do seu quotidiano para as atividades				
6. Aceita, de forma positiva, participar nas atividades.				
7. Está atenta às necessidades e problemas dos outros, tentando ajudá-los na sua superação.				
8. Aceita as contribuições e sugestões dos elementos do grupo.				
9. Solicita sugestões aos outros elementos do grupo				

No parâmetro abaixo, a estagiária reflete sobre outros pontos relevantes da atividade.

- ✓ **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a atividade/objetivo...)
- ✓ **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)
 - ✓ **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)
 - ✓ **Sugestão de melhoria para a próxima sessão.**

Monitorização do Estágio - Diário de bordo

		Data:	Diaristas/estagiária:
Roteiro			
Objetivos	Tarefas	Assuntos	
Pontos de interesse (novos, controversos, interessantes, imprevistos...)			
Contratempos (problemas, dificuldades, dúvidas...)			
Avanços (aprendizagens, decisões, planos...)			

No parâmetro abaixo, a estagiária reflete sobre pontos relevantes da atividade.

- ✓ **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a atividade/objetivo...)
- ✓ **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)
- ✓ **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)
- ✓ **Sugestão de melhoria para a próxima sessão.**

Apêndice 8: Guião da reflexão para cada mês de intervenção no Estágio

A. Descrição (<i>o que faço? O que penso?</i>)
Esta secção destina-se à descrição (objetiva) das práticas utilizadas no desenvolvimento de competências de mediação. Objetivo: Auxiliar a mediadora a reorganizar a experiência da sua prática, recordando o que foi feito e identificando o que foi mais significativo para si.
B. Interpretação (<i>o que significa isto?</i>)
Esta secção possibilitará o questionamento dos porquês de determinada prática de mediação. Objetivo: Proporcionar à mediadora momentos de questionamento e de reflexão sobre a natureza das suas práticas, possibilitando, deste modo, a descoberta de teorias subjacentes às mesmas, através do diálogo consigo próprio e com outros.
C. Confronto (<i>como me tornei assim?</i>)
Esta secção permitirá à mediadora o questionamento da legitimação das teorias subjacentes às suas práticas, referidas na secção anterior. Objetivo: Ajudar a mediadora estabelecer um confronto entre o que “são” e os fatores que condicionaram a sua ação, bem como as práticas alternativas desejáveis (crenças, identidade profissional e missão). Isto permitirá à mediadora a perceção de que as suas práticas não são uma construção individual, mas produto de normas culturais.
D. Reconstrução (<i>como me poderei modificar?</i>)
Esta secção destina-se à enumeração de propostas de melhoria do processo de mediação. Objetivo: Propiciar à mediadora um “controlo” sobre as suas práticas, de modo a que se sinta e se torne capaz de decidir o que é melhor para a sua prática (teorização), questionando e justificando qual a posição a adotar e as mudanças a operar face ao contexto.

Linhas orientadoras: Alarcão, I. (Org.) (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Lista de verificação e reflexão da atividade: Dês (Apego)

LISTA DE VERIFICAÇÃO E REFLEXÃO DA ATIVIDADE

“Observar a ação e refletir a intervenção ”

Situação/Atividade: “ (Dês) Apego”

Data: 14 de dezembro de 2015 **Observadora:** Marisa Lopes

Escala de registo:

✓ - Sim X - Não ? – Às vezes (aspeto a precisar de melhoria)

Interveniente 1 (I1)	Interveniente 2 (I2)	Interveniente 3 (I3)	Interveniente 4 (I4)
Mãe Isabela	Mãe Gabriela	Educadora Aurora	Auxiliar Aline

Comportamento das intervenientes	I1	I2	I3	I4
1. Participa em todas as tarefas que lhe são solicitadas	✓	✓	✓	✓
2. Dá sugestões de novas ideias, opiniões, materiais	?	X	?	X
3. Respeita os filhos, as colegas e seus filhos	✓	✓	✓	✓
4. Expõe/ partilha as suas dúvidas, dilemas, incertezas	?	✓	?	✓
5. Mobiliza conhecimentos do seu quotidiano para as atividade	✓	✓	✓	✓
6. Aceita, de forma positiva, participar nas atividades	✓	✓	✓	✓
7. Está atenta às necessidades e problemas dos outros, tentando ajudá-los na sua superação	?	X	✓	X
8. Aceita as contribuições e sugestões dos elementos do grupo	✓	✓	✓	✓
9. Solicita sugestões aos outros elementos do grupo	✓	✓	X	X

No parâmetro abaixo, a estagiária reflete sobre outros pontos relevantes da atividade.

- ✓ **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a atividade/objetivo...)

A atividade foi implementada na CMI, por volta das 15h do dia 14 de dezembro de 2015, cujas participantes foram: auxiliar Aline, educadora Aurora e as mães residentes: Gabriela e Isabela (cf. imagem)

A atividade foi implementada da seguinte forma: a estagiária solicitou às quatro participantes para que cada uma escrevesse o seu nome num pedaço de papel, o dobrasse e o colocasse dentro da bolsa. De seguida, uma das crianças tirou um papel, cujo sorteado foi a auxiliar Aline. Posto isto, dei-lhe um presente embrulhado com a frase “passe este presente a uma pessoa que está aqui e que você ainda não teve a oportunidade de lhe dizer o quanto ela é importante para as outras pessoas” e explicar a sua escolha. A auxiliar Aline deu o presente à educadora Aurora, e explicou a sua escolha assim: “adoro trabalhar com ela, admiro o seu trabalho, o esforço que faz todos os dias para sustentar os seus três filhos sozinha. Ela merece o melhor do mundo.” Neste momento foi visível a emoção da educadora. (cf. imagem)

Esta ao receber o presente ofereceu-o à mãe Isabela, pois segundo ela “é uma guerreira, uma mãe que nos está a deixar, mas que este presente é sinonimo do quanto gosto dela. É como a minha filha”. Já a mãe Isabela ofereceu o presente à mãe Gabriela porque “é minha amiga desde a escola, gosto muito dela, ela vai aprender muito aqui, vou ajudá-la sempre”.

A mãe Gabriela abriu o presente com extremo cuidado e antes de ver o verdadeiro presente estavam dois pontos reflexivos: “Alguma de vocês ficou surpresa com quem lhe deu o presente? Porquê?” e “O que achaste da atividade?”.

A educadora Aurora referiu que se sentiu “surpresa por ser a primeira a receber o presente, fiquei emocionada, ainda mais com as palavras que ela me disse (auxiliar Aline)”, a mãe Isabela refletiu “eu adoro a educadora Aurora e ouvir que sou como sua filha, deixou-me muito feliz. Fiquei surpresa por receber um presente dela...” relativamente ao ponto “o que achaste da atividade” a educadora Aurora “Muito interessante, é o Natal e dar um presente é sinonimo de boa vontade e carinho pelo outro. Gostei da atividade!”, a auxiliar Aline referiu “a atividade serviu para nos divertir-

mos de uma forma interessante, porque nos conhecemos mais, embora já nos conhecemos bem, vimos o que cada uma gosta mais na outra, foi importante. Seria mais dinâmica com um grupo maior.”, a mãe Gabriela diz “acho que foi para nos conhecermos mais”, por fim a mãe Isabela disse “eu gostei muito, ouvir estas coisas é sempre bom e foi uma atividade para nos conhecermos mais”.

O objetivo primordial da atividade é promover a interação pessoal e social do grupo, algo que de uma maneira geral as participantes referiram no momento da reflexão/discussão.

✓ **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)

O ponto mais forte da atividade foi observar o entusiasmo de todas para participar na atividade e para saber o que era o presente.

A reflexão das participantes revela que estas conseguiram perceber o porquê desta atividade: “muito interessante dar um presente é sinonimo de amor” referiu a educadora Aurora, “o dar significa querer que o outro fique com algo nosso” referiu a mãe Isabela, “estivemos todas a dizer o que mais gostávamos umas das outras e o porquê de merecer um presente, conhecemo-nos melhor e divertimo-nos, foi muito lindo”, referiu a auxiliar Aline.

Estas informações revelam que é importante ter mais atividades capazes de promover momentos de interação entre as diferentes intervenientes da CMI, mas também atividades que alteram a rotina do centro.

Por outro lado, destaco como ponto menos positivo o número reduzido de participantes como constatou a educadora Aurora “pena só sermos nós!” assim o momento da reflexão da atividades não foi muito enriquecido pela falta de participantes e pelo comodismo que demonstraram as mães “gostei muito” disse-me a mãe Gabriela, quando questionada “o porquê?” apenas respondeu “foi divertido”.

✓ **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)

O maior contratempo que senti na implementação desta atividade foi o discurso reduzido das mães solteiras no decorrer da atividade e a pouca reflexão das mesmas. Algo que é constatado no final da atividade quando é pedido às intervenientes que “Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade.”, as respostas são, por exemplo “eu senti muito emocionada e curiosa para saber o que estava dentro daquela caixa de presente”, por outro lado

uma das profissionais refere “foi divertido. Quando recebi o presente fiquei emocionada, gostei imenso da atividade realizada pela Marisa. Espero a realização de mais atividades como esta”.

✓ **Sugestão de melhoria para a próxima atividade**

Numa próxima atividade julgo ser necessário procurar mecanismos para incentivar a reflexão das intervenientes e estar mais calma.

A fim de incentivar a reflexão mais aprofundada da atividade julgo ser necessário procurar questionar individualmente a cada interveniente a relevância da atividade de modo a que cada uma participe.

Por outro lado devo estar mais calma enquanto estagiária, para assim conseguir dinamizar da melhor forma a atividade e promover a reflexão das intervenientes.



Lista de verificação e reflexão da atividade: Abraço

LISTA DE VERIFICAÇÃO E REFLEXÃO DA ATIVIDADE

“Observar a ação e refletir a intervenção ”

Situação/Atividade: “Abraço”

Data: 16 de dezembro de 2015

Observadora: Marisa Lopes

Escala de registo:

✓ - Sim X - Não ? – Às vezes (aspeto a precisar de melhoria)

Interveniente 1 (I1)	Interveniente 2 (I2)	Interveniente 3 (I3)	Interveniente 4 (I4)
Mãe Isabela	Mãe Gabriela	Educadora Esmeralda	Auxiliar Valentina

	I1	I2	I3	I4
Comportamento das intervenientes				
1. Participa em todas as tarefas que lhe são solicitadas	✓	✓	✓	
2. Dá sugestões de novas ideias, opiniões, materiais	X	X	X	X
3. Respeita os filhos, as colegas e seus filhos	✓	✓	✓	✓
4. Expõe/ partilha as suas dúvidas, dilemas, incertezas	✓	✓	✓	✓
5. Mobiliza conhecimentos do seu quotidiano para as atividade	?	X	✓	✓
6. Aceita, de forma positiva, participar nas atividades	✓	✓	✓	✓
7. Está atenta às necessidades e problemas dos outros, tentando ajudá-los na sua superação	X	X	X	X
8. Aceita as contribuições e sugestões dos elementos do grupo	✓	✓	✓	✓
9. Solicita sugestões aos outros elementos do grupo	✓	✓	✓	✓

No parâmetro abaixo, a estagiária reflete sobre outros pontos relevantes da atividade.

- ✓ **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a atividade/objetivo...)

Atividade foi implementada no dia 16 de dezembro de 2015 por volta das 10h e terminou por volta das 10h45. Isto porque a mãe Isabela iria sair da parte da tarde, então a atividade foi implementar na parte da manhã.

As intervenientes desta atividade foram: a educadora Esmeralda, a auxiliar Valentina, a mãe Isabela e a mãe Gabriela. (cf. imagem)

A atividade estava planeada da seguinte maneira: os nomes dos diferentes intervenientes, mães profissionais em serviço, estavam escritos dentro de um envelope fechado.

De seguida a estagiária explicou como era desenrolada a atividade: o nome que estava no envelope era lido em voz alta, a pessoa em questão tinha que se manter de pé durante a atividade e a

pessoa que tirou a atividade deveria expor uma característica positiva, uma característica negativa, algo que esta pessoa a faça lembrar e, no final dar-lhe um abraço.

Assim, a auxiliar Valentina retirou o envelope com o nome da mãe Isabela e referiu como característica positiva: ser trabalhadora, simpática, alegre e carinhosa com a filha, por outro lado como característica negativa: estar constantemente aos gritos, disse que esta mãe lhe fazia lembrar uma personagem da televisão. A mãe Isabela retirou o nome da auxiliar Valentina referiu que não se lembrava de nenhuma característica negativa, como característica positiva disse: estar sempre pronta a ajudar-nos disse que a fazia lembrar uma “mulher trabalhadora”. A mãe Gabriela retirou o nome da educadora Esmeralda disse que como característica positiva: ser alegre, ajuda todos e é carinhosa, por outro lado considera que é muito exigente, disse que a faz lembrar “avé maria porque está sempre a dizer isso”, já a educadora Esmeralda caracterizou a mãe Gabriela de forma positiva ao declarar que é: trabalhadora, divertida e simpática mas que ainda tem pontos negativos tais como: orgulhosa, “muito mas muito” teimosa, “embora menos que no início ainda repreendes a tua filha com chapadas”, não gosta de ouvir os outros, disse que esta mãe a faz lembrar uma “o boneco mal disposto do spong bob”. No final de cada participação as participantes abraçaram-se. No final de toda a atividade as quatro intervenientes abraçaram-se porque “somos todas amigas, mesmo reconhecendo os defeitos de cada uma” referiu a educadora Esmeralda. (cf. imagem). O principal objetivo desta atividade é promover o estreitamento de laços dos intervenientes.

✓ **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)

Os pontos fortes que destaco desta atividade foi a diversão que todas as participantes demonstraram (cf. imagem), a participação e reflexão de todas as intervenientes, isto porque no final todas as participantes entenderam a relevância da atividade. “Foi bom ouvir um defeito e depois ter um abraço, isto é, podemos ouvir as coisas mais negativas, mas sermos amigas na mesma”, disse a educadora Esmeralda.

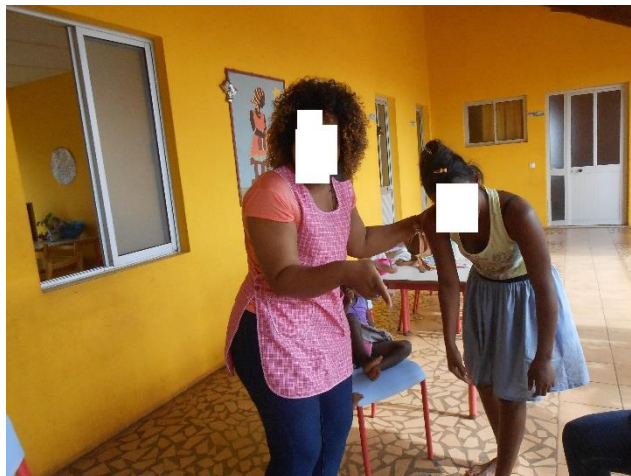
Os pontos fracos foram mais uma vez o número reduzido de participantes e a reflexão pouco participativa das mães.

✓ **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)

O maior contratempo que senti na implementação desta atividade deveu-se ao número reduzido de participantes que condicionou a implementação, isto porque, no início por exemplo a auxiliar Valentina tirou o seu próprio nome.

✓ **Sugestão de melhoria para a próxima sessão.**

Promover a reflexão das mães.



Lista de verificação e reflexão da atividade: Joga um carinho

LISTA DE VERIFICAÇÃO E REFLEXÃO DA ATIVIDADE

“Observar a ação e refletir a intervenção ”

Situação/Atividade: “Joga um carinho”

Data: 16 de dezembro de 2015 **Observadora:** Marisa Lopes

Escala de registo:

✓ - Sim X - Não ? – Às vezes (aspeto a precisar de melhoria)

Interveniente 1 (I1)	Interveniente 2 (I2)	Interveniente 3 (I3)	Interveniente 4 (I4)
Mãe Isabela	Mãe Gabriela	Educadora Camila	Auxiliar Yasmin

Comportamento das intervenientes	I1	I2	I3	I4
1. Participa em todas as tarefas que lhe são solicitadas	✓	✓	✓	✓
2. Dá sugestões de novas ideias, opiniões, materiais	✓	✓	✓	✓
3. Respeita os filhos, as colegas e seus filhos	✓	✓	✓	✓
4. Expõe/ partilha as suas dúvidas, dilemas, incertezas	✓	✓	✓	✓
5. Mobiliza conhecimentos do seu quotidiano para as atividade	?	X	✓	✓
6. Aceita, de forma positiva, participar nas atividades	✓	✓	✓	✓
7. Está atenta às necessidades e problemas dos outros, tentando ajudá-los na sua superação	✓	✓	✓	✓
8. Aceita as contribuições e sugestões dos elementos do grupo	✓	✓	✓	✓
9. Solicita sugestões aos outros elementos do grupo	✓	✓	✓	✓

No parâmetro abaixo, a estagiária reflete sobre outros pontos relevantes da atividade.

✓ **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a atividade/objetivo...)

Atividade foi implementada no dia 18 de dezembro de 2015 por volta das 15h e terminou por volta das 15h45.

A atividade decorreu da seguinte forma, a estagiária tinha escrito numa bolinha de papel carinhos que as intervenientes deveriam trocar no decorrer da atividade, como por exemplo: dar um abraço a todos os intervenientes da atividade, dar um beijo à minha companheira de equipa, fazer cócegas a todos os elementos do jogo entre outros (cf. imagem).

As equipas eram: educadora Camila e auxiliar Yasmin, a mãe Isabela e sua filha e a mãe Gabriela e a sua filha mais velha. A única regra era um elemento da equipa atirava a bola para a cesta que estava no centro e esse elemento seria alternado (cf. imagem).

✓ **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)

Esta atividade foi muito dinâmica e foi interessante observar as crianças a participar numa atividade na CMI, algo que desde a nossa chegada não foi visível. As intervenientes exclamavam inúmeras vezes “ao tempo que não te dava um abraço”, demonstrando o ponto mais forte da atividade que foi a partilha de carinhos por todas as intervenientes.

Como ponto fraco destaco o número reduzido de participantes, no entanto desta feita a reflexão foi bastante rica, por exemplo a mãe Gabriela disse “nunca vi a minha filha tão contente, amarrou a filha da Isabela com uma alegria”, “gostei muito”.

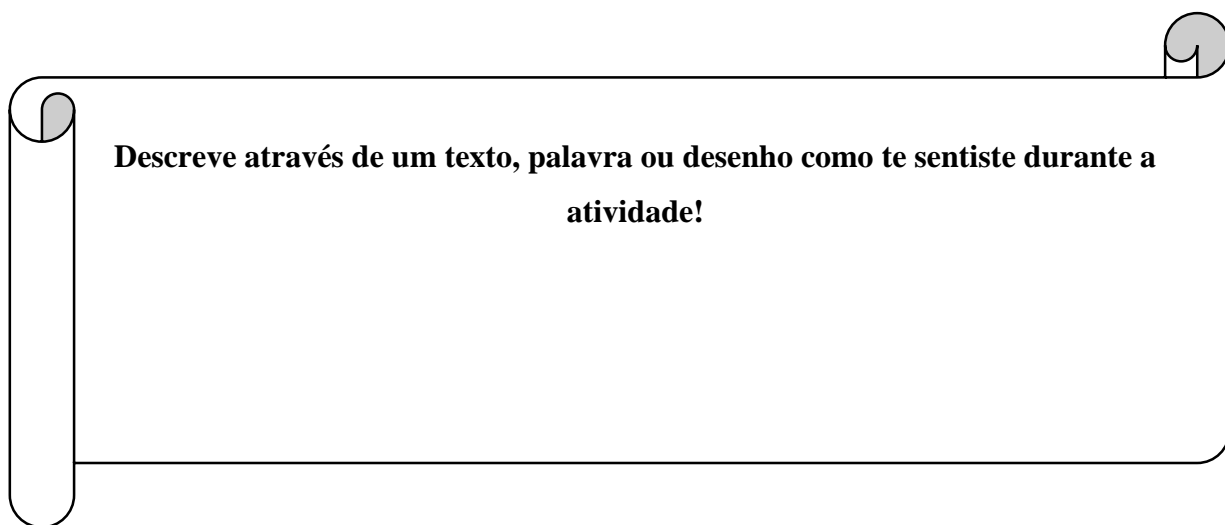
✓ **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)

Na dinamização desta atividade não senti nenhum contratempo. Tinha disponibilidade de todos os elementos, a participação de todos e foi uma atividade muito bem aproveitada por todos os intervenientes, estes riram e trocaram carinhos que não acontecia com regularidade.

✓ **Sugestão de melhoria para a próxima atividade.**

Numa próxima atividade, dadas as circunstâncias julgo ser necessário envolver as filhas das mães, pois estas são atores fundamentais no desenvolvimento de competências pessoais e sociais das mães e na promoção de interações pessoais e sociais de todos os intervenientes na CMI.



A graphic element resembling a scroll, with a central rectangular box containing text. The scroll is drawn with a black outline and has a grey shaded area at the top right corner, suggesting a rolled-up edge. The text inside the box is centered and reads:

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Apêndice 11: Avaliação das atividades que promovem interações positivas

Dês (apego)

14/12/2015

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

=> gerotido. e quando recebi o presente fiquei emocionada, gostei emensa da atividade realizada pela moça, com todo espede a realização dessa atividade mais vezes, um espede um feliz natal e um presente. Ah não para todas as pessoas do mundo da nossa planeta.

14/12/15

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

~~eu~~
- eu me senti emocionada, contente...
quando a Colth me entregou presente eu sentia como a filha dela.

14/12/2015

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

eu fiquei muito emocionada quando a Isadora entregou-me o presente e começou a descrever-me das minhas qualidades até as lágrimas com de contentamento.

14/12/15

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Eu me senti muito emocionado e feliz por saber o que estava dentro do meu querido pacote de presente.

Abraço

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

16-12-2015



Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

16/12/15

- senti tranquila
- Gostei,
- Foi interessante a história dos autos.
- senti contente.

16-12-15

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Eu acho que a atividade foi boa...

16/12/2015

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Durante a actividade eu me senti bem, porque não estava desconfiada com a minha pessoa, sempre compeitei bem por mais que eu tenho os meus defeitos sem lidar com eles de forma que os outros não percebam rapidamente.

Joga um carinho

18-12-2015

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Foi muito divertido e interessante
Pq demos beijos, abraças e fizemos
cossigas uma as outras, coisas que não
fazíamos uma as outras a muito
tempo, gostei muito!

18/12/15

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

→ gostei muito.
→ É divertido.
→ É interessante a dar beijo, abraças, cossigas as outras
→ E também as crianças gostaram e ficaram contente...

18/12/15

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Eu gostei do atividade... porque estou muito divertido eu gostei
porque o meu filho está muito divertido durante a atividade...

Descreve através de um texto, palavra ou desenho como te sentiste durante a atividade!

Durante atividade achei muito divertido,
Senti que estava abraçar e dar beijo, minha
colega, e as despedes da casa, que já fez muito
tempo. que aconteceu isso ♡ 😊 ♡!!!

Apêndice 12: Como as profissionais se apresentaram a outras instituições

22-2-2016

Elá [redacted] operadora de casa Manuela Ingher estou aqui com o tema primeiros socorros espero muito que nós tivéssemos esta formação porque é muito importante no mesmo caso, porque trabalhamos com mães e crianças e no caso acontece alguma coisa para saber lidar com elas e depois encaminhá-las aos centros.

O teu nome é [redacted] da casa Manuela Ingher, o centro acolhe mães solteiras ou dificuldades que precisam mais de apoio em vários níveis. O centro acolhe 3 núcleos famílias jovens com os seus filhos. Pelo voluntariado do caso que ajuda mais os pais e o próprio município. Não pedis o vosso apoio para formos para os nossos bebés na vossa área que é a área de saúde que é essencial para todos. agradecer a vossa ajuda e apoio o vosso contributo. e assim os nossos bebés que são muito felizes e muito saudáveis.

A casa Manuela Ingher é um centro de acolhimento de mães solteiras, com a finalidade de acolher 5 mães, no de filhos 3 com idade compreendida entre os 0 anos. o objectivo principal da casa é relação entre mãe e seu filho, autonomia, higiene saúde e alimentação da criança. Essas formações é muito importante para a casa, principalmente para as mães, para a melhoria das vezes.

Boa tarde [redacted] Hoje vou na casa Manuela Ingher a minha função é educar os pais. esse caso acolhe mães solteiras com os seus filhos que enfrentam dificuldades a nível social económico entre outros, quero convidar-te para ir fazer uma formação na área de saúde porque é muito importante para eles visto a saúde é fundamental a vida do ser humano, e assim eles já sabem o que devem fazer e

→ Casa municipal idêntica → é um centro de acolhimento das mães solteiras que estão a passar por momentos difíceis com os filhos e no centro as mães ficam hospedadas na unidade de 8 meses e na unidade da mãe existe uma pedagogia que feita para mães e pedagogia educativa entre outras actividades, por isso eu como pedagoga do centro estou a trabalhar por lá o centro e colheitas e (as formações são) e a segurança alimentar porque ajudam-lhe como momentos os alimentos e de onde valia para as mães e não só para o centro

Apresentação

A casa municipal surgiu a um centro de acolhimento das mães solteiras, onde tem capacidade para acolher 5 núcleos familiares e no máximo 3 crianças vive a sua abertura no dia 2 de dezembro de 2008, tem como objetivo, ajudar a ajudar a ser autónoma → trabalhar na recuperação das mães e crianças e proteger os direitos das crianças e muito importante a questão financeira porque

ajuda muito do trabalho das mães que passa para esse centro, ainda ajuda muito na autonomia e na educação das filhas.

Apêndice 13: Resultados relativos aos inquéritos aplicados ao longo do programa de desenvolvimento em competências em mobilização de recursos

A tabela que se segue apresenta os resultados obtidos com a implementação do instrumento de avaliação relativamente ao programa de mobilização de recursos, e os resultados obtidos. Tendo em conta que o A significa muito pouco, B significa pouco, C significa suficiente, D significa bom, E significa muito bom e o N significa não respondeu ou resposta inválida e os números dizem respeito à quantidade de profissionais que responderam por grau de preferência a cada questão.

	Sessão 1						Sessão 2						Sessão 3	Sessão 4						Sessão 5						Sessão 6	Sessão 7																	
Descrição do grau de satisfação	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	Dinamizada por identidade externa, mobilizada pela estagiária	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	Dinamizada por identidade externa, mobilizada pela estagiária	A	B	C	D	E	N												
Relativamente à sessão																																												
Foi importante para a dinamização da CMI	0	0	0	4	1	1	0	0	3	1	1	1	Dinamizada por identidade externa, mobilizada pela estagiária	0	0	0	3	3	0	0	0	0	4	2	0	Dinamizada por identidade externa, mobilizada pela estagiária	0	0	1	4	1	0	0	0	1	2	3	0	0	0	1	4	1	0
Foi importante para potenciar o crescimento da CMI	0	0	1	4	1	0	0	0	0	3	2	1		0	0	0	4	2	0	0	0	1	2	3	0		0	0	1	4	1	0												
Foi importante para a minha experiência profissional	0	0	1	3	1	1	0	0	1	2	3	1		0	0	0	2	4	0	0	0	1	2	3	0		0	0	0	5	0	1												
Promoveu a reflexão sobre as minhas	0	0	1	4	0	1	0	0	1	3	2	1		0	0	0	3	3	0	0	0	0	5	1	0		0	0	0	5	1	0												

	- Direta.			- Ter mais formações.			
Pontos fracos	- Falta de Recursos.	- Falta de financiamento e espaço para projetos		- Sem respostas;	- Não saber aproveitar as coisas;		- Sem respostas
Oportunidades	- Mais divulgação da Casa; - A casa vai ser mais conhecida; - Mais regalias;	- Fazer projeto de autossustentabilidade para a casa; - Aprender sobre o que é o empreendedorismo e a sua importância; - ter um espírito mais forte para realizar as nossas ideias; - Integrar as mães no mundo do trabalho; - Saber fazer e colocar em prática;		- Novas formas de trabalhar com o núcleo familiar; - Oportunidade de expressar; - Oportunidade de dizer aquilo que quero, aquilo que tenho de e escolho fazer.	- Conhecer e saber as coisas do jeito que deve ser feito; - Mais procura dos núcleos a entrar na casa; - Encontrar ajuda para o desenvolvimento do centro;		- Surgimento de novas ideias;
Fragilidades	- O espaço da sessão não foi o adequado	- Autoestima baixa, não parar no caminho, seguir em frente.		- Sem respostas;	- Deixar e não colocar em prática; - Não há parceiros;		- Sem respostas

Apêndice 14: Competências profissionais trabalhadas na sessão

Resumo de sessão

CORRESPONSABILIDADE

Sou responsável como os outros

* Ajuda Recíproca
* Objetivo em Comum

Supervisionar o meu trabalho

AUTORREGULAÇÃO

Arcar com as consequências

Estar atenta às minhas práticas

Regular a si próprio

Analisar a minha postura

COOPERAÇÃO

Ação conjunta para uma finalidade

* Líder e colega

* Objetivo em Comum

Ajudar-se mutuamente

* Assistência

ENTREAJUDA

Amparo

Ajudar o colega

* Ajuda Recíproca

* Apoio mútuo com alguém

Apêndice 15: Inquérito por questionário "Caraterísticas do mediador"

Quais as características pessoais do mediador que considera mais importantes? Selecione até 10.

CARACTERÍSTICAS	X
Conhecer os códigos linguísticos da população	
Estar disponível para os outros	
Ser corajoso	
Ser responsável	
Ser flexível	
Ser capaz de ouvir os outros	
Ser prudente	
Ser capaz de identificar problemas	
Conhecer traços culturais dominantes da população com quem trabalha	
Ter raciocínio crítico	
Ser assertivo	
Ser autoconfiante	
Ser empático na relação com os outros	
Ter sentido de humor	
Ser imparcial	
Acreditar no outro	
Promover o diálogo entre pessoas ou grupos	
Ter autocontrolo	
Respeitar o outro	
Ser paciente	
Ser capaz de gerir a comunicação interpessoal	
Ser tolerante ao <i>stress</i>	
Ser criativo	
Ser realista	
Ser resistente às adversidades	
Ser otimista	

Interessar-se pelo bem dos outros	
Ser perseverante	
Ser respeitado na comunidade/grupo	
Tentar resolver os problemas o mais depressa possível	
Ser capaz de gerir a agressividade dos outros	
Ser simpático	
Ser falador	
Saber resolver os conflitos dos outros	
Ser bom observador/estar atento ao que o rodeia	
Estar motivado par aquilo que faz	
Ser muito ativo	
Ser capaz de criar empatia	
Ter bom senso	
Ser tolerante	
Ser empreendedor	
Dominar as competências técnico-científicas	

Apêndice 16: Reflexões das profissionais sobre a importância da mediação nas dinâmicas da CMI

A mediação é importante para casa. Manuela Irgher pt ajuda na resolução de problemas. Pt a partir q mariza começam a trabalhar nisso foi esta a ser feito tratativas entre a casa e instituição

A mediação é muito importante para casa idgher porque é através do dialogo que podemos estabelecer a comunicação e

A Mediação é muito importante para a casa porque serve muito para resolver os problemas os conflitos entre eles, e também serve para ensinar fatos e, escutar desde los prezos, e importante também p um bom relacionamento entre operadores e os hospedes da casa p haver um ambiente de paz - e harmonia

A mediação é muito importante para casa pt Irgher porque quando as mães entram em conflito sabem como e resolver que nenhumas vão ficar prejudicadas, e também se sabem como prevenir, resolver e transferir

A Mediação é importante para a Casa
Manuela e Guilherme porque ajuda na
resolução dos conflitos, trabalha
muito com as mães. Cada um tem o
seu comportamento. Sabendo quem
é o ~~autor~~ autor sabe assim como mais
fácil resolver os problemas.
Com a mediação também quando as
mães estão erradas através do

A mediação de conflito
é importante para CMI
porque na casa existe
grupos de pessoas com
isso é difícil para não
ouvir conflito, porque
cada um age da sua
maneira. com isso é
~~difficil~~ ~~que~~ tudo vai

abreço meu e obrigado a todos
com af

Caríssimos e caros mas
meu dia não mudou
isso não



Reflexão dos casos de mediação:

1. Apresentação/ breve descrição do caso
2. Análise do caso
 - i) Intervenientes
 - ii) Origem da situação
 - iii) Conflito
 - iv) Posições dos envolvidos
 - v) Interesses dos envolvidos
 - vi) Sentimentos e necessidades dos envolvidos

Apêndice 18: Reflexão da sexta sessão do programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais da CMI

Reflexão do programa de desenvolvimento de competências em mediação

Situação/Atividade: sexta sessão com as profissionais do programa de desenvolvimento de competências em mediação

Data: 20 de abril de 2016

1. **Espaço descritivo/interpretativo** (como foi colocada em prática a sessão...)

No dia 20 de abril, dinamizei a sexta e última sessão do programa de desenvolvimento de competências em mediação com as profissionais. Nesta sessão promovi a reflexão das profissionais presentes sobre a importância de um plano de atividades organizado sobre a integração, as formações desenvolvidas durante a estadia das mães na CMI e como é feita a reinserção social das mesmas.

Esta sessão ficou agendada para as 8h pois a auxiliar Aline e Yasmin tinham compromissos inadiáveis às 9h30. No entanto a educadora Aurora e Esmeralda chegaram às 9h. Assim, as duas auxiliares saíram para ir aos seus compromissos, justificando-se “Marisa, desculpa, mas é que preciso mesmo de ir. É um julgamento do meu pai” referiu a auxiliar Yasmin.

Assim, participaram na sessão a auxiliar Valentina e as três educadoras.

Nesta sessão o objetivo foi aprofundar os eixos de intervenção na CMI, nomeadamente a integração, as formações para as mães alojadas na CMI ao longo da sua estadia e a reinserção social.

Em conversa com as orientadoras decidimos focar-nos na integração e reintegração social visto que as competências em formação já tinha sido trabalhado em sessões passadas.

Tendo em conta este objetivo apresentei uma cartolina onde estava escrito “projeto educativo” com duas setas: integração e reinserção social. Contextualizei a necessidade de construirmos estes pontos e perguntei “que atividades fazem para promover a integração social”. A educadora Esmeralda respondeu “há mães que se integram melhor outras pior, não temos atividades específicas, conversamos com elas e apresentamos o regulamento da CMI”. Mesmo assim, questionei “mas das atividades que assistiram quais é que acham que são integradoras?” e

nenhumas das intervenientes respondeu. Assim, mostrei um bloco de dinâmicas de grupo que poderiam ser enriquecedoras para completar os pontos da cartolina. Desta maneira, a equipa educativa enumerou algumas atividades, entre elas, a atividade com o novelo de lã, atividades que abordassem características positivas e negativas de cada pessoa, entre outras. Redigiram na cartolina. Como atividades que promovessem a reinserção social falaram da atividade “empodera-te”, a última sessão com as mães e outras que eu lhes forneci.

Num momento de reflexão a educadora Camila comentou “precisamos de ter isto em ordem, de encontrar atividades para estes momentos”, algo que foi corroborado pela educadora Aurora “é muito importante porque, como aconteceu na VerdeFam, os parceiros querem saber o que fazemos no centro e se não temos isto em ordem fica difícil”. Por isso, a educadora Camila referiu “temos que estudar”.

A educadora Esmeralda afirmou que “organizar estes pontos é importante, com as atividades que já fizeste e outras que podemos pesquisar, iremos completar isto, em equipa, como até agora!”

Esta sessão foi ao encontro daquilo que eu tinha constatado ao longo do meu estágio: muita informalidade no processo de integração e nos outros momentos, não se regem por atividades pedagógicas.

Esta situação foi ao encontro de conversas que tive com a minha acompanhante de estágio: “nós esquecemo-nos que estamos à frente de um serviço, aberto há quase 9 anos, tínhamos mais que tempo para tirarmos uma licenciatura e fazer mestrado, ficamos acomodadas, mas agora sei que preciso mesmo de concluir a minha licenciatura, se não vamos ficar esquecidas”.

Esta sessão foi exigente pois as profissionais na CMI não têm competências académicas e científicas para conceber este plano de atividades e implementá-lo porque quando lhes questionava sobre qualquer atividade que poderia ser dinamizada na CMI elas não respondiam.

No entanto, a reflexão que fizeram sobre a necessidade de estudarem e organizarem estas três dinâmicas deixaram-me realizada, satisfeita e com o sentimento de dever cumprido, pois o meu papel enquanto estagiária é inculcar nas profissionais a consciência das lacunas existentes na CMI e ajudá-las na sua superação.

2. **Espaço de reflexão:** (Pontos fortes da sessão Pontos fracos da sessão. Porquê?)

Neste momento de reflexão sinto que enquanto estagiária tive uma postura assertiva e promovi a reflexão nas profissionais.

Como ponto fraco destaco a ausência de duas profissionais por atrasos de outras.

Por outro lado, penso que o ponto forte foi a reflexão final das profissionais sobre a importância de organizarem atividades promotoras de integração e da reinserção social, bem como a reflexão das mesmas sobre a importância de estudarem para cimentar as aprendizagens efetuadas até ao momento.

3. **Contratempos** (Problemas/Dificuldades/dúvidas)

Na dinamização desta sessão senti alguns contratempos, nomeadamente: a ausência de duas profissionais por razões acima explicadas; distanciamento e inexperiência das profissionais sobre a necessidade de atividades promotoras da integração e da reinserção social.

4. **Sugestão de melhoria para a próxima sessão**

Esta foi a última intervenção “in loco” de atividades na CMI. No entanto espero que toda esta intervenção seja um ensaio para o meu futuro enquanto profissional na área da mediação.

Apêndice 19: Resultados dos inquéritos por questionário implementados ao longo do programa de desenvolvimento de competências em mediação

A tabela que se segue apresenta os resultados obtidos com a implementação do instrumento de avaliação relativamente ao programa de desenvolvimento de competências em mediação. Tendo em conta que o A significa muito pouco, B significa pouco, C significa suficiente, D significa bom, E significa muito bom e o N significa não respondeu ou resposta inválida, os números dizem respeito à quantidade de profissionais que responderam por grau de preferência.

	1ª sessão						2ª sessão (5 pes)						3ª sessão						4ª sessão						5ª sessão (5 pess)						6ª sessão (4 pess)					
Descrição do grau de satisfação	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N	A	B	C	D	E	N
Relativamente à importância da sessão																																				
Foi importante para a dinamização da CMI	0	0	0	4	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	2	2	0
Foi importante para ajudar no crescimento da CMI	0	0	0	2	4	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	2	2	0
Foi importante para refletir sobre as minhas práticas profissionais	0	0	0	2	4	0	0	0	0	2	3	0	0	0	1	0	5	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	1	3	0
Relativamente ao conteúdo																																				
Respondeu às necessidades da CMI	0	0	0	5	1	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	2	2	0

É útil para a minha prática profissional	0	0	1	4	1	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	3	1	0		
É de interesse para a dinâmica da CMI	0	0	0	3	2	1	0	0	0	2	3	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	2	2	0	
Respondeu às minhas expectativas	0	0	0	1	5	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	3	2	1	0	0	1	4	0	1	0	0	0	4	1	0	0	0	0	3	1	0		
É importante para a minha formação pessoal	0	0	0	0	6	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	2	2	1	0	0	0	3	1	0		
É importante para o trabalho com as mães	0	0	0	2	4	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	4	1	1	0	0	0	2	2	1	0	0	0	0	4	0		
Relativamente à metodologia e material utilizado																																						
Adequou-se ao conteúdo	0	0	1	4	1	0	0	0	0	4	1	0	0	0	1	4	1	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	2	2	0	
Facilitou a compreensão dos conteúdos	0	0	1	4	1	0	0	0	0	2	2	1	0	0	0	4	2	0	0	0	0	5	1	0	0	0	1	3	1	0	0	0	0	0	2	2	0	
Os materiais usados foram adequados ao conteúdo	0	0	0	5	1	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	1	4	0	0	0	0	0	0	1	3	0	
Relativamente à minha postura																																						
Estive atenta à sessão	0	0	0	4	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	3	1	0	
Participei durante a sessão	0	0	0	3	3	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	3	1	0	

Esclareci as minhas dúvidas	0	0	0	5	1	0	0	0	1	2	2	0	0	0	0	2	4	0	0	0	1	4	1	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	2	2	0	
Respeitei as outras colegas	0	0	0	4	2	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	1	3	0
Relativamente à postura da estagiária																																					
Foi clara	0	0	0	3	3	0	0	0	0	2	3	0	0	0	0	3	3	0	0	0	1	4	1	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	3	1	0
Respeitou as opiniões das várias pessoas	0	0	0	2	3	1	0	0	0	1	4	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	5	1	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	3	1	0
Esclareceu dúvidas	0	0	0	3	2	1	0	0	0	2	3	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	3	3	0	0	0	0	4	1	0	0	0	0	0	2	2	0
Aceitou sugestões	0	0	0	3	3	0	0	0	0	1	4	0	0	0	0	2	4	0	0	0	0	4	2	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	0	2	2	0

Apêndice 20: Frases simples sobre o "grupo"

- Viver com os outros
- Respeitar os outros
- Relacionar com o outro
- Interagir com o outro
- Várias pessoas com as mesmas características
- Conviver com direitos e deveres
- Ajudar os outros
- Apoiar os outros
- Ouvir os outros

Apêndice 21: Guião das emoções

Guião da Linha das emoções

- Já te sentiste feliz?
- Já te sentiste triste?
- Já te sentiste sozinha?
- Já te sentiste abandonada?
- Já te sentiste envergonhada?
- Já sentiste medo?
- Já tiveste medo, em algum momento, de ser mãe?
- Já ficaste chateada com alguém?
- Já ficaste irritada com os teus filhos?
- Ficaste entusiasmada quando soubeste que ias ser mãe?
- Sentes curiosidade em saber como os teus filhos vão ser quando crescerem?
- Já te sentiste amada?
- Já amaste?
- Ajudas as pessoas?
- Ajudas as pessoas, mesmo quando não te dão nada em troca?
- Já sentiste raiva?
- Já sentiste vergonha de ser mãe?

Apêndice 22: Exemplos de afetos



Apêndice 23: Reflexão das mães sobre os afetos

Afecto por mim quando levante de sono no lado
de minhas filhas e poder dar um beijo por elas

o olhar o meu filho quando
passo os meses no berço
por um beijo por a minha
filha.


é quando encontramos uma pessoa deontu de
deficiente ou paralisado dar um afeto.

dar um beijo nos outros
no caso de dar carinho nos filhos.

quitar de filhos de outros

brincar com um animal,
dar um beijo no namorado ou também
dar um presente a alguém

visitar deontu no hospital ou preso na cadeia
sentir



Afecto - para mim é:

- dar carinho a minhas filhas
- Amar a meu filho
- abraço aos meus amigos
- Amizade a meus familiares
- ajudar algumas pessoas que precisam de alguma coisa
- Ser solidária com as pessoas
- ~~dar beijo~~ Ter paciência com as pessoas
- dar beijo os nossos filhos

Afecto - é quando nós sentimos alguma

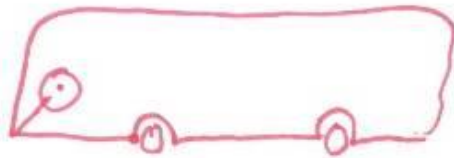
Apêndice 24: Desenhos das mães sobre o futuro



in para a escola. tem o meu
trabalho. pede se pulcio ou ven
den bruceis
Duro como boa educaco para os
milhos filhas.
tam a milha caso proprio-

Meu futuro

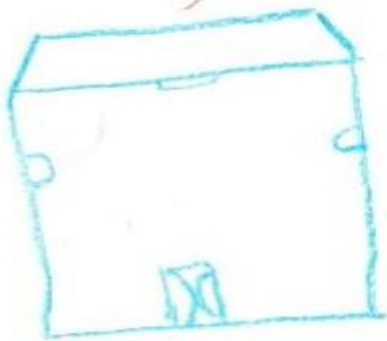
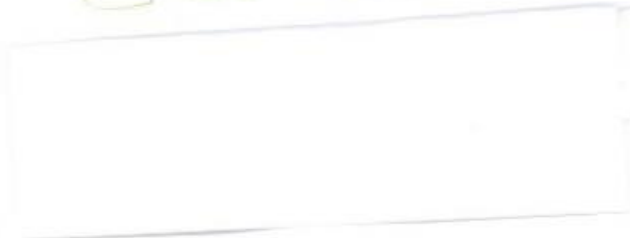
ter uma boa lanche com os milhos
para não engratizar seeds.



é trabalhar para dar
uma boa educação
para os meus filhos e
deixar canelão aos meus filhos e
conversa tudo

Meu futuro

Eu e meus filhos queridos



ir para escola
para terminar
12º Ano para
ser cantora

Meu futuro

Ir para escola para estudar
Ter a minha casa propria e dar
Tudo que a minha filha quer e
Trabalhar





Meu filho tem que ser muito
educado

Eu

quero

Apêndice 26: Instrumento de auto-supervisão da estagiária na dinamização de cada sessão do programa de fortalecimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais com as mães

Pontos fortes	Pontos Fracos
Oportunidades	Fragilidades

Certificado de participação

Este certificado está sendo conferido a _____ pela sua participação nas seguintes ações de formação:

- Desenvolvimento de competências em mobilização de recursos
- Desenvolvimento de competências em mediação

Estas formações decorreram entre 21 de janeiro e 20 de abril de 2016, perfazendo um total de 26 horas.

Santa Cruz, 15 de junho de 2016

Formadora



Reflexão da intervenção da estagiária no clube “agentes da paz”

Esta reflexão tem como objetivo recolher a tua opinião face a toda a intervenção da estagiária, Marisa Lopes, no clube “agentes da paz”. Assim, solicito-te que abordes o que aprendeste nas diferentes temáticas (liderança, relações interpessoais saudáveis, prevenção do bullying, mediação e o voluntariado), o que mais gostaste, o que menos gostaste, como te sentiste e, também que descrevas a postura da estagiária ao longo das sessões.

Espero que sejas totalmente sincero, é uma reflexão anónima e importante para o meu crescimento pessoal e profissional, enquanto estagiária.

Obrigada pela atenção.

Anexos

Anexo 1: Declaração de autorização de divulgação do seu nome no presente relatório da CMI

DECLARAÇÃO

Nós, Manuela Tavares Cardoso, Maria do Nascimento Barreto Martins e Maria Antónia Alves Soares, educadoras e responsáveis pela Casa Manuela Irgher, situada em Santa Cruz, cidade de Pedra Badejo, ilha de Santiago em Cabo Verde, declaramos para os devidos efeitos que:

- A Casa Manuela Irgher autoriza a Marisa Lopes (estudante de nacionalidade portuguesa, que realizou o estágio académico neste centro no ano letivo 2015/2016) a fazer citação ao nome do centro supramencionado ao longo do seu relatório.

Cidade de Pedra Badejo, 20 de Setembro de 2016

Manuela Tavares Cardoso
Manuela Tavares Cardoso
(Manuela Tavares Cardoso)

Maria do Nascimento Barreto Martins
Maria do Nascimento Barreto Martins
(Maria do Nascimento Barreto Martins)

Maria Antónia Alves Soares
Maria Antónia Alves Soares
(Maria Soares)

Anexo 2: Declaração de autorização de divulgação do seu nome no presente relatório da ESACS



ESCOLA SECUNDÁRIA PROF. ALFREDO DA CRUZ SILVA
Telefone Nº (238)2691320 Fax. Nº (238) 2692910 Email: cruzescola@yahoo.com.br

Assunto: Autorização para a utilização do nome da Escola e do Clube " Agentes da Paz"

Eusébio Africano dos Reis Varela, Director da Escola Secundária "Professor Alfredo da Cruz Silva", sediada no Concelho de Santa Cruz, Cidade de Pedra Badejo, ilha de Santiago, C. Verde, por esta via e a pedido da requerente, Sra Marisa Oliveira Lopes (de nacionalidade portuguesa, que se encontrava em Sta Cruz a fazer estágio do Curso de Mestrado em Educação--Especialização em Mediação Educacional e Supervisão de Formação), autoriza-a a fazer menção ao nome da escola supramencionado, bem como o do clube "Agentes da Paz", estritamente para o fim solicitado, isto é, a produção do relatório no âmbito do estágio académico, para a obtenção do Grau de Mestrado.

Cidade de Pedra Badejo, aos 26 de Julho de 2016.



Eusébio Africano dos Reis Varela



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ
GABINETE DO PRESIDENTE

Paços do Concelho - Tel.: 2691510 - CP 52 - Email: Jose.B.Fonseca@cmscz.cv

DECLARAÇÃO

Eu, **José Belmiro da Fonseca**, presidente substituo, da Camara Municipal de Santa Cruz, da ilha de Santiago, Cabo Verde, declaro que a Camara Municipal de Santa Cruz autoriza a Marisa (estudante portuguesa que esteve em Santa Cruz a realizar o seu estagio académico para o Mestrado em Educação- área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação) a mencionar o nome desta Câmara ao longo do seu relatório de estágio.

Por ser verdade e a pedido da interessada, passou-se a presente declaração que vai devidamente assinada e autenticada com o carimbo a óleo em uso neste Gabinete.

O Presidente Substituto


/José Belmiro dos Santos Fonseca/



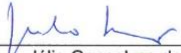
- Ano Internacional das Leguminosas -

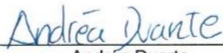
CERTIFICADO

Certifica-se que Mafisa Oliveira Lopes participou na **Formação Geral em Voluntariado para a Cooperação**, que decorreu no mês de julho de 2015 na Universidade do Minho, promovida pelo **Centro de Recursos para a Cooperação e o Desenvolvimento (CRCD) do Instituto de Educação da Universidade do Minho**, pelo **Instituto das Comunidades Educativas (ICE)** e pelo **Centro Missionário da Arquidiocese de Braga (CMAB)**, no âmbito do *Projeto de Voluntariado para a Cooperação Muito Mais Mundo* e do *Projeto de Cooperação Missionária Braga-Pemba*, na qual foram dinamizados *workshops* sobre os seguintes temas, num total de 33 horas de formação:

- Solidariedade, cidadania e voluntariado (3h)
- Conceitos de desenvolvimento (3h)
- Cooperação para o Desenvolvimento (3h)
- Voluntariado para a Cooperação (3h)
- Educação para a Cidadania Global (3h)
- Interculturalidade (3h)
- Metodologia de Projeto (9h)
- Formação Específica (países e áreas de atuação) (6h)

Braga, 27 de julho de 2015


Júlio Gonçalves dos Santos
(CRCD-IE-UM)


Andréa Duarte
(ICE)


Sara Poças
(CMAB)



Anexo 5: Horário das profissionais da CMI

Horas	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
8h Até 18h	Ed. Aurora e aux. Aline	Ed. Camila e aux. Yasmin	Ed. Esmeralda e aux. Valentina	Ed. Aurora e aux. Aline	Ed. Camila e aux. Yasmin	Ed. Esmeralda e aux. Valentina
18h	Ed. Esmeralda	Aux. Aline	Ed. Camila	Aux. Valentina	Ed. Aurora	Aux. Yasmin

Anexo 6: Projeto educativo e a declaração da aceitação do uso das fotografias no projeto educativo



Projeto educativo da Casa Manuela Irgher



IDENTIDADE

▪ **A situação da mulher em Cabo Verde**

Para compreender as dinâmicas da Casa Manuela Irgher consideramos preponderante analisar e refletir sobre a realidade da família, da mulher/mãe e da criança em Cabo-Verde.

Das leituras efetuadas é destacado que o modelo de família em Cabo Verde é “assente num tamanho médio de 4,2 pessoas por agregado familiar (Censo 2010). Os números do QUIBB 2007 apontam que 37,6% das famílias em Cabo Verde são monoparentais, isto é, tem apenas um dos progenitores em casa, sendo que em 67,5% destas famílias a mulher é a principal responsável pelas condições sociais e económicas do agregado. No meio rural, 68,4% das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres; no meio urbano a proporção é de 66,8%.” (Unicef, 2011, p.13)

Observando os dados apresentados podemos concluir que é a mulher a principal figura em contexto familiar, em mais de metade dos casos, sendo que é a mulher a responsável pelas condições sociais e económicas do agregado.

A dinâmica económica e afetiva da família gira em torno da mulher, que segundo as informações da UICEF, deve-se alguns fatores, nomeadamente“(i) pela herança histórica da escravidão que assolou o país por anos e que tinha como princípio a não-existência de laços familiares, e a consequente visão da mulher como procriadora; (ii) por factores económicos que fizeram com que grande número de homens – pais principalmente – tivessem que buscar o sustento no exterior; e (iii) pelo valor cultural atribuído a explicações que colocam a necessidade de homens e mulheres terem filhos, ligado a questões do que é ser homem e mulher o que ocorre de forma significativa, independentemente como algo maior do que a da constituição da família a partir do modelo de família nuclear, e acaba em diferentes configurações de família. Independentemente da razão, existe aceitação por parte da sociedade cabo-verdiana da família monoparental chefiada por mulheres.” (UNICEF, 2011, p.24).

▪ **Caraterização da Casa Manuela Irgher**

A Casa Manuela Irgher é uma instituição de acolhimento para mães solteiras com filhos até aos 8 anos e em situação de vulnerabilidade social, sediada na ilha de Santiago, Cabo Verde, município de Santa Cruz.

Esta instituição foi inaugurada a 23 de Novembro de 2008, iniciou o seu funcionamento a dia 2 de Dezembro de 2008. Durante a primeira fase, a instituição funcionou apenas durante o dia; posteriormente passou a funcionar a tempo inteiro, com acolhimento noturno, a partir de Fevereiro de 2010.

É uma organização italo-cabo-verdiana, que foi idealizada pela Associação Missionária de Solidariedade para o Desenvolvimento (AMSES) italiana com a colaboração da Associação e Desenvolvimento Cabo-verdiana (ASDE) e a Câmara Municipal de Santa Cruz. Na sua génese está uma doação de um casal italiano que perdeu a sua única filha com 17 de idade num acidente de viação a qual tinha manifestado aos pais que, “De grande queria fazer qualquer coisa de útil para humanidade”.

A AMSES projetou a sua intervenção procurando financiamentos e a colaboração de voluntários e assume atualmente as funções de monitorização. A ASDE, cuja responsável é a [REDACTED] [REDACTED] gere o funcionamento da organização proporcionando pessoal responsável pela dinamização da casa. Esta Associação, desde a sua fundação, tem vindo a desenvolver projetos de cooperação e solidariedade em Cabo Verde juntamente com o Centro de Missões Estrangeiras dos Frades Capuchinos de Piamonte, Itália.

A Casa Manuela Irgher insere-se num projeto mais amplo de promoção de desenvolvimento local que inclui também uma pousada, a Casa da Amizade, que acolhe hóspedes e voluntários. Esta pousada tem dois objetivos: criar fontes de rendimento para a Casa Manuela Irgher e proporcionar oportunidades de trabalhos às utentes da Casa Manuela Irgher.

A rotina na Casa Manuela Irgher é feita da seguinte forma: o acordar acontece às 6h30 excetuando os feriados que podem ocorrer às 8h, o pequeno-almoço é às 7h15, excetuando aos feriados que pode ser às 8h15. O almoço é por volta das 12h30, o momento de repouso é entre as 14h e as 15h, o jantar é às 19h30 e às 22h é o momento das mães se irem deitar; às 23h são apagadas as luzes.

▪ **Os destinatários da Casa Manuela Irgher**

A Casa Manuela Irgher promove o acolhimento e atendimento a jovens mães solteiras em vulnerabilidade (o abandono, violência doméstica, problemas económicos e/ou familiares) e sua posterior reinserção social. Os núcleos familiares podem ficar na Casa Manuela Irgher pelo período

necessário e urgente, tendo como referência o período de 8 meses. A Casa Manuela Irgher tem capacidade para acolher até 5 núcleos familiares.

As mães são sinalizadas pelos serviços sociais locais da Câmara e/ou são as educadoras da Casa que, através de um trabalho de instrução territorial, entram em contato com os vários casos sociais. Nestas visitas domiciliárias, as educadoras procuram identificar algumas prioridades: alta, média e baixa. A prioridade alta corresponde aos casos mais vulneráveis, isto é, mães solteiras que têm fortes carências alimentares, saúde, higiene e a má relação mãe-filho. O segundo nível prioritário, a prioridade média, corresponde a casos de mães solteiras que têm alguma precariedade na higiene, alimentação, e um baixo rendimento económico. A última prioridade, prioridade baixa, diz respeito às mães solteiras que não têm trabalho; estes últimos, são raros entrar no centro.

A Casa Manuela Irgher já acolheu mais de quarenta mães e cinquenta e três crianças sendo que a idade média destas mães é dezanove anos.

▪ **Missão**

A Casa Manuela Irgher é um espaço que presta um serviço útil e de qualidade às mães solteiras em vulnerabilidade social de Cabo Verde, acolhendo-as e apoiando-as bem como os seus filhos na construção de um projeto de vida futuro. Para conseguir concretizar esta missão, a Casa Manuela Irgher realiza atividades, atendendo às características do seu público-alvo, aos objetivos e ao regulamento interno.



▪ **Objetivos da Casa Manuela Irgher**

O objetivo da Casa Manuela Irgher é promover o empoderamento pessoal e social das mães. Esta instituição tem como objetivo principal desenvolver nas mães competências sociais de autonomia financeira.

Para conseguirmos alcançar este objetivo é necessário ter em conta outros objetivos, tais como:

- Cultivar nas mães o saber viver em comunidade;
- Promover a relação saudável entre a mãe e filho (s);
- Promover a relação entre a mãe solteira e os seus familiares;
- Identificar e construir um projeto educativo para cada mãe;
- Desenvolver nas mães competências relativas a cuidados a ter com os filhos e com elas (higiene, saúde e alimentação);
- Desenvolver competências sociais (espírito de equipa, respeito pelos outros, saber ouvir, entre outras);
- Desenvolver com as mães um projeto de vida;
- Criar uma rede de parceiros para o funcionamento e dinamização da Casa Manuela Irgher;



Relativamente às profissionais, na Casa Manuela Irgher realizam-se formações com a intenção de reforçar a qualidade do serviço prestado.

Com o intuito de concretizar este objetivo, na Casa Manuela Irgher procura-se:

- Promover o espírito de equipa, através de dinâmicas e trabalho colaborativo;
- Desenvolver programas de formação contínua, em domínios essenciais para intervir com eficácia junto das mães e dos seus filhos;
- Estimular uma dinâmica auto-regulativa das práticas profissionais;



- Desenvolver a capacidade de mobilizar parcerias e recursos para dinamizar a Casa Manuela Irgher;

EIXOS DE INTERVENÇÃO

▪ Acesso à Casa Manuela Irgher

A entrada na Casa Manuela Irgher acontece de diversas formas, casos de mães que chegam ao centro e pedem ajuda, casos sinalizados por vizinhos e conhecidos das profissionais do centro e/ou pelos serviços de Camaras Municipais.

Normalmente, as profissionais acolhem as mães quando é feito o seguinte procedimento:

- ✓ 1ª Visita domiciliaria em que as profissionais conhecem o caso e explicam em que consiste a Casa Manuela Irgher e o trabalho que aqui é desenvolvido;
- ✓ 2ª Visita domiciliaria é uma visita mais aprofundada, em que as profissionais explicam às mães as regras e o regulamento da Casa Manuela Irgher;
- ✓ 3ª Visita domiciliaria é a visita em que as mães conhecem as instalações da Casa Manuela Irgher, preenchem uma ficha de aceitação e conhecem a sua educadora de referência.

▪ Integração

Tendo em conta que a Casa Manuela Irgher é um espaço que acolhe temporariamente núcleos familiares, exige que estes vivam em comunidade. Para viver em comunidade é inculcido nas mães algumas regras de boa convivência, procura-se desenvolver competências pessoais, sociais, comunicacionais e relacionais com as mesmas.

A **integração**, sendo o primeiro momento das mães solteiras e dos seus filhos na Casa Manuela Irgher, é feita de forma informal, convidativa e simples, através de conversas informais e atividades integradoras que promovam o diálogo entre todas as intervenientes.



▪ **Formação**

As mães durante a permanência no centro têm acesso a formações relevantes para o seu empoderamento pessoal e social.

A Casa Manuela Irgher promove ações em que as mães desenvolvem competências na culinária, ensinando-lhes algumas receitas que possam ser úteis para o seu futuro após a estadia no centro. Na Casa Manuela Irgher, as mães aprendem os cuidados de higiene a ter no seu dia-a-dia e a ter com os seus filhos.

Aqui, também são desenvolvidas formações no âmbito de competências relacionais, comunicacionais, sociais e pessoais que fortalecem as relações interpessoais das mães.

Por outro lado, para promover o empoderamento pessoal e social das mães são desenvolvidas formações na área da saúde, nomeadamente em primeiros socorros, maternidade responsável, infeções sexualmente transmissíveis entre outras, para a concretização destas formações contamos com a pareceria do Centro de Saúde de Pedra Badejo e da Verde Fam, entre outros.

As mães, quando possível, têm a possibilidade de participar em formações profissionais no Centro de Formação Profissional de Pedra Badejo em diversas áreas, nomeadamente na área da gestão de pequenos negócios e agronegócios.

Relativamente à equipa educativa da Casa Manuela Irgher, esta frequenta formações com o intuito de reforçar as competências institucionais. Estas formações são da área da mediação para promover uma cultura de paz na Casa Manuela Irgher e relações saudáveis entre todas as intervenientes, prevenir conflitos e saberem lidar com os conflitos que surjam. Frequentaram uma formação em competências de mobilização de recursos, para assim refletirem em equipa sobre as necessidades do centro e procurarem uma solução adequada para as mesmas, saberem estabelecer parcerias e a realizar protocolos com essas parcerias.

▪ **Reinserção social**

A reintegração social das mães e dos seus filhos é feita com base no empoderamento de competências de autonomia financeira, em que as mães procuram um meio de sustento para criarem condições futuras para elas e para os filhos, esta é uma das formas de promover a reinserção social das mães. No entanto e, sempre que possível, procura-se que as mães estudem ou tirem cursos profissionalizantes.



▪ **Possíveis parcerias**

- Câmara Municipal de Santa Cruz
- Centro de Formação Profissional
- Centro de Saúde de Pedra Badejo
- ICIEG- Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género
- Ministério de Educação
- VerdeFam

AVALIAÇÃO

Este projeto educativo está pensado para três anos, sendo avaliado anualmente, no final de cada ano civil. A avaliação final será qualitativa, feita através de focos grupo, conversas grupais onde serão exploradas o grau de satisfação das mães, o cumprimento dos objetivos tendo em conta os resultados obtidos, entre outras coisas.

Por outro lado, a avaliação processual, feita através de focos grupo, será uma análise feita ao longo do percurso das mães na Casa Manuela Irgher, tendo em conta as formações que são dinamizadas durante a sua estadia.

ANEXOS

▪ Recursos humanos

A Casa Manuela Irgher é gerida por três educadoras cabo-verdianas. Estas educadoras foram formadas na Interfaculdade de Educação Profissional da Universidade de Turim, com um curso específico de 8 meses. Durante a sua permanência em Itália, tiveram oportunidade de frequentar estruturas análogas à Casa Manuela Irgher, onde tiveram uma experiência significativa para trabalharem num tipo estrutura totalmente nova em Cabo Verde.

As funções das educadoras são múltiplas, nomeadamente:

- Realizar a primeira e segunda visita domiciliar e posteriormente apresentar o regulamento do centro às mães;
- Escolher o caso a inserir na Casa Manuela Irgher;
- Promover a integração da mãe no centro, isso implica assinar a declaração de aceitação e preencher a ficha do núcleo familiar;
- Cada educadora é referente de uma mãe, isso significa que a educadora acompanha a mãe até ela sair do centro e por isso deve assinar todos os documentos relativos à ligação entre mãe- educadora de referência;
- A educadora de referência deve fazer a observação da mãe, para poder elaborar o projeto educativo;
- Fazer encontros com os delegados de zona com o objetivo de entrar em contato com possíveis casos a inserir na Casa Manuela Irgher;
- Realizar reuniões de equipa;
- Realizar reuniões com as mães;
- Elaborar a ata de cada reunião realizada;
- Organizar encontros com várias entidades patronais;
- Enviar a listas das despesas à diretora da Casa Manuela Irgher;
- Fazer relatório trimestral da Casa Manuela Irgher;
- Promover a gestão do centro;
- Fazer as compras;
- Conferir a alimentação das mães e dos seus filhos;
- Determinar a estadia das mães na Casa Manuela Irgher;
- Conversar com as mães periodicamente;

- Assinar os documentos relacionados com a Casa Manuela Irgher;
- Elaborar o horário de trabalho do centro;

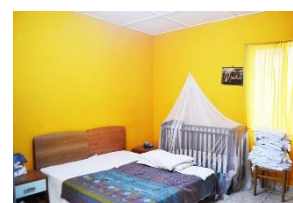
Juntamente com as educadoras trabalham três auxiliares que fizeram um curso durante 2 meses em Itália, cujas funções estão ligadas ao acompanhamento das mães nas questões de higiene, alimentação e saúde, nomeadamente:

- Cuidar da higiene do centro;
- Seguir a higiene das crianças juntamente com as respetivas mães;
- Orientar a alimentação das mães e dos seus filhos;
- Acompanhar as mães nas consultas periódicas;
- Analisar os quartos periodicamente;
- Acompanhar as educadoras nas visitas domiciliares;
- Organizar as compras: higiene e alimentação;
- Elaborar o horário para as mães e os seus filhos tomarem os medicamentos;
- Elaborar o menu das mães e das crianças;

▪ **Recursos Físicos**

A Casa Manuela Irgher é um espaço de acolhimento e apoio aos núcleos familiares em vulnerabilidade social, tendo à disposição dos mesmos, locais que promovam uma estadia confortável e agradável, nomeadamente:

- 5 Quartos para as mães solteiras e os seus filhos. Cada quarto tem capacidade para acolhermos a mãe e, no máximo até 3 crianças;
- 1 Quarto com casa de banho para a profissional que está de serviço em horário noturno;
- Uma cozinha com todos os aparelhos necessários ao bem-estar dos utentes: mesa, cadeiras, fogão, forno, frigorífico entre outras coisas;



- O escritório onde as profissionais organizam o quotidiano da Casa Manuela Irgher;



- O pátio ou espaço fora, que é a porta de entrada da Casa Manuela Irgher, onde é feita homenagem à “Manuela Irgher”;



- A sala de jogo, onde as crianças têm à disposição inúmeros materiais que promovem brincadeiras lúdicas;



- Duas casas de banho;

- Dois armazéns onde são guardados os materiais do centro, tal como as doações feitas;

- Uma horta que fornece ao centro géneros alimentares à Casa Manuela Irgher.



▪ **Recursos Materiais**

A Casa Manuela Irgher é uma instituição de solidariedade social direcionada para mães solteiras e seus filhos em condição de vulnerabilidade social.

Assim, no centro temos à disponibilidade um computador e internet que permite à equipa educativa entrar em contato com outras instituições e com a diretora da instituição. Esta habita na ilha do Fogo.

O centro também tem à disposição alguns jogos e atividades lúdicas que promovam o crescimento reflexivo das crianças e das suas mães.

Sendo um projeto de solidariedade social, a Casa Manuela Irgher recebe donativos e ajudas externas, em géneros alimentares e/ou em materiais pedagógicos: livros, jogos didáticos, que são sempre bem-vindos.

Aceitação da utilização de fotografias



Eu _____ declaro que tomei

conhecimento e autorizo a utilização de fotos com o meu rosto, bem como fotos com o rosto dos meus filhos no projeto educativo da Casa Manuela Irgher, isto porque fui integrante desta.

Assinatura: _____

Data: _____

Anexo 7: Instrumento de autorregulação para as profissionais

<p style="text-align: center;">Monitorização do meu trabalho e atuação profissional ao longo da semana: Como foi a minha semana na CMI?</p>
Data:
O que correu melhor, o que me deu mais prazer realizar, o que mais me impressionou, o que quero destacar de mais significativo para mim a nível profissional? Porquê?
O que ocorreu de novo ao longo da semana: problemas, dificuldades, dúvidas, situações inesperadas...
O que gostava/preciso modificar na minha prática profissional? Porquê

Projeto de autossustentabilidade da Casa Manuela Irgher

A Casa Manuela Irgher é uma instituição de acolhimento para mães solteiras com filhos até aos 8 anos, em situação de vulnerabilidade social, sediada em Santa Cruz na ilha de Santiago, em Cabo Verde.



Esta instituição foi inaugurada a 23 de Novembro e abriu a 2 de dezembro de 2008 e é apoiada por uma organização italo-cabo-verdiana, Associação Missionária de Solidariedade para o Desenvolvimento (AMSES), pela Associação e Desenvolvimento Cabo-verdiana (ASDE) e pela Câmara Municipal de Santa Cruz.

Sendo a Casa Manuela Irgher uma instituição com gastos avultados em produtos para bebés, alimentação para as residentes e/ou custos adicionais como questões de saúde, tendo como único financiamento a AMSES e a ASDE, há a necessidade de criar um projeto de autossustentabilidade para o mesmo. Este projeto de autossustentabilidade, para além de proporcionar mais rendimentos para a Casa Manuela Irgher, também será um contributo para as mães solteiras construírem um projeto de vida futuro promovendo a autonomia financeira das mesmas.

Assim, após uma longa reflexão entre a equipa educativa da Casa Manuela Irgher, a direção da Casa Manuela Irgher, a estagiária da Universidade do Minho e o [REDACTED] [REDACTED], membro da Câmara Municipal de Santa Cruz, investimos na produção agrícola e agronegócios como meios de autossustentabilidade.

Objetivo

O objetivo primordial deste projeto é reforçar a sustentabilidade da Casa Manuela Irgher, para isso é necessário:

- Desenvolver nas profissionais e nas mães competências de agro-negócios;
- Sensibilizar as profissionais e as mães sobre os cuidados a ter na manutenção do espaço deste projeto;
- Dotar as profissionais de conhecimentos que permitam a monitorização do projeto.

Atividades previstas

- Reparar o reservatório de água;
- Criar e manter uma estufa de alfaces;
- Instalar um sistema de rega gota-a-gota;
- Formação com as profissionais e com as mães;
- Plantação das Fruteiras e gestão das vendas;

Recursos

Humanos:

- Formador em agro-negócios;
- Técnicos especializados no sistema de gota-a-gota;
- Operários para construir a estufa, reparar o reservatório de água e plantar as fruteiras.

Materiais e preços:

- **Formação de agro-negócios e hidropónica-**
- **Suporte metálico de reservatório de água-**
- **Sistema gota-gota-**
- **Estufa e acessórios -**
- **Fruteiras+ adubo+ pesticidas-**

Potenciais parceiros

- Camara Municipal de Santa Cruz;
- Centro de Formação Profissional de Santa Cruz;
- Ministério de Desenvolvimento Rural;
- OMCV- Organização das mulheres de Cabo Verde;
- MORABI- Associação de Apoio à Auto-promoção da Mulher no Desenvolvimento;
- ASDIS- Associação para Solidariedade e Desenvolvimento da Ilha de Santiago;
- CRP-SN- Comissão regional de parceiros de Santiago Norte.

Avaliação

Este projeto foi idealizado no mês de abril de 2016 com o intuito de ser implementado no prazo de 1 ano.

A avaliação deste projeto será feita a meio percurso, ou seja, ao fim de 6 meses e depois após 1 ano. Por outro lado, será feita a monitorização da produção através de relatórios trimestrais.

Anexo 9: Protocolo estabelecido com uma instituição da ilha de Santiago e o requerimento para as utentes da CMI



Protocolo de Parceria

Entre a **Casa Manuela Irgher**, adiante designada de **CMI**, instituição sem fins lucrativos, sediada em Pedra Badejo, no município de Santa Cruz, na ilha de Santiago em Cabo Verde, [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], na ilha de Santiago em Cabo Verde e representado pela delegada de [REDACTED] é celebrado o presente Protocolo de Cooperação destinado a promover a colaboração entre as duas instituições.

Apresentação da Casa Manuela Irgher

A Casa Manuela Irgher é uma instituição que acolhe mães solteiras e seus filhos até aos 8 anos, sempre que se encontrem em situação de vulnerabilidade social, prestando-lhes apoio a nível de alojamento, alimentação e educação com vista à construção de um projeto de vida futuro.

Apresentação da [REDACTED]

Conforme o decreto –lei nº 28/2007 de 13 de Agosto, as Delegacias de Saúde são os serviços de base territorial do Ministério de Saúde, integrados na Direcção Nacional de Saúde, revestido da natureza de serviços desconcentrados do Estado, incumbida pela promoção e protecção da saúde, bem como na prevenção, tratamento e reabilitação da doença [REDACTED] [REDACTED]

A [REDACTED] por missão, oferecer um serviço de saúde de qualidade, primando pelos cuidados de prevenção/promoção nas comunidades, orientado pela Política Nacional de Saúde e pelo diagnóstico de saúde local, implementado através de estratégias e políticas sustentáveis em estreita coordenação com os parceiros.

Importância desta parceria

A Casa Manuela Irgher é uma instituição em constante contacto com a comunidade local. Para a concretização da sua missão são necessárias parcerias que colaborem no atendimento adequado às mães e seus filhos. Assim, é de interesse e de comum acordo que se estabelece esta parceria, que se rege pelos seguintes compromissos de ambas as partes.

Compromisso da [REDACTED]

O [REDACTED] compromete-se a:

- Prestar consultas de urgência e programadas, de forma gratuita;
- Realizar exames complementares de urgência aos utentes da CMI, de forma gratuita;
- Prestar consultas na área da saúde reprodutiva (ex. planeamento familiar) de forma gratuita;
- Realizar ecografias às mães, em que é paga a taxa ao técnico;
- Fornecer suplementos de vitaminas a crianças que tenham até 1 ano de idade de forma gratuita;
- Fornecer suplementos de vitamina C e ferro até crianças com 5 anos de idade de forma gratuita;
- Prestar consultas de especialidade: nutrição e psicologia de forma gratuita;
- Fornecer os medicamentos de forma gratuita (período experimental de 3 meses);
- Prestar consultas e fornecer medicamentos a doentes crónicos de forma gratuita;
- Prestar serviço de curativos e injeções de forma gratuita;
- Fornecer produtos de primeiros socorros (ex. betadine, Água oxigenada, entre outros);
- A colaborar na realização formações da área da saúde às mães acolhidas na CMI e às profissionais, tais como:

- Saúde reprodutiva (infecções sexualmente transmissíveis, planeamento familiar, métodos contraceptivos, entre outros.)
- Nutrição;
- Psicologia;
- Higiene e segurança alimentar;
- Maternidade responsável;
- Doenças transmissíveis por vetores;
- Primeiros socorros e como usar o kit de primeiros socorros;
- Outras formações que ambas as partes considerem relevantes.

Estas formações serão agendadas consoante a disponibilidade horária e de recursos humanos da equipa hospitalar.

Compromisso da Casa Manuela Irgher

A equipa educativa da **CMI**, para a dinamização destas atividades, compromete-se a:

- Atualizar todos os meses a lista do número de crianças que estão na CMI para o requerimento de suplemento de vitaminas;
- Cuidar de todos os documentos necessários ao utente, quer o documento de identificação pessoal quer o documento de requisição por parte da CMI;
- Sensibilizar as Educandas para participarem ativamente nas atividades [REDACTED];
- Planificar com antecedência as ações de formação com o [REDACTED];
- Criar condições organizacionais e logísticas para a realização das atividades que ocorram na CMI;
- Notificar a [REDACTED] para a necessidade de formações na CMI;
- Ceder o espaço da Casa da Amizade, sempre que tiver disponibilidade, [REDACTED] para reuniões e/ou atividades sempre que for solicitado com antecedência;
- Colaborar e participar nas reuniões e atividades realizadas [REDACTED];

Duração do acordo

O presente acordo vigorará por um período de 1 ano a partir da data da sua celebração, renováveis automaticamente se nenhuma das partes manifestar interesse por escrito na cessação deste Acordo de Parceria. Neste acordo ficou acertado a necessidade de haver reuniões de 3 em 3 meses.

Pedra Badejo, 21 de abril de 2016

[Redacted signature]

[Redacted signature]

[Redacted signature]

[Redacted signature]

[Redacted signature]

[Redacted signature]

Pedido de requerimento para prestação

de serviços [REDACTED]



Data:

Encaminhamos _____ integrante da

Casa Manuela Irgher, para o seguinte serviço:

- Serviço de urgência
- Consultas _____
- Curativos
- Injeções
- Farmácia
- Laboratório (análise)

Responsável da CMI: _____

Assinatura [REDACTED]

Setor:

Anexo 10: Folheto de divulgação da CMI

Principais atividades desenvolvidas

- Capacitação das mães em cuidados de saúde, higiene e alimentação;
- Desenvolvimento de competências pessoais, sociais e comunicacionais nas mães alojadas;
- Desenvolvimento de pequenos negócios;
- Incubação de pequenos negócios;
- Mobilização de recursos e parcerias para a dinamização da casa.

Se quiser apoiar:

- NIB: 000300007929129310176
- IBAN: 64000300007929129310176

Contatos:

- irgher.caboverde@libero.it
- 2691067

Visita-nos em :

- <http://casamanuelairgher.wix.com/irgher>
- No facebook: Casa de acolhimento de Mães Solteiras-Manuela Irgher



CASA DE ACOLHIMENTO "MANUELA IRGHER"

Casa Manuela Irgher



A Casa Manuela Irgher é uma organização não governamental sem fins lucrativos que está sediada em Achada Fátima, Município de Santa Cruz, na ilha de Santiago em Cabo Verde.



Missão

A Casa Manuela Irgher é um espaço que presta um serviço útil e de qualidade às mães solteiras em vulnerabilidade social de Cabo Verde, acolhendo-as por um período de 8 meses e apoiando-as bem como os seus filhos na construção de um projeto de vida futuro.



Objetivos

A Casa Manuela Irgher tem como objetivos:

- Promover o empoderamento pessoal e social das mães;
- Desenvolver competências de autonomia financeira;
- Fortalecer a relação entre a mãe e o filho(s).



Anexo 11: Website da CMI

<http://casamanuelairgher.wixsite.com/irgher>

Anexo 12: Certificado da intervenção na ESACS



ESCOLA SECUNDÁRIA PROF. ALFREDO DA CRUZ SILVA
Telefone Nº (238)2691320 Fax. Nº (238) 2692910 Email: cruzescola@yahoo.com.br

Declaração

Eu, **Eusébio Africano dos Reis Varela**, Director da Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”, sediada em Santa Cruz, Cidade de Pedra Badejo, para os devidos efeitos, declaro que **Marisa Oliveira Lopes**, de nacionalidade portuguesa, que se encontra em Sta Cruz a fazer estágio do Curso de *Mestrado em Educação-- Especialização em Mediação Educacional e Supervisão de Formação--* prestou serviço voluntário nesta escola, ministrando várias sessões de capacitação aos alunos do 1º Ciclo do E. Secundário (10º ano de escolaridade)- novo sistema em implementação- e 3º Ciclo do E. Secundário (11º e 12º anos)-sistema antigo-, no âmbito do Projecto “*Escola Cidadã, Promotora da Paz e do Desenvolvimento Sustentável*”, coordenado pelo Professor Anastácio Alves Mendes.

Os módulos ministrados foram:

- Grupo de Pares: Liderança.
- Relações interpessoais.
- Bullying/Conflito.
- Mediação.
- Voluntariado.

Por ser verdade e me ter sido solicitado pela requerente mandei passar-lhe a presente Declaração que assino e faço autenticar com carimbo a tinta de óleo em uso neste estabelecimento de ensino.

Escola Secundária “Professor Alfredo da Cruz Silva”, aos 03 de Março de 2016.

O Director

Eusébio Africano dos Reis Varela